



Centro de Competência das Ciências Sociais
Departamento de Educação Física e Desporto

Relatório do Estágio de Educação Física realizado na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros

Relatório apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre
em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário

João Tiago Soares de Figueiredo Bettencourt Medeiros

Orientador:

Professor Doutor Helder Manuel Arsénio Lopes

Co-Orientador:

Mestre Sara Isabel de Olim Andrade Cunha

Funchal, Setembro de 2011

Agradecimentos

Ao meu Pai, Pedro Medeiros, à minha Mãe, Maria João Bettencourt, e aos meus irmãos Pedro Medeiros e Maria Laura Medeiros.

À Sofia Brito e à Paula Brito.

Aos meus grandes amigos André Oliveira, João Raposo e Luis Medeiros.

Às orientadoras de estágio, Mestre Sara Cunha e Doutora Elda Gomes.

Ao Professor Doutor Helder Lopes.

À Direcção Executiva da Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros, e em especial à Doutora Gilberta Camacho.

Aos meus colegas de estágio, Hélder Rodrigues e Laura Silva.

A todos os meus amigos tanto da ilha da Madeira como da ilha dos Açores.

O meu muito sincero e sentido Obrigado.

Resumo

O presente relatório pretende expor o trabalho efectuado ao longo do nosso estágio pedagógico, que se desenvolveu na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros, no ano lectivo de 2010/2011. O núcleo de estágio da respectiva instituição educativa foi constituído por três alunos, finalistas do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, tendo um Orientador Pedagógico e um Orientador Científico, que acompanharam todo o trabalho realizado ao longo do ano lectivo, procurando sempre potenciar o nosso desenvolvimento contínuo e integral.

Através deste relatório final, iremos apresentar as diversas tarefas que realizámos neste ano lectivo, e que se encontram definidas nas linhas programáticas do estágio pedagógico. Todas estas tarefas contribuíram para a nossa formação como futuros docentes, e o conjunto de competências que adquirimos com essas tarefas serão expressas no decorrer do relatório. Também iremos referir o conjunto de mais-valias e dificuldades que encontrámos no estágio, visto que consideramos que esta análise deve ser feita, pois contribui para a nossa evolução pedagógica. Por fim, sugerimos algumas recomendações, que tenham o intuito de melhorar futuramente a nossa actuação como docentes.

As diferentes actividades desenvolvidas no estágio pedagógico serão abordadas neste documento da seguinte forma: Caracterização da Escola; Prática Lectiva (Gestão do processo Ensino-Aprendizagem e Assistência a Aulas); Actividade de Intervenção na Comunidade Escolar; Actividades de Integração no Meio (Caracterização das Turmas, Estudo de Caso e Acção de Extensão Curricular); e Actividades de Natureza Científico-Pedagógica (Individual e Colectiva). Deve ser referido que estas actividades não devem ser vistas de uma forma isolada, mas sim como os meios para atingir uma determinada finalidade, que neste caso foi a nossa formação e evolução como futuros docentes da disciplina de Educação Física.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico; Educação Física; Formação; Aquisição de Competências.

Abstract

This present report exposes all the work done throughout our teaching practice, which was developed in the “Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros”, in the academic year of 2010/2011. The group that integrated the teaching institution was formed by three students, who are finalists in the Masters of Teaching Physical Education in the Basic and Secondary Grades, an Education Advisor and a Scientific Advisor, who followed all the work done throughout the school year, always trying to enhance our continuous and full development.

Through this final report, we will present the different tasks carried out during the school year, which are defined in the programmatic guidelines of our teaching practice. All of these tasks contributed for our preparation as future teachers, and the set of competences that we acquired with those tasks will be expressed in the course of the report. We will also refer the set of gains and difficulties found in the course of the teaching practice, as we consider that this kind of analysis should be made, since it contributes to our teaching evolution. At last, we will suggest some recommendations, with the intent of improving our teaching intervention in the future.

The different activities that were developed in the course of our teaching practice, will be addressed in this document as follows: School Characterization; Teaching Practice (Managing the Teaching-Learning Process and Class Assistance); Intervention in School Community Activity; Integration in the Environment Activities (Classes Characterization, Case Study and Curricular Extension Activity); and Scientific-Pedagogical Nature Activities (Individual and Collective). It should be noted that these activities should not be viewed in isolation, but as the means to achieve a particular purpose, that in this case was our training and development as future teachers of the discipline of Physical Education.

Keywords: Teaching Practice; Physical Education; Formation; Competence Acquisition.

Résumé

Ce rapport est de présenter le travail effectué tout au long de notre pratique de l'enseignement, qui s'est développé dans "Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros" dans l'année académique 2010/2011. L'étage principal de leur établissement d'enseignement a été formé par trois étudiants, finalistes de la Maîtrise en Enseignement de l'Éducation Physique dans l'Enseignement Primaire et Secondaire, avec un Conseiller Pédagogique et un Conseiller Scientifique, qui a accompagné tout le travail effectué tout au long de l'année scolaire, cherche toujours à améliorer notre développement continu et complet.

Grâce à ce rapport final, nous allons présenter les différentes tâches que nous avons fait cette année scolaire, et qui sont définies dans les lignes directrices du programme de la pratique de l'enseignement. Toutes ces tâches ont contribué à notre formation de futurs enseignants, et un ensemble de compétences que nous avons acquise avec ces tâches seront exprimées tout au long du rapport. On fera aussi référence à l'ensemble des gains et des difficultés rencontrées dans notre pratique de l'enseignement, puisque nous croyons que cette analyse devrait être faite, elle contribue à notre enseignement de l'évolution. Enfin, nous suggérons quelques recommandations, qui ont l'avenir pour améliorer notre performance en tant qu'enseignants.

Différentes activités dans la pratique de l'enseignement sera abordé dans le présent document comme suit: Caractérisation de l'École; Les Pratiques d'Enseignement (Gestion du Processus Enseignement-Apprentissage et Assistance à Leçons) Activité d'Intervention dans l'École Communautaire; Activités d'Intégration dans le Moyen (Caractérisation des Classes, Etude de Case et Action d'Extension de Cours); et Activités des Nature Scientifique-Pédagogique (Individuelle et Collective). Il faut noter que ces activités ne devraient pas être considérées isolément, mais comme le moyen d'atteindre un but particulier, dans ce cas était notre formation et de développement que les futurs enseignants de la discipline de l'éducation physique.

Mots-clés: Formation Pédagogique; l'Éducation Physique; Formation; Acquisition de Compétences

Resumen

Este reporte pretende exponer todo el trabajo realizado a lo largo de nuestra práctica docente, que se desarrolló en la "Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros", en el año académico de 2010/2011. El grupo que integró la institución de enseñanza fue formado por tres estudiantes, que son finalistas en el Masters de Enseñanza de la Educación Física en el Nivel Primario y Secundario, un asesor de Educación y un asesor Científico, que acompañó todo el trabajo realizado durante el año escolar, siempre tratando de mejorar nuestro desarrollo continuo y completo.

A través de este reporte final, vamos a presentar las diferentes tareas que hemos hecho este año escolar, y que se definen en las líneas programáticas de la práctica docente. Todas estas tareas han contribuido a nuestra formación como futuros maestros, y el conjunto de las competencias adquiridas con estas tareas se expresa en el curso del reporte. También se hará referencia al conjunto de las ganancias y las dificultades encontradas durante el internado, ya que creemos que este análisis se debe hacer, porque contribuye a nuestra evolución pedagógico. Por último, sugerimos algunas recomendaciones, con el objetivo de mejorar nuestro desempeño como futuros docentes.

Las diferentes actividades desarrolladas en la práctica docente serán discutidas en este documento de la siguiente manera: Caracterización de la Escuela; Las Prácticas de Enseñanza (Gestión del Proceso de Enseñanza-Aprendizaje y Asistencia a las clases); Actividad de Intervención en la Comunidad Escolar; Actividades de Integración en el Medio (Caracterización de las Clases, Estudio de Caso y Actividad de Extensión Curricular); y Actividades de Naturaleza Científico-Pedagógica (Individual y Colectiva). Cabe señalar que estas actividades no deben considerarse aisladamente, sino como el medio para alcanzar un fin determinado, en este caso fue nuestra formación como futuros maestros de la disciplina de Educación Física.

Palabras-Clave: Internado Pedagógico; Educación Física; Formación; Adquisición de Competencias.

Índice

I. Introdução.....	14
II. Caracterização da Escola	16
III. Relações Estabelecidas com os Diversos Intervenientes.....	19
IV. Prática Lectiva.....	21
4.1. Gestão do processo Ensino/Aprendizagem.....	21
4.1.1. Planeamento	23
4.1.1.1. Primeiro Contacto com a Escola	23
4.1.1.2. Planeamento Anual.....	24
4.1.1.3. Unidades Didácticas	26
4.1.1.4. Testes de Condição Física	32
4.1.2. Realização	33
4.1.2.1. Planos de Aula	34
4.1.2.2. Evolução do processo pedagógico.....	37
4.1.3. Avaliação e Controlo.....	41
4.1.3.1. Critérios de Avaliação	43
4.1.3.2. Registos Diários.....	45
4.2. Assistência a Aulas	46
4.2.1. Metodologia	48
4.2.2. Observação geral das aulas	49
4.2.3. Observação das dificuldades do Estagiário no contexto da prática lectiva...	50
4.2.4. Apreciações Finais	51
V. Actividade de Intervenção na Comunidade Escolar.....	54
5.1. Objectivos da Actividade de Intervenção na Comunidade Escolar	55
5.1.1. Objectivo Geral	55
5.1.2. Objectivos Específicos	55
5.2. Estruturação da Actividade	55

5.2.1. Estação 1 - “Corrida da Batata”	57
5.2.2. Estação 2 - “Chinquilho Adaptado”	57
5.2.3. Estação 3 - “Corrida de obstáculos”	58
5.2.4. Estação 4 - “Jogo das Sacas”	59
5.2.5. Estação 5 - “Constrói a frase”	59
5.2.6. Estação 6 - “Prova de alimentos”	60
5.3. Apreciações Finais	61
VI. Actividades de Integração no Meio	65
6.1. Actividades no âmbito da Direcção de Turma.....	65
6.1.1. Caracterização das Turmas.....	65
6.1.1.1. Objectivos da Caracterização das Turmas.....	65
6.1.1.1.1. Objectivo Geral.....	65
6.1.1.1.2. Objectivos Específicos.....	65
6.1.1.2. Metodologia.....	66
6.1.1.3. Informações obtidas através da ficha biográfica	67
6.1.1.4. Análise dos dados obtidos	67
6.1.1.4.1. Análise dos dados obtidos para a turma do CEF “A”.....	67
6.1.1.4.2. Análise dos dados obtidos para a turma do CEF “B”	71
6.1.1.5. Apreciações Finais.....	75
6.1.2. Estudo de Caso	78
6.1.2.1. Identificação dos casos	78
6.1.2.1.1. Aluno 1	79
6.1.2.1.2. Aluno 2	79
6.1.2.1.3. Aluno 3	80
6.1.2.2. Objectivos para os alunos	81
6.1.2.2.1. Objectivos para o Aluno 1	81
6.1.2.2.2. Objectivos para o Aluno 2	81

6.1.2.2.3. Objectivos para o Aluno 3	81
6.1.2.3. Intervenção Pedagógica	82
6.1.2.3.1. Estratégias de Intervenção para o Aluno 1	82
6.1.2.3.2. Estratégias de Intervenção para o Aluno 2	83
6.1.2.3.3. Estratégias de Intervenção para o Aluno 3	84
6.1.2.4. Apreciações Finais	85
6.2. Acção de Extensão Curricular	87
6.2.1. Objectivos da Acção de Extensão Curricular	88
6.2.1.1. Objectivos Gerais	88
6.2.1.2. Objectivos Específicos	88
6.2.2. Estruturação da Actividade	88
6.2.3. Apreciações Finais	91
VII. Actividades de Natureza Científico-Pedagógica	95
7.1. Actividade Científico-Pedagógica Individual	95
7.1.1. Objectivos da Actividade Científico-Pedagógica Individual	95
7.1.1.1. Objectivo Geral	95
7.1.1.2. Objectivos Específicos	95
7.1.2. Contributos do Ensino da Educação Física na Formação Integral dos Alunos	96
7.1.2.1. Formação Integral: Importância no Ensino Escolar	97
7.1.2.2. Domínio Psicomotor/Sócio-Motor	98
7.1.2.3. Domínio Cognitivo	99
7.1.2.4. Domínio Sócio-Afectivo	100
7.1.2.5. Intervenção da Educação Física Escolar na Formação Integral dos alunos	100
7.1.2.6. Papel do Professor de Educação Física na Potenciação da Formação Integral	101
7.1.3. Procedimentos Metodológicos	102

7.1.3.1. Definição do tema e Objectivos.....	102
7.1.3.2. Recolha de informação para o tema	103
7.1.3.3. Conceptualização da Revisão Bibliográfica	103
7.1.3.4. Contactos para recursos espaciais.....	104
7.1.3.5. Divulgação da Acção.....	104
7.1.3.6. Organização e Concepção da Acção	104
7.1.4. Análise da Actividade Científico-Pedagógica Individual	105
7.1.5. Apreciações Finais	107
7.2. Actividade Científico-Pedagógica Colectiva.....	108
7.2.1. Objectivos da Actividade Científico-Pedagógica Colectiva	109
7.2.1.1. Objectivos Gerais	109
7.2.1.2. Objectivos Específicos	109
7.2.2. Enquadramento do tema.....	109
7.2.2.1. Tipos de Barreiras encontradas nas Escolas	111
7.2.3. Metodologia	113
7.2.3.1. Definição do tema e Objectivos.....	114
7.2.3.2. Contactos com Recursos Humanos, Materiais e Espaciais	115
7.2.3.3. Desenvolvimento do programa.....	117
7.2.2.4. Divulgação da Actividade	118
7.2.2.5. Avaliação e Controlo	119
7.2.4. Apreciações Finais	120
VIII. Conclusões.....	127
IX. Recomendações/Sugestões.....	130
X. Bibliografia.....	132

Índice de Quadros

Quadro 1. Âmbitos e barreiras que os indivíduos com NEE podem encontrar, segundo Diaz e Ferreira (2006).....	112
---	-----

Índice de Figuras

Figura 1. Pertinência da acção	122
Figura 2. Divulgação da acção	122
Figura 3. Grau de satisfação pessoal	123
Figura 4. Relação entre a Adequação e a Qualidade do espaço	124
Figura 5. Duração da acção	124
Figura 6. Organização geral da acção.....	125
Figura 7. Clareza/Segurança na exposição dos conteúdos	125

Índice de Anexos

Anexo 1. Exemplo da Estruturação dos Conteúdos de uma Unidade Didáctica.....	139
Anexo 2. Plano de Aula do 1º Período	142
Anexo 3. Plano de Aula do 3º Período	143
Anexo 4. Critérios de Avaliação: Grelha Valorativa para os CEF (Educação Física) .	145
Anexo 5. Ficha de Observação geral das Aulas	147
Anexo 6. Regulamento da Acção de Intervenção na Comunidade Escolar “Louros Tradicionais”	149
Anexo 7. Ficha Biográfica da Caracterização das Turmas.....	152
Anexo 8. Resumo da Acção Científico-Pedagógica Individual - “Contributos do Ensino da Educação Física na Formação Integral dos Alunos”	157
Anexo 9. Resumo da Acção Científico-Pedagógica Colectiva	158
Anexo 10. Questionário da Acção Científico-Pedagógica Colectiva.....	160

I. Introdução

O estágio pedagógico surge como o ponto máximo da nossa formação académica na área da Educação Física e do Desporto, na aplicação de todos os conhecimentos e competências adquiridos durante esse tempo, em contexto de prática lectiva. Tal como Carvalhinho e Rodrigues (2004) referem, a realização de um estágio pedagógico “corresponde a um momento fundamental na formação profissional dos jovens professores” que através do conjunto de experiências vivenciadas ao longo do seu processo “tornam esse momento de formação decisivo na aquisição de saberes pedagógicos diversificados” (Carvalhinho & Rodrigues, 2004, p.111).

Assim, e de acordo com os mesmos autores, a realização de um estágio pedagógico é vista pelo aluno estagiário como o momento mais marcante e com maior significado na sua formação como futuro profissional educativo (Carvalhinho & Rodrigues, 2004), devido aos imensos desafios que ele encontra ao longo do mesmo. Essa constatação reflecte o sentimento por nós sentido em relação ao nosso estágio pedagógico pelo facto de por um lado, sermos confrontados com uma nova realidade mais prática do ensino, em que a formação teórica é posta em aplicação, e por outro em que o conjunto de responsabilidades e situações pouco familiares com que nos deparamos criarem um certo desconforto aquando da nossa actuação como docentes (Piéron, 1996, cit. por Carvalhinho & Rodrigues, 2004).

Consideramos que para alcançarmos o sucesso no estágio pedagógico, isso não depende apenas de nós, havendo uma supervisão pedagógica e universitária que contribuíssem para que esse sucesso fosse possível. Compreende-se então a importância da existência de um orientador científico e de um orientador pedagógico neste processo, visto que a sua intervenção ao longo de toda a nossa prática pedagógica potenciou a nossa evolução de uma forma integral e progressiva, procurando sempre guiar da melhor forma essa evolução.

A realização deste relatório de estágio pretende assim relatar o conjunto de vivências experienciadas ao longo da nossa prática pedagógica, bem como das actividades dinamizadas, expondo uma apreciação crítica e reflexiva de todo o trabalho efectuado na mesma. Este documento não pode ser tomado como algo estaque e final, cuja aplicabilidade não vai para além da sua conceptualização e posterior defesa. O

relatório final deve sim ser visto como um instrumento que sirva para melhorar a nossa futura actividade docente, através do conjunto de aprendizagens e competências adquiridas ao longo do estágio pedagógico, numa perspectiva de continuidade e evolução.

“Atribuir à formação de professores um carácter contínuo e sistemático significa aceitar que esta acontece, com frequência e regularmente, desde as primeiras experiências de formação a que o candidato é professor e sujeito, enquanto aluno, nos bancos da escola básica e secundária, passando pela aprendizagem formal da profissão que se desenvolve nos centros de formação inicial e pelo período subsequente de indução profissional, para se prolongar por toda a sua vida profissional (formação contínua).” (Onofre, 1996, p.75)

II. Caracterização da Escola

Após termos tido um primeiro contacto com todo o processo pelo qual o nosso Estágio passaria e como seria orientado, uma das primeiras acções realizadas foi procurar conhecer a escola em que iríamos desempenhar a nossa função, de forma a saber a realidade com que nos iríamos deparar, em relação aos diferentes recursos disponíveis, grupo de professores de Educação Física a que passaríamos a pertencer e as actividades a desenvolver ao longo do ano lectivo.

Para a elaboração da caracterização da escola, foram utilizados os vários documentos já existentes, nomeadamente, o Regulamento Interno da Escola dos Louros para 2006/2010, o Projecto Educativo de Escola e outros documentos que contribuíram, de uma forma ou outra, para a recolha das informações que considerámos de maior relevância. O *site* da Escola também foi um instrumento útil para a recolha de informação.

A escola que nos acolheu para a realização do estágio pedagógico foi a Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros, que está situada na Rua dos Louros, e que este ano comemorou 20 anos de existência. Esta escola acolhe alunos com diferentes características e diferentes necessidades educativas, tendo, na estruturação da sua organização curricular, um conjunto de componentes de formação bem como uma oferta formativa diversificadas, o que permite dar resposta a essas necessidades, tendo sempre em vista o desenvolvimento multilateral do aluno.

As turmas que nos foram distribuídas para a prática lectiva eram de currículos alternativos, nomeadamente, dos Cursos de Educação e Formação, sendo que a identidade dos alunos, bem como das turmas, será mantida no anonimato ao longo de todo o relatório de estágio.

De realçar que estas turmas, pelas suas características e especificidades, representaram um desafio um pouco diferente daquele que habitualmente os estagiários encontram na sua prática de estágio, mas a nossa escolha desta escola em particular, teve em conta este factor, sendo que considerámos que a leccionação a este tipo de turmas traria grandes vantagens para a nossa futura actuação como docentes de Educação Física, através das competências que iríamos adquirir com as experiências que iriam ser vivenciadas.

Sendo esta uma escola de referência para alunos com Necessidades Educativas Especiais, nomeadamente, ao nível das deficiências auditivas, podemos aferir que a mesma procura garantir as condições necessárias para que estes possam ter uma educação e formação adequadas às suas condições físicas que carecem de aprendizagens e de desenvolvimento de competências diferentes. Estes alunos estão integrados no currículo normal, apesar de possuírem necessidades educativas diferentes, o que implica que a organização das aulas seja adaptada às suas características, para que seja possível a sua inclusão. Esta inclusão também é garantida através da existência de um quadro de recursos humanos específico para estes alunos, havendo um acompanhamento específico feito por auxiliares educativos e professores do ensino especial.

A escola acolhe, para além de alunos com deficiências auditivas, três alunos com deficiência motora, para os quais foram efectuadas adaptações na estrutura física e nos recursos humanos que a escola possui, para garantir que os mesmos tenham um desenvolvimento educativo adequado.

No que diz respeito ao meio envolvente, a Escola dos Louros recebe alunos provenientes, maioritariamente, das freguesias de Santa Maria Maior e de São Gonçalo, zonas essas que se encontram mais próximas da instalação escolar. No entanto também a frequentam alunos de outras freguesias, tais como da Sé, de Santa Luzia e do Monte.

Deve ser referido que, nestas zonas, existem bairros considerados problemáticos, bem como instituições que acolhem crianças e adolescentes que são retirados do meio familiar, visto que o mesmo se torna prejudicial para o seu percurso escolar. Estão associadas a estes dados dificuldades sócio-económicas e a um ambiente familiar instável, factores que podem ser nocivos para o sucesso escolar. Todos estes aspectos foram apresentados pela caracterização das turmas.

Relativamente às condições materiais e espaciais disponíveis para a disciplina de Educação Física, constatámos que a escola possui um ginásio e um Gabinete do Grupo de Educação Física, que fica situado no 2º piso. Possui ainda um campo desportivo polivalente, um pequeno campo relvado, uma arrecadação para o material desportivo, quatro balneários para os alunos (dois femininos e dois masculinos) e um balneário para os professores.

Estas condições, apesar de não serem as ideais, não foram impeditivas de realizar um trabalho com qualidade, e foram potenciadas em prol do desenvolvimento dos alunos, o que exigiu uma grande capacidade de adaptação dos materiais existentes, e até a construção de novos materiais da nossa parte, podendo este factor ser visto como algo positivo, visto que nos levou a procurar criar as condições necessárias para que os alunos tivessem o maior número de experiências possíveis, de forma a atingir os objectivos que pretendíamos.

A Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros, apesar de ser uma escola “jovem”, já apresenta um Projecto Educativo bem definido e com objectivos concretos e variados, tentando desta forma oferecer um leque de actividades bastante abrangente, o que permite incluir alunos com diferentes interesses em projectos que lhes despertem curiosidade, adquirindo ao mesmo tempo conhecimentos que sejam úteis para o futuro.

O Projecto Educativo desta escola deve, então, ser visto como um instrumento estratégico que tem em vista a autonomia da escola, com o intuito de atribuir de uma forma distinta uma identidade escolar, (PEE. p. 3), procurando sempre a evolução e o desenvolvimento ao longo dos tempos, dando princípios orientadores que correspondam à realidade escolar. Este conjunto de premissas foi tido sempre em conta, aquando da nossa actuação como professores estagiários.

III. Relações Estabelecidas com os Diversos Intervenientes

Ao longo do ano lectivo, foram criadas várias relações com os diversos agentes de ensino com quem interagimos no nosso dia-a-dia, que foram essenciais para que a integração na instituição de ensino tenha sido bastante positiva, facilitando de igual modo todo o processo inerente ao estágio pedagógico.

Quanto ao núcleo de estágio, o mesmo foi constituído por três estagiários que nunca tinham tido uma experiência de trabalho conjunta a nível académico, o que logo à partida se apresentou como um desafio, pelo desconhecimento das qualidades e fraquezas que cada um possuía. Contudo, este núcleo foi demonstrando ao longo do ano lectivo uma grande relação de amizade e dedicação, sem nunca descurar a qualidade do trabalho que realizou, tentando sempre procurar potenciar o melhor de cada um dos elementos com o intuito de desenvolver um trabalho sério e competente.

Outro factor que contribuiu para a nossa boa integração na instituição de ensino, passou pelas boas relações criadas com o grupo de Educação Física, que não só ao nível da nossa inclusão nas reuniões e outras tarefas ligadas à disciplina de Educação Física, mas também através das actividades de convívio que saíam do contexto formal da escola, tentou potenciar da melhor forma essa adaptação, fazendo-nos sentir parte integrante desse grupo.

A total disponibilidade e receptividade demonstradas pela Direcção Executiva, não só da parte da Presidente mas também de todos os seus membros, no apoio a todas as tarefas e actividades que realizámos no âmbito escolar, contribuíram de igual modo para uma inclusão rápida e positiva na instituição de ensino, sendo que nunca nos sentimos constrangidos em solicitar auxílio a esse órgão disciplinar. Para além disso, deve ser aqui referido o apoio e receptividade constantes que os restantes elementos da comunidade educativa demonstraram, nomeadamente os auxiliares educativos e os docentes.

Por fim, queremos enaltecer o trabalho dos orientadores científico e pedagógico, que foram fundamentais para o nosso desenvolvimento eclético neste estágio pedagógico, tendo sempre demonstrado total disponibilidade e apoio em todas as decisões e actividades que desenvolvemos, e que procuraram constantemente potenciar a nossa evolução como professores, através da troca de ideias e debate que foram

III. Relações Estabelecidas com os Diversos Intervenientes

sempre ocorrendo ao longo do ano lectivo, não só nas reuniões tomadas a cabo, mas também através de outras formas de contacto indirecto.

IV. Prática Lectiva

4.1. Gestão do processo Ensino/Aprendizagem

De acordo com Bruner (2000, p.11), a espécie humana é a “única espécie que *ensina* de uma maneira significante”. Podemos aplicar claramente esta frase ao ensino actual, em que a prática docente não se deve cingir apenas à “debitação” de conteúdos que são “consumidos” e “reproduzidos” pelos alunos, mas sim à procura constante por parte do professor em estimular a capacidade crítica e a autonomia dos seus educandos. Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A. & Vitória, M.. (2008) referem inclusivamente que o conhecimento deve ser um instrumento para atingir uma determinada finalidade, não devendo ser visto como um fim em si mesmo. Desta forma, o docente de Educação Física deve assumir essa preocupação nas suas aulas, procurando através das características inerentes à disciplina que lecciona, solicitar comportamentos que levem à aquisição de determinadas competências por parte dos seus alunos.

Actualmente, a prática docente na área da Educação Física e do Desporto exige que os seus profissionais possuam competências não só ao nível técnico, mas também ao nível da criatividade, imaginação e inovação, tornando-se assim uma “profissão em mudança pela diversidade de competências e funções a harmonizar, pela sua crescente relevância social e ética, e pela complexidade dos problemas sociais e interculturais que caracterizam os quotidianos das escolas” (Seiça, 2003, p.15).

O mesmo autor utiliza a Lei de Bases do Sistema Educativo, nomeadamente a alínea b) do Artigo 3º, para demonstrar o carácter formativo que tem o ensino, apontando a “formação do carácter e da cidadania” e a estimulação de atitudes reflexivas “sobre os valores espirituais, estéticos morais e cívicos” que a educação deve provocar nos alunos (Seiça, 2003, p.18). Com isto podemos verificar que a educação, e no nosso caso o ensino da Educação Física escolar, deve ter um carácter formativo bem patente, não se devendo limitar apenas pelo ensino das técnicas das diferentes modalidades desportivas, havendo uma preocupação com o desenvolvimento integral dos alunos.

Podemos então considerar que esta é uma actividade profissional com uma especial complexidade, em que o professor se depara muitas vezes com situações na sua

actuação que levam à criação de conflitos consigo próprio, ao ser confrontado com decisões em relação a “cursos de acção igualmente preferíveis ou igualmente rejeitáveis” (Seiça, 2003, p.21-22).

Na fase inicial do nosso estágio pedagógico, essa dificuldade em discernir o melhor caminho a tomar em relação a decisões inerentes à nossa actuação como docentes era visível, fruto da nossa inexperiência a esse nível, pelo que apenas a prática e a aquisição de experiência ao longo do ano lectivo nos permitiu melhorar este aspecto da prática lectiva.

Um dos documentos que serviu como instrumento para guiar a nossa prática pedagógica, facilitando assim a definição dos objectivos que procurámos atingir ao longo do ano lectivo, bem como os procedimentos metodológicos a ter em conta, foi o Programa Nacional de Educação Física adaptado para os Cursos de Educação e Formação. Este documento, apesar de ter sido bastante útil, não foi visto como algo estanque e inflexível, sendo que considerámos o conjunto de adaptações necessárias ao longo da nossa prática pedagógica, no sentido de atingir da forma mais eficaz os objectivos definidos, tanto a curto, como a médio e longo prazo.

Outro aspecto da nossa prática lectiva que foi sendo adaptado e ajustado, consoante as várias situações com que nos fomos deparando em contexto de aula, foi referente aos estilos de ensino utilizados. Essa aplicação da forma mais adequada dos diferentes estilos de ensino nas aulas, foi de certa forma um desafio, visto que a mesma dependeu das inúmeras variáveis que tinham influência no seu funcionamento, tal como se poderá verificar mais à frente, no capítulo referente à evolução do processo pedagógico.

Devemos ainda referir que todo o processo próprio da prática lectiva foi influenciado pela caracterização das turmas, que foi tomada a cabo no início do ano lectivo, visto que os dados retirados nos permitiram compreender a realidade das turmas em que íamos actuar na nossa prática pedagógica, bem como alguns traços comuns que teriam influência nas aulas, tais como por exemplo a motivação geral dos alunos para a escola e para os estudos, ou mesmo a sua posição em relação à disciplina de Educação Física.

4.1.1. Planeamento

4.1.1.1. Primeiro Contacto com a Escola

Antes de termos iniciado a nossa actuação na escola ao nível pedagógico, foi-nos concedida a oportunidade de participar, na semana que antecedeu o início do ano lectivo, na primeira reunião Geral de Professores. Essa reunião foi bastante benéfica para nós, pois tivemos um primeiro contacto com os vários docentes que constituem a comunidade educativa, o que nos permitiu uma integração inicial no seio escolar. Após essa reunião, a orientadora pedagógica fez questão de nos dar a conhecer os espaços da escola, nomeadamente o Departamento de Expressões, as instalações desportivas disponíveis na escola, o Concelho Executivo e a sala de professores.

Neste reconhecimento dos vários espaços físicos da escola, tivemos a oportunidade de falar um pouco com a Presidente do Conselho Executivo, que desde logo demonstrou grande disponibilidade em auxiliar-nos nas mais variadas tarefas associadas com o nosso estágio pedagógico, o que ao longo do tempo se veio a verificar como sendo uma grande mais-valia na concretização de algumas tarefas que nos foram solicitadas.

A par dessa reunião, fomos também integrados na primeira reunião do grupo de Educação Física, o que nos permitiu conhecer os docentes que o constituíam. Nessa reunião, foram-nos dadas as directrizes sobre as quais se rege a disciplina de Educação Física, para que tivéssemos uma melhor ideia do seu funcionamento. Nessa reunião constatámos que as turmas que iríamos leccionar possuíam algumas particularidades em relação às restantes turmas do currículo regular, nomeadamente a forma como era feita a avaliação, visto que os critérios de avaliação consideravam apenas dois grandes domínios de aprendizagem, e o horário semanal definido para a disciplina de Educação Física, que estava limitado a 90 minutos semanais.

Essas especificidades relativas à disciplina de Educação Física para estes cursos alternativos, levaram-nos a considerar desde cedo alguns aspectos ligados à forma como iríamos guiar o processo de leccionação, tais como a forma de rotação dos estagiários pelas turmas, e quais os objectivos que pretendíamos atingir tendo em conta o tipo de características que estas turmas apresentavam.

4.1.1.2. Planeamento Anual

Após termos tido o conhecimento de que as duas turmas que iríamos leccionar eram referentes aos Cursos de Educação e Formação, sendo que o processo de leccionação seria dividido pelos três elementos do núcleo de estágio, foi necessário definir e planear um conjunto de factores, de modo a organizar as nossas acções durante o ano lectivo.

Conforme Faria Jr. (1972), o planeamento passa pela “previsão de todas as etapas do trabalho escolar e a programação de todas as actividades, de forma que o ensino se torne eficaz, seguro e económico”, o que significa que o acto de planear não implica necessariamente antever todos os acontecimentos que irão ocorrer ao longo da prática docente, mas sim antecipá-los, “possibilitando a sua viabilidade de acordo com a realidade presente” (Januário, 1984).

Já Olímpio Bento (1998, p.8) reforça esta ideia da importância do planeamento, acrescentando que o mesmo se refere a “uma reflexão pormenorizada acerca da duração e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina”, o que no caso da Educação Física se mostra fulcral, devido às inúmeras variáveis que podem ocorrer nas aulas, devido às características desta área de ensino. Torna-se assim importante planear, e reflectir sobre todos os processos e as suas consequências inerentes à leccionação, promovendo assim uma melhoria na sua própria forma de actuação nas aulas.

Um dos autores de referência que se debruçou sobre a temática do Planeamento foi Januário (1996), que nos seus estudos refere quatro tipos de variáveis que influenciam o processo de ensino/aprendizagem na leccionação, e que devem ser consideradas aquando do planeamento, sendo elas:

- as **Variáveis de Presságio**, que estão associadas às experiências pessoais do professor, tais como a sua classe social, a sua idade, o seu género, etc., à sua formação académica, que inclui o grau académico, o seu currículo formativo, ou mesmo a experiência que possui na leccionação, e às características que o definem, que podem referir-se às expectativas pessoais, atitudes e valores, conhecimentos que dispõe, entre outras;
- as **Variáveis de Contexto**, que se referem ao ambiente e ao envolvimento onde se centra o processo de ensino/aprendizagem, onde se incluem as características

dos alunos, as suas experiências de vida (como o estatuto sócio-económico, a sua capacidade de socialização, ou o ambiente familiar) e o contexto escolar, da turma e da comunidade em que eles se inserem;

- as **Variáveis do Processo**, que são relativas às inter-relações criadas entre os comportamentos do professor (ensino) e os comportamentos dos alunos (aprendizagem), e as mudanças que ocorrem nos comportamentos dos alunos;
- e as **Variáveis do Produto**, que correspondem aos efeitos sobre a aprendizagem e sobre o desenvolvimento dos alunos, não só numa perspectiva Imediata, como também a um nível Mediato

Posto isto, o primeiro passo que demos no nosso planeamento passou pela organização das matérias de ensino que seriam abordadas ao longo das aulas, de acordo com o tempo disponível para a disciplina de Educação Física. Essas matérias de ensino foram escolhidas, tendo em conta o Programa Nacional de Educação Física definido para os Cursos de Educação e Formação, sendo que a sua definição resultou de um “ajustamento do programa de Educação Física do Ensino Básico” para os cursos deste tipo (PNEF 2005, p.12).

Assim, as matérias de ensino foram distribuídas de acordo com as condições espaciais disponíveis, visto que a escola possui algumas limitações neste sentido, pelo que se procurou rentabilizar esses espaços com as matérias de ensino a abordar. Nesta perspectiva, foi definido que no espaço polidesportivo exterior, seriam abordadas as matérias de ensino inseridas nos Jogos Desportivos Colectivos, nomeadamente o Futebol, o Basquetebol, o Andebol, o Voleibol e o Râguebi. Definimos de igual forma que o Atletismo, mais especificamente a corrida de estafetas, seria leccionado neste espaço. No ginásio interior, considerámos o Ténis de Mesa, o Badminton, a Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos, a Dança e os Desportos de Combate como as matérias a abordar, visto que neste espaço era possível potenciar de uma forma mais eficaz o seu ensino. Contudo a modalidade de Dança, devido às resistências apresentadas pelos alunos, não teve a expressão desejada nas aulas, pelo que foi pouco abordada ao longo do ano lectivo.

Para além destas matérias, tomámos a decisão conjunta de que deveria haver uma abordagem da Orientação e dos Jogos Tradicionais como forma de complemento

curricular, pelo que estas foram inseridas nas actividades de Extensão Curricular e de Intervenção na Comunidade Escolar, respectivamente.

Quanto às instalações desportivas que as turmas ocuparam em cada um dos Períodos, ficou definido pelo grupo de Educação Física que no 1º Período do ano lectivo uma delas iria utilizar um terço do polidesportivo, e a outra ficaria no ginásio, sendo que no 2º Período essa situação se invertia, passando a turma que estava no polidesportivo para o ginásio, e vice-versa. Para o 3º Período, ambas as turmas foram colocadas no polidesportivo exterior. Esta decisão foi tomada, tendo em conta o conjunto de matérias de ensino que decidimos abordar, bem como a ocupação racional dos espaços disponíveis pelas várias turmas existentes na escola.

4.1.1.3. Unidades Didácticas

Tendo sido feito o planeamento anual de todas as actividades e matérias de ensino que seriam levadas a cabo ao longo do ano lectivo, passámos à organização dos diferentes conteúdos ligados à prática lectiva, tendo em conta uma lógica que ia ao encontro dos objectivos que pretendíamos atingir. Essa organização dos conteúdos no âmbito do processo de ensino-aprendizagem foi feita através das Unidades Didácticas, que correspondem a documentos de apoio que possuem uma determinada coerência na sua estrutura, centrando-se nos alunos e nos objectivos traçados para eles.

Essa estruturação de uma Unidade Didáctica pode tomar vários caminhos, dependendo da forma como planeamos a organização dos conteúdos. Assim, Januário (1984) aponta três tipos de estruturação de uma Unidade Didáctica: por qualidades físicas, por repertório motor e por actividades.

Na estruturação da Unidade Didáctica por qualidades físicas, o autor refere que é tido em conta um trabalho mais direccionado para o desenvolvimento das capacidades físicas do aluno. Quanto à estruturação por repertório motor, os conteúdos estão orientados para a resolução de problemas ao nível motor, tendo em conta os alunos e as suas necessidades educativas. Por fim, a organização das Unidades Didácticas por actividades que, segundo o autor “facilita a estruturação dos conteúdos e tarefas de aprendizagem, pela organização em U.D. das actividades da Educação Física; referencia os conteúdos e tarefas de aprendizagem em termos comuns para todos os docentes [...]” (Januário, 1984, p.93)

Ao organizarmos as nossas Unidades Didáticas, recorreremos à terceira forma de estruturação (por actividades) supramencionada, pelas vantagens que esta abarca ao nível do planeamento de acordo com os recursos materiais, espaciais, humanos e temporais existentes. Procurámos dessa forma, através dessa estruturação dos diferentes conteúdos inerentes à prática pedagógica, atingir os objectivos Mediatos e Imediatos que definimos para as turmas que leccionámos. Tal como Almada e col. (2008) indicam, ao abordarem a temática dos Objectivos Mediatos e Imediatos, não é possível fazer uma dissociação destes dois conceitos, visto que ambos se complementam em torno do mesmo propósito, tendo isso sido verificado ao longo do ano lectivo.

Tendo em conta esta constatação, as nossas Unidades Didáticas foram construídas de acordo com as orientações do Programa Nacional de Educação Física adaptado aos Cursos de Educação e Formação, e tiveram como base de referência os Objectivos Mediatos e Imediatos definidos para as turmas, consoante as suas necessidades e características. Visto que os alunos de ambas as turmas em que centrámos a nossa prática pedagógica apresentavam índices motivacionais bastante baixos, devido a vários factores explanados na caracterização das turmas por nós tomadas a cabo no início do ano lectivo, procurámos utilizar a actividade física e as modalidades desportivas abordadas nas aulas para contornar esta lacuna.

Outro dos principais objectivos que definimos nas Unidades Didáticas passou pela promoção de competências ao nível do respeito, da responsabilidade, das atitudes, valores, e da compreensão e cumprimento das regras de conduta, através das tarefas motoras realizadas nas aulas. Esta nossa preocupação em definir uma panóplia de objectivos associados ao Domínio Sócio-Afectivo foi influenciada, em primeiro lugar, pelo défice que os alunos apresentavam a este nível, que era bastante visível nos comportamentos que eles adoptavam nas aulas. Também, pelas informações fornecidas no início do ano lectivo pelos professores com experiência de trabalho com estes cursos alternativos, sobre os alunos que integram este tipo de turmas, alertou-nos para a lacuna existente a esse nível.

Por fim, o facto de os critérios de avaliação definidos para estes cursos serem bastante claros no que concerne à relevância que o Domínio Sócio-Afectivo deve ter na avaliação destes alunos (Anexo 4), mostrou-nos a importância de potenciar um trabalho

ao nível destas competências, o que também influenciou na definição dos objectivos a atingir com as nossas turmas.

Podemos então afirmar que as tarefas motoras realizadas pelos alunos ao longo das aulas não serviram como um fim em si mesmas, mas sim como um meio para alcançar uma finalidade, ou seja, para atingir os objectivos definidos na Unidade Didáctica.

Assim, houve uma preocupação constante em compreender de que forma as várias modalidades desportivas, que tinham sido definidas no planeamento anual, poderiam contribuir para alcançar esses objectivos não só na construção das Unidades Didácticas, mas também ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois sentimos algumas incertezas em determinadas alturas do nosso estágio, quanto à funcionalidade das acções que eram solicitadas em contexto de aula.

Recorremos portanto ao modelo taxonómico das actividades desportivas, referenciado por Almada e col. (2008), para compreendermos de que forma as diferentes matérias de ensino abordadas nas aulas potenciavam o desenvolvimento das competências ao nível Imediato e Mediato nos alunos, procurando desse modo capitalizar cada uma dessas matérias de ensino no sentido de atingir os objectivos definidos.

No que concerne aos Desportos Colectivos, onde estão incluídas as matérias de ensino como o Futebol, o Basquetebol, o Andebol, o Voleibol, e o Râguebi, procurámos, através da dinâmica de grupos patente a este tipo de modalidades, provocar comportamentos nos alunos que levassem à aquisição de determinadas competências que iam de encontro aos objectivos definidos nas Unidades Didácticas. Nessa dinâmica de grupos, em que múltiplos intervenientes têm um papel directo nas acções motoras realizadas, os autores Almada e col. (2008, p.220) afirmam que é “ preciso compreender as interferências que estes grupos provocam, perceber como actuam e como também são alterados os comportamentos de cada um na relação com os outros”. Gréhaigne e Prudente (1989; 2006, cit. por Prudente & Pereira, 2010) reforçam esta ideia, afirmando que uma das principais características dos Jogos Desportivos Colectivos passa pela existência de relações de interacção, não só entre os elementos da mesma equipa, mas também com os adversários, havendo assim uma relação de cooperação/oposição.

Sabendo então que os Desportos Colectivos, segundo a taxonomia apresentada por Almada e col. (2008), constituem um meio que permite potenciar a distribuição das tarefas pelos vários intervenientes dos grupos de trabalho formados nas aulas através da dinâmica de grupos a eles inerentes, procurámos capitalizar esse facto ao longo das aulas em que foram abordadas as matérias de ensino que se incluem neste grupo taxonómico, nomeadamente na solicitação de exercícios que provocavam determinados comportamentos específicos nos alunos, comportamentos esses que ao serem detectados eram corrigidos/melhorados por nós.

Ao termos também incluído um conjunto de matérias de ensino que se englobam no grupo taxonómico dos Desportos Individuais, tais como a Ginástica (de Solo e de Aparelhos) e o Atletismo, na construção das nossas Unidades Didácticas, a nossa preocupação foi a de criar situações de aprendizagem que solicitassem uma capacidade de concentração da parte dos alunos nas tarefas que estavam a realizar, potenciando assim um desenvolvimento a esse nível, sendo esse um dos objectivos definido nas Unidades Didácticas.

Almada e col. (2008, p.257) sublinham que uma das características que define este grupo taxonómico está associada com a capacidade do aluno em “centrar toda a atenção no movimento que pretende realizar e isolar-se, portanto, de tudo o que o possa distrair deste propósito ou desviar a sua atenção”, concentrando-se assim na optimização da sua acção, e potenciando um conhecimento dos seus limites de acordo com diferentes variáveis.

Essa potenciação da capacidade de concentração dos alunos nas diferentes situações de aprendizagem demonstrou ter sido bastante importante ao longo das aulas, visto que inicialmente uma das principais causas para a ocorrência de tantos comportamentos fora da tarefa por parte dos alunos, estava relacionada com a sua incapacidade em se manterem durante muito tempo a realizar o mesmo exercício. Por essa razão, a utilização de matérias de ensino que se inserem neste grupo taxonómico foram essenciais para trabalhar em prol da concretização deste objectivo definido, relacionado com a capacidade de concentração.

No que concerne aos Desportos de Confrontação Directa que foram leccionados ao longo do ano lectivo, mais propriamente o Badminton e o Ténis de Mesa, estes foram abordados com o intuito de criar situações em que houvesse uma relação de “diálogo”

entre os alunos, de modo a que eles explorassem diferentes formas de se superar a si mesmos e aos seus adversários, sem no entanto recorrerem a meios considerados como “incorrectos”. Através dessas matérias de ensino, pretendemos também que os alunos ganhassem a noção de “vitória” e “derrota”, sabendo encará-las de forma cordial, respeitando os seus adversários.

Finalmente, aquando da construção das Unidades Didáticas, os Desportos de Combate, mais especificamente Jogos de Deslocamentos no espaço, de Toques, de Desequilíbrios e de Apoios foram abordados ao longo das aulas, com o intuito de desenvolver capacidades nos alunos ao nível da leitura e tomada de decisão ao serem confrontados com situações críticas. De acordo com Almada e col. (2008, p.252), as características mais marcantes dos Desportos de Combate passam por privilegiar o “conhecimento do “eu” no confronto com situações críticas”, através de uma relação de diálogo com o oponente, ou no caso das aulas, com o colega de grupo.

Através dos diferentes jogos que se incluem nos Desportos de Combate, procurámos que os alunos adquirissem competências ao nível da concentração e da leitura de diferentes situações, procurando reagir da melhor forma consoante a leitura que efectuavam. Acreditamos que os alunos, ao adquirirem estas competências, poderiam transferi-las para outras situações que não se restringissem apenas às trabalhadas na Educação Física, como por exemplo nas aulas teóricas das restantes disciplinas.

Na construção das Unidades Didáticas procurámos englobar diferentes matérias de ensino dentro das aulas, utilizando assim aulas politemáticas ao longo do ano lectivo. Este tipo de aulas foi utilizado como uma forma de motivação, através da variedade de estimulação, que era possível pela inclusão de conteúdos pluri-temáticos bastante semelhantes. Ou seja, aquando da construção das Unidades Didáticas, construímos um conjunto de aulas idênticas, com conteúdos e funções didáticas semelhantes, utilizando várias matérias de ensino que tivessem relações entre si, permitindo através das suas características desenvolver nos alunos determinadas competências.

De forma a que a aplicação dessas aulas politemáticas fosse possível, utilizámos a organização das tarefas das aulas por estações ou circuitos, em que a diversidade de actividades era uma constante. Este tipo de aulas criou-nos inicialmente algumas dificuldades, nomeadamente ao nível do controlo, no entanto com o decorrer do ano

lectivo, os alunos começaram a ambientar-se a esta forma de trabalhar nas aulas, e a nossa actuação nas aulas foi evoluindo.

Apesar de esse tipo de aulas ter sido utilizado, a distribuição dos conteúdos a abordar em cada uma das Unidades Didácticas esteve dependente da rotação das instalações desportivas, sendo que ao construirmos cada Unidade Didáctica, tínhamos em conta as instalações que tinham sido disponibilizadas para a turma em cada um dos Períodos, bem como os recursos materiais correspondentes a essas instalações. Dessa forma, procurámos gerir da melhor forma esses recursos disponíveis, rentabilizando-os ao máximo em prol dos objectivos a alcançar, procurando assim não prejudicar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Deve ser sublinhado que a construção de Unidades Didácticas com várias matérias de ensino, apesar *a posteriori* demonstrar trazer grandes benefícios no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos, é um processo moroso e que nos trouxe algumas dificuldades. Não obstante, consideramos que, apesar de a construção de Unidades Didácticas com várias matérias de ensino ser um processo mais complexo e por conseguinte suscitar mais dúvidas ao longo da sua construção, as mesmas trazem imensos benefícios na potenciação do sucesso dos alunos nas aulas, tornando-se desta forma um meio motivacional bastante útil.

Para finalizar, apesar da intencionalidade na construção das Unidades Didácticas ser a de criar um documento operacional, cuja aplicabilidade passava por facilitar o processo de planeamento e organização da disciplina, através das orientações metodológicas que compunham a sua estrutura, isso no início do ano lectivo não se verificou, visto que as primeiras Unidades Didácticas construídas continham uma carga teórica bastante elevada, possuindo bastantes informações e chegando inclusivamente a ser muito detalhadas em alguns aspectos.

Essa carga teórica elevada, apesar de ser importante na definição e compreensão de alguns aspectos relativos à nossa actuação nas aulas, como por exemplo os recursos disponíveis, as estratégias de intervenção pedagógica que seriam utilizadas nas aulas, ou mesmo de que forma a avaliação iria ser guiada ao longo do ano lectivo, a informação colocada foi-se tornando repetitiva, mais especificamente aquando da construção das outras Unidades Didácticas, o que não tornava a Unidade Didáctica tão operacional.

Julgamos então que futuramente o processo de construção das Unidades Didácticas pode ser guiado de outro modo, sendo criado no início do ano lectivo um documento único com todas essas informações detalhadas acerca da identificação/caracterização das turmas, calendarizações, estratégias de intervenção pedagógica, recursos disponíveis ao longo do ano lectivo, e como será efectuada a avaliação e controlo.

Dessa forma, as Unidades Didácticas propriamente ditas passam a ser constituídas apenas pelos objectivos e competências a desenvolver nos alunos, os conteúdos e sua estruturação nas aulas, e justificação dessa estruturação, criando-se assim documentos mais operacionais para consulta.

4.1.1.4. Testes de Condição Física

Segundo o Programa Nacional de Educação Física definido para estes cursos, uma das finalidades da Educação Física passa por “melhorar a aptidão física, elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno”, devendo de igual forma “promover a aprendizagem de conhecimentos relativos aos processos de elevação e manutenção das capacidades físicas” (PNEF, 2005, p.4). Nesta óptica, considerámos que a realização de um trabalho mais ligado às capacidades físicas dos alunos seria uma das formas de cumprir com essas finalidades.

Posto isto, optámos por dedicar uma aula para a aplicação de testes de condição física, utilizando a bateria de testes do *Fitnessgram*. A sua aplicação ocorreu na segunda aula do 1º Período, com o intuito de verificar qual o nível de condição física que os alunos se encontravam no início do ano lectivo. Conseguimos apurar com essa avaliação, que os alunos variavam os seus resultados nos testes entre o nível Fraco e o nível Saudável, não tendo sido encontrado um padrão comum dentro de cada uma das turmas.

No entanto verificámos que o teste que apresentou resultados menos satisfatórios foi o do vaivém, visto que praticamente todos os alunos de ambas as turmas (à excepção de dois alunos que atingiram o nível Saudável) se encontravam num nível Fraco, o que apontava para uma baixa resistência na sua generalidade. Apurámos de igual forma que

os testes que obtiveram resultados mais regulares foram os relativos à flexibilidade de ombros, estando a maioria na zona Saudável.

Com a aplicação destes testes onde obtivemos dados que nos indicaram a zona de aptidão física em que os alunos se encontravam, não pretendemos potenciar uma evolução das suas capacidades condicionais com as aulas de Educação Física, até porque o tempo semanal dedicado para a disciplina era insuficiente para que esse desenvolvimento fosse possível, tendo a eficácia desejada. O que pretendemos com estes testes foi compreender quais eram as capacidades condicionais dos nossos alunos, numa perspectiva de lhes alertar para a importância da actividade física e da saúde nas suas vidas, procurando inculcar-lhes uma consciencialização nesse sentido.

Os resultados obtidos com a aplicação da bateria de testes *Fitnessgram* foram fornecidos aos alunos individualmente, tendo sido rentabilizada uma aula teórica que surgiu devido à falta de condições climáticas favoráveis para a realização de uma aula prática, pelo que utilizámos essa aula para abordar alguns pontos relacionados com a manutenção ou melhoria da aptidão física.

Foram também facultados aos alunos alguns documentos de apoio, fornecendo assim um instrumento de trabalho caso eles tivessem intenções de trabalhar individualmente a sua condição física fora das aulas de Educação Física. Consideramos que apesar de não termos actuado directamente na melhoria da condição física dos alunos dentro das aulas, devido às condicionantes já referidas, procurámos sensibilizá-los no sentido de perceber a importância da actividade física no seu quotidiano, dando-lhes ferramentas que lhes permitissem guiar o seu processo de desenvolvimento da condição física de uma forma autónoma.

4.1.2. Realização

Na prática lectiva, o culminar de todo o planeamento efectuado surge com a sua transformação em realidade, ou seja, com o sucesso pedagógico obtido na aplicação desse planeamento nas aulas. Todavia, esse sucesso pedagógico na disciplina de Educação Física só é possível, tal como refere Carreiro da Costa e col. (1996), através da competência do professor em interligar as suas capacidades de diagnosticar, transmitir instruções aos alunos, gerir a aula, e corrigir comportamentos, adaptando o

seu estilo de ensino aos diferentes contextos e necessidades formativas dos alunos, numa perspectiva de melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Sabemos que o ensino nesta área disciplinar é um processo complexo e caracterizado pela incerteza, devido às inúmeras variáveis que podem influenciar o contexto das aulas. Desta forma, e segundo Carreiro da Costa e col. (1996, p.26) “a actividade educativa nesta área disciplinar exige do professor tanto a capacidade de resolução de problemas, como a capacidade de reflectir sobre os fins, os objectivos, e os resultados do seu trabalho”.

Neste capítulo, iremos apresentar de que forma o planeamento realizado teve influência na nossa prática lectiva, focando a sua operacionalidade nas tarefas tomadas a cabo ao longo desse processo, fazendo de igual forma referência à evolução sofrida com o decorrer do nosso processo pedagógico, tendo em conta a complexidade e incerteza referidas, que caracterizam o ensino da Educação Física.

4.1.2.1. Planos de Aula

Um plano de aula deve ser um documento prático para as aulas, que sirva como um instrumento de auxílio à actuação do professor, devendo conter informações relevantes e que vão de encontro a essa operacionalidade. A elaboração de um plano de aula está bastante dependente de quem o constrói, visto que o mesmo deve procurar ser algo funcional para quem o utiliza, servindo assim como um guião da aula que vai ser leccionada. De acordo com Aranha (2004), a constituição dos planos de aulas deve incluir os respectivos pontos: Escola de leccionação, Professor responsável, Data e Hora da aula, Ano e Turma a que a aula vai ser leccionada, Nº de aula a que corresponde e respectiva UD, Instalação onde a aula vai ocorrer, Objectivos Específicos que se pretendem atingir, Função Didáctica, Conteúdos a leccionar, Objectivos Operacionais, e por fim Material necessário.

Na construção dos nossos planos de aula, muitas dessas informações foram contidas, todavia procurámos também incluir outras informações que na nossa perspectiva eram úteis para o auxílio da nossa actuação nas aulas, tais como uma representação gráfica de cada um dos exercícios, os critérios de êxito esperados para cada exercício, as estratégias a utilizar, o tempo útil e de aula de cada exercício, e por

fim um pequeno espaço em que eram colocadas as observações que considerávamos pertinentes, bem como um pequeno balanço da aula leccionada.

Estas informações adicionais foram para nós bastante úteis, porque a estruturação das aulas englobava sempre exercícios bastante variados e diversificados, por questões motivacionais (visto que os alunos apresentavam melhores resultados com aulas deste tipo), o que implicava na maioria das vezes uma constante reorganização do espaço de aula em relação à montagem de materiais, bem como uma adaptação de várias estratégias diferenciadas dentro dos próprios exercícios, de forma a manter os alunos motivados para as tarefas solicitadas.

Inicialmente, houve alguma indefinição da nossa parte em relação àquilo que deveria estar incluído nos planos de aula, o que levou a que os planos iniciais possuíssem bastante informação, estando inclusivamente muito descritivos e detalhados, tornando a sua consulta em situação de leccionação um pouco difícil. Contudo, ao longo do ano lectivo, fomos aperfeiçoando a sua realização, procurando ajustar a informação colocada, de acordo com a operacionalidade que lhe dávamos.

Desta forma, a primeira acção passou por definir o que realmente deveria constituir o “corpo” do plano de aula, e de que modo essa informação seria útil ao longo das aulas. Decidimos que o mesmo deveria seguir o modelo tripartido, referindo as diferentes fases de actuação das aulas, mais propriamente a fase inicial, a fase fundamental e a fase final. A fase inicial correspondia à revisão dos conteúdos abordados na aula anterior, à apresentação dos conteúdos que seriam abordados na respectiva aula, demonstrando a lógica de interligação com as aulas anteriores, e à activação cardio-respiratória e músculo-esquelética dos alunos.

Foi colocada também uma segunda fase, correspondente à fase fundamental, em que estavam explanadas as diferentes tarefas motoras a solicitar ao longo das aulas, que serviam como instrumentos para atingir os objectivos específicos para ela definidos. E por fim, foi contemplada a fase final, onde era realizado um balanço final das várias ocorrências das aulas, fazendo um pequeno resumo da actuação de cada aluno individualmente.

Uma das alterações que considerámos no decorrer do processo de construção dos planos de aula cingiu-se às diversas informações que nele queríamos que constassem.

Inicialmente os planos de aula possuíam uma coluna referente aos objectivos operacionais de cada uma das tarefas da aula, porém muitas das informações nela contida já se repetiam na estruturação dos conteúdos da Unidade Didáctica. Considerámos então que essa coluna deveria deixar de constar nos planos de aula, passando apenas a encontrar-se na coluna dos “Objectivos” da estruturação dos conteúdos das Unidades Didácticas (Anexo 1).

Outra das modificações que foi sendo feita ao longo do 1º Período, foi relativa à associação dos critérios de êxito que esperávamos que fossem cumpridos à coluna dos conteúdos das aulas. Desta forma, ao apresentarmos cada um dos conteúdos da aula, já eram explicitados os seus critérios de êxito, ou seja, aquilo que esperávamos que os alunos realizassem.

Finalmente, optámos por interligar as condições de realização dos exercícios, às possíveis estratégias a adoptar em cada um deles, tais como a organização dos grupos, as condicionantes dos exercícios, a diferenciação das solicitações consoante o nível de proficiência dos alunos, entre outras. Com esta coluna única, era-nos mais fácil em contexto de aula consultar a disposição dos grupos de cada exercício, bem como as diferentes estratégias que tínhamos planeado adoptar, tornando-se assim mais fácil adaptar a nossa actuação aos diferentes contextos.

Assim, e tal como se pode verificar na comparação entre os Anexos 2 e 3, todas as adaptações e ajustes que tivemos em conta ao longo do processo de elaboração dos planos de aula, contribuíram para a construção de um instrumento de consulta que para nós se mostrou bastante útil nas aulas. No entanto, temos consciência de que apesar de procurarmos sempre antecipar todas as variáveis passíveis de suceder em contexto de aula, o espaço de aula é um sistema aberto, susceptível à ocorrência de inúmeros factores que influenciam o seu funcionamento e a forma como ela se desenrola, pelo que muitas vezes sentimos a necessidade de recorrer à nossa capacidade de adaptarmos a nossa actuação às situações que não tinham sido equacionadas.

Com isto queremos salientar que não devemos prender a nossa actuação apenas ao que se encontra discriminado no plano de aula, temos também de ser capazes de ajustar a nossa acção às diferentes situações que ocorrem nas aulas, devendo assim haver um equilíbrio entre a utilização dos planos de aula e a capacidade de nos adaptarmos aos vários contextos.

4.1.2.2. Evolução do processo pedagógico

Findada cada uma das aulas por nós leccionadas, era realizado um pequeno balanço em que expúnhamos os aspectos que considerávamos terem sido positivos e negativos na nossa actuação, deixando algumas recomendações que considerávamos pertinentes para as aulas seguintes. Através desses balanços, procurávamos melhorar o processo de leccionação, identificando aspectos ou ocorrências das aulas que condicionavam a nossa forma de actuar, ou mesmo situações da própria aula que mereciam algum tipo de destaque, pelo seu sucesso ou insucesso.

Em cada um dos balanços, concentrámos a análise em dois principais parâmetros: o primeiro parâmetro relacionado com aspectos inerentes à aula em si; e o segundo em relação à actuação do professor dentro da aula. A partir desses dois parâmetros, subdividimo-los, de acordo com aquilo que pretendíamos analisar dentro deles. Assim, no primeiro parâmetro a análise centrou-se no cumprimento ou não dos objectivos traçados para a aula, na eficácia de um determinado exercício ou estação, nos índices motivacionais dos alunos na aula, nos comportamentos fora da tarefa assumidos pelos mesmos e razões para a sua ocorrência.

Relativamente à actuação do professor estagiário nas aulas leccionadas, analisámos questões mais relacionadas com a transmissão do *feedback* pedagógico, com o deslocamento pelo espaço de aula, com a relação entre professor e alunos, com o controlo da turma, e com a capacidade de adaptação às diversas ocorrências da aula. Com a observação e análise crítica destes sub-parâmetros, procurávamos melhorar a nossa intervenção pedagógica, utilizando as ilações retiradas dessas observações nas aulas seguintes.

Uma das principais dificuldades sentidas na nossa actuação pedagógica, que se verificou desde o início do ano lectivo, esteve relacionada com o controlo das turmas, visto que os alunos assumiam, tendencialmente e de forma constante comportamentos desviantes aquando da realização das tarefas solicitadas, o que dificultava a nossa capacidade em controlar todas as variáveis das aulas. Essa relação entre os comportamentos fora da tarefa e as implicações que tinham nas aulas, influenciou directamente os estilos de ensino utilizados, visto que os mesmos foram adoptados de acordo com aquilo que pretendíamos realizar nas aulas e o que realmente ocorria. Esses estilos de ensino, de acordo com Mosston e Ashworth (1986; 1994, cit. por Sena Lino,

2009) estão associados às relações que se verificam entre o professor e os seus alunos, as tarefas solicitadas nas aulas, e as suas consequências no desenvolvimento dos alunos.

Confrontados com tudo isso, optámos por adoptar inicialmente um estilo de ensino que implicava um maior comando da nossa parte, onde era visível uma maior reprodução por parte dos alunos, e em que era indicado em cada uma das tarefas solicitadas o que se pretendia de uma forma bastante clara e discriminada, sendo essas indicações cumpridas pelos alunos, passando assim a sua preocupação por apenas dar uma resposta adequada ao solicitado. Neste estilo de ensino utilizado, recorriámos a um estímulo sonoro (apito), o que nos permitia controlar o ritmo a que as tarefas se desenrolavam, tal como se verificou, a título de exemplo, nas primeiras aulas de uma das turmas em que foi abordada a Ginástica de Solo, onde os alunos ao sinal definido, efectuavam as respectivas tarefas motoras.

Este estilo de ensino por comando, apesar de ter apresentado os resultados desejados no que diz respeito ao controlo das turmas, não potenciava uma individualização do ensino, tendo apenas a função de controlar melhor as variáveis das aulas. Assim, ao termos conseguido desenvolver um conjunto de rotinas de trabalho com os alunos e criar uma relação mais próxima com eles, adquirindo consequentemente um maior controlo das turmas, fomos assumindo novas preocupações, mais ligadas às suas aprendizagens nas aulas, o que nos levou a adoptar outros estilos de ensino que possibilitassem uma maior autonomia, permitindo aos alunos assumir determinadas decisões dentro de cada uma das situações de aprendizagem.

Desta forma, procurámos desenvolver a nossa actuação, adoptando diferentes estilos consoante as situações de aprendizagem, e as intencionalidades que tínhamos com cada uma delas, variando essa actuação dentro do espectro de estilos de ensino. Com essa procura de uma maior individualização do ensino, dando aos alunos uma maior autonomia dentro das tarefas, possibilitou-nos concentrar a nossa actuação em outros aspectos, tais como na transmissão de *feedbacks* pedagógicos aos alunos, que começaram a ocorrer de forma mais constante e eficaz, ou mesmo nas preocupações no que diz respeito à forma como nos deslocávamos dentro da “sala de aula”.

Em relação aos estilos de ensino utilizados, os mesmos favoreceram a aquiescência cognitiva, tendo sido potenciada a reprodução do que já era conhecido

pelos alunos, através de memorização e evocação. Posto isto, podemos afirmar que de acordo com o espectro dos estilos de ensino, a barreira da descoberta não foi ultrapassada, apesar de considerarmos que em algumas situações de aprendizagem foi potenciada a produção de novo conhecimento, o que indica que em determinadas alturas essa barreira foi transposta.

Posto isto, os estilos de ensino mais frequentemente adoptados foram o estilo de ensino por Tarefa, Recíproco e Inclusivo. No estilo de ensino por Tarefa, procurámos criar situações de aprendizagem em que os alunos realizassem as tarefas solicitadas procurando o maior sucesso possível, e a nossa actuação se baseava na transmissão de *feedbacks* individuais, acompanhando a evolução de cada um dos alunos. As situações de aprendizagem em que este estilo de ensino era adoptado, eram mais referentes a exercícios que envolviam a manipulação de um objecto, como por exemplo no Ténis de Mesa e no Badminton, onde o trabalho realizado pelos alunos era mais individual.

Quanto ao estilo de ensino Recíproco, as situações de aprendizagem eram realizadas a pares, ou por grupos de três alunos, em que os seus objectivos passavam por desenvolver uma capacidade de transmissão de *feedback* por parte dos alunos, visto que o auxílio nas tarefas era feito pelo colega de grupo. Esta forma de trabalho nas aulas permitia-nos criar relações de sociabilização e companheirismo dentro das turmas, indo assim ao encontro de um dos objectivos mediatos que definidos para estes alunos, relativo à melhoria das relações de respeito, através de atitudes de inter-ajuda, de cooperação e de cordialidade.

Já no estilo de ensino Inclusivo, a sua utilização teve o intuito de, através das mesmas tarefas, diferenciar os objectivos a atingir de acordo com os níveis de proficiência dos alunos, promovendo assim uma maior individualização do ensino. Por outras palavras, procurámos através das tarefas motoras solicitadas, criar as condições para que os alunos tivessem sucesso na sua realização, adequando essa tarefa às suas capacidades individuais. Este estilo de ensino mostrou ser uma ferramenta bastante útil na motivação, pois promovia uma inclusão mais adequada de todos os alunos na mesma tarefa.

Este estilo de ensino foi frequentemente utilizado em situações de jogo reduzido e condicionado nos Jogos Desportivos Colectivos, em que as regras dos diferentes jogos eram adaptados às necessidades e dificuldades dos alunos, potenciando assim o seu

sucesso. Um exemplo disso foi na utilização da situação de jogo reduzido 3x3 no Voleibol, em que os alunos menos proficientes eram autorizados a dar dois toques consecutivos na bola, ou mesmo a deixar que a bola de voleibol tocasse uma vez no chão, antes de realizar a sua acção. Com estas alterações das regras da matéria de ensino, os alunos com menores capacidades eram capazes de se incluir na tarefa, e de ter sucesso na mesma.

Aqui, a formação de grupos de trabalho nas aulas foi bastante importante, pois a sua organização prévia tinha uma influência directa nas condicionantes possíveis a aplicar. Posto isto, a formação de grupos homogéneos ou heterogéneos era feita consoante aquilo que pretendíamos que os alunos alcançassem com o exercício.

Um estilo de ensino que também foi utilizado nas aulas, embora de uma forma menos ostensiva, foi o estilo de ensino por Descoberta Guiada. A sua utilização verificou-se principalmente nas situações de aprendizagem associadas aos Desportos de Combate, em que os alunos, através das tarefas solicitadas, procuravam encontrar várias formas para solucionar o mesmo problema (que poderia consistir em remover o colega do espaço delimitado, utilizando diferentes partes do corpo, em procurar formas de retirar os apoios do colega, entre outras situações de aprendizagem aplicada nas aulas).

Em determinadas situações de aprendizagem, e com um grupo restrito de alunos, este estilo de ensino também foi utilizado, visto que esses alunos demonstravam uma maturidade que lhes permitia explorar e descobrir respostas para os problemas que lhes eram colocados, restringindo-se a nossa actuação apenas a guiá-los para o caminho mais correcto para obter essas respostas. No entanto, a maioria dos alunos não possuía a maturidade cognitiva que lhes permitisse ultrapassar a barreira da descoberta, podendo privilegiar assim de um trabalho vocacionado para a dissonância cognitiva.

Desta forma, as características dos alunos que constituíram as turmas onde realizámos a nossa prática lectiva condicionaram os estilos de ensino utilizados ao longo das aulas, visto que essas características não possibilitavam um ensino mais direccionado para a produção de uma forma totalmente autónoma de conhecimento.

Acreditamos que apesar de ao longo do processo de evolução na prática lectiva termos sentido algumas dificuldades, nomeadamente ao nível do controlo do efeito que tinham os *feedbacks* transmitidos, do posicionamento que era assumido dentro da aula,

que muitas vezes não era o mais adequado, ou da constante recorrência no início a instrumentos de auxílio ao longo das aulas (fruto na maioria das vezes de uma certa inexperiência da nossa parte na resolução dos problemas que iam surgindo) conseguimos ultrapassar essas dificuldades, através da identificação dos erros cometidos nas reuniões que tínhamos com os orientadores, ou mesmo com as conversas que tínhamos dentro do próprio núcleo de estágio.

Essas trocas frequentes de informações acerca da nossa actuação nas aulas, é vista por nós como uma grande mais-valia para a evolução na prática lectiva que sofremos, pois a constante identificação e correcção dessas dificuldades permitiu-nos actuar sobre elas atempadamente, potenciando assim uma melhoria do processo pedagógico. Por fim, devemos realçar que o contributo dos orientadores e dos colegas do núcleo de estágio foi essencial para que essa melhoria fosse possível, visto que apesar de a auto-avaliação ser importante para a identificação e correcção das nossas dificuldades, existem sempre informações que nos escapam, o que torna a intervenção de alguém que observa o processo “de fora” fundamental para uma melhor percepção dessas dificuldades.

4.1.3. Avaliação e Controlo

Sendo a avaliação e o controlo nas aulas de Educação Física procedimentos inerentes à prática lectiva, foi-nos delegada a responsabilidade de orientar esse processo, de forma a compreendermos todas as implicações associadas à sua realização, bem como a dificuldade que se sente na construção de uma avaliação adequada e congruente, tendo em conta todas as acções dos alunos ao longo das aulas.

Barlow (2006, p.12), nos seus estudos, define o processo de avaliar como “calcular com precisão uma determinada quantidade, em função de critérios definidos e, caso necessário, com a ajuda de instrumentos de medição”. Ou seja, para este autor, o processo de avaliação consiste numa recolha de dados, sendo que o resultado final irá corresponder à nota obtida por estes dados recolhidos, o que pode acabar por ser confundido com uma classificação. No entanto, essa recolha de dados deve ter em vista à melhoria do desempenho, pois, tal como nos diz Aranha (2005, p.44), a avaliação é “um regulador por excelência de todo o processo ensino-aprendizagem”.

Já Domingos, Neves, & Galhardo (1987) consideram que a avaliação é um processo constante que determina até que ponto os objectivos definidos para os alunos foram alcançados, tendo sempre como propósito a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Assim, podemos considerar que a avaliação deve ser contínua, e deve centrar-se nos alunos e no seu desenvolvimento, tendo em conta os objectivos definidos pelo professor nas Unidades Didácticas.

Podemos deste modo assumir que existe uma complexidade inerente à avaliação, devido a todos os factores que a ela estão associados. Exactamente por esse facto, houve sempre o constante acompanhamento por parte do orientador pedagógico de todas as acções que realizámos ao nível da avaliação dos alunos, pois em muitas situações encontrámos alguma dificuldade em guiá-lo da forma mais adequada, devido à nossa inexperiência a este nível, o que levou a que a orientadora interviesse, orientando-nos para o caminho mais correcto.

Para que o processo de avaliação seja guiado mais eficazmente, Barlow (2006, p.30) refere que o professor deve ter “uma ideia exacta daquilo que observa, do modelo de referência e dos critérios” de avaliação pelos quais se deve reger, de modo a criar uma apreciação sustentada sobre o aluno, evitando assim o extravio de informação pertinente para a melhoria do seu desenvolvimento. Isso implica que o professor tenha bem assente aquilo que pretende obter dos seus alunos através das aulas de Educação Física, pelo que a definição dos objectivos nas Unidades Didácticas é essencial para uma avaliação bem orientada.

Relativamente à forma como a avaliação é estruturada, Januário (1984) aponta três principais tipos de avaliação que se deve ter em conta aquando da construção de uma Unidade Didáctica, sendo elas a Avaliação Inicial, a Avaliação de Processo, e a Avaliação Final. No nosso caso, tivemos em conta esses três tipos de avaliação que o autor refere, tendo no entanto utilizado designações diferentes, que foram adquiridas ao longo da nossa formação académica, mas que têm as mesmas finalidades. Assim, guiámos esse processo ao longo do ano lectivo através da realização de uma Avaliação Diagnóstica, uma Avaliação Formativa e uma Avaliação Sumativa.

Em cada Unidade Didáctica que realizámos, utilizámos esses três tipos de avaliação, sendo que sempre que iniciámos uma Unidade Didáctica diferente, efectuámos uma avaliação Diagnóstica inicial das capacidades dos alunos nas

modalidades que a constituíam, uma avaliação Formativa em todas as aulas leccionadas e uma avaliação Sumativa no término da respectiva Unidade Didáctica.

Para cada uma das Avaliações Diagnósticas e Sumativas realizadas nas respectivas Unidades Didácticas, foram construídas pelos estagiários fichas de classificação cujo conteúdo era referente às modalidades abordadas, sendo que era efectuada uma comparação entre os resultados iniciais obtidos e os finais, de forma a verificar se tinha existido uma evolução desses conteúdos. No entanto, para a análise da evolução dos alunos, esses resultados registados não eram os únicos que tínhamos em conta, visto que sabíamos que essas avaliações eram relativas a um momento único de avaliação, pelo que muitas variáveis poderiam influenciar os resultados obtidos.

Assim, o “percurso” realizado pelos alunos ao longo das aulas foi sempre considerado, pelo que a Avaliação Formativa foi fundamental para compreender se os objectivos definidos tinham sido alcançados. Abrecht, R. (1994, p.18) afirma que a avaliação formativa não deve ser uma avaliação dos conhecimentos dos alunos, mas sim uma reflexão “sobre o processo de aprendizagem em si mesmo, sendo útil, principalmente, para levar o aluno a considerar uma trajectória e não um estado (de conhecimentos), dando sentido à sua aprendizagem”, e procurando assim levá-los a superar as suas dificuldades.

Este método de avaliação foi, para nós, um dos principais desafios enfrentados, visto que muitas vezes cai-se na “tendência” em avaliar os alunos consoante os resultados obtidos nas avaliações inicial e final, não tendo em conta o que se passou entre essas avaliações, ou seja, o processo que os alunos sofreram para alcançar tais resultados.

4.1.3.1. Critérios de Avaliação

Para a avaliação da disciplina de Educação Física nos Cursos de Educação e Formação, a Escola dos Louros considerava que deviam ser tidos em conta dois principais domínios de aprendizagem, nomeadamente o Domínio Psicomotor e o Domínio Sócio-Afectivo. Para esses Domínios, a ponderação dada a cada um deles era correspondente a 10 valores, ou seja, 50% da nota total, sendo que, em cada um desses domínios de aprendizagem, os 10 valores se encontram distribuídos por diferentes parâmetros. Estes domínios, e respectivos parâmetros encontravam-se discriminados

numa Grelha Valorativa fornecida pela orientadora pedagógica (definida pela coordenação dos Cursos de Educação e Formação), que foi utilizada para guiar o processo de avaliação dos alunos (Anexo 4).

A partir desta grelha, deparámo-nos com algumas questões que nos trouxeram algumas dificuldades, mas que também nos levaram a compreender melhor certos aspectos inerentes às turmas que íamos leccionar. A primeira questão que surgiu foi em relação ao Domínio Cognitivo, e ao facto de este não ser considerado nessa grelha como um domínio de aprendizagem a ter em conta na avaliação dos alunos. A segunda questão cingiu-se à grande relevância que era dada ao Domínio Sócio-Afectivo, mais especificamente às atitudes, valores e comportamentos dos alunos nas aulas, o que nos fez crer que os alunos que se integravam nestes cursos apresentavam lacunas a este nível, justificando-se assim o grande peso dado ao mesmo.

Ainda em relação aos Domínios contemplados na grelha avaliativa para estes cursos, constatámos que o Domínio Psicomotor era avaliado de uma forma algo analítica, devido aos parâmetros que nele eram considerados. Uma das principais dificuldades que encontrámos na avaliação deste Domínio foi em relação a um dos parâmetros, que era referente ao domínio das técnicas. Neste parâmetro, a avaliação da técnica era feita isoladamente, não tendo em conta o contexto em que ela se realizava. No entanto, consideramos que no que diz respeito aos Desportos Colectivos, para que haja “jogo” a técnica não é um factor determinante. Assim, devem ser analisados outros factores, tais como as “janelas de oportunidade” que surgem em situação de jogo reduzido, condicionado ou formal, e de que forma essas janelas de oportunidade são capitalizadas ou não pelos alunos.

Com isto não pretendemos desvalorizar a técnica inerente a cada uma das modalidades, no entanto acreditamos que a mesma não devia ser avaliada de uma forma analítica nas aulas, principalmente ao nos referimos aos Desportos Colectivos, de Combate ou de Confrontação Directa, onde ocorrem relações de interacção/oposição, e em que existem variáveis que influenciam o curso dos acontecimentos dentro das diferentes situações de aprendizagem.

Considerámos portanto que a avaliação do domínio das técnicas deveria ser feita numa perspectiva ecológica, em relação aos Desportos Colectivos, de Combate e de

Confrontação Directa. Isso levou a que, ao avaliarmos a técnica, essa avaliação fosse sempre efectuada em contexto de jogo ou através da relação com os colegas, e não através da observação das suas componentes críticas em situações analíticas (como por exemplo realizar 10 toques de dedos no Voleibol individualmente, tendo em conta as componentes críticas ligadas ao gesto técnico).

Já nos Desportos Individuais, essa avaliação do domínio das técnicas de uma forma analítica já se justificava, pelas características das matérias de ensino que se incluem nesse grupo taxonómico. Dessa forma, na Ginástica de Solo e de Aparelhos, os conteúdos abordados nas aulas foram avaliados tendo em conta as suas componentes críticas, recorrendo a exercícios mais analíticos.

Pelo facto de os critérios de avaliação dos alunos estarem divididos pelos dois domínios de aprendizagem supramencionados, isso suscitou-nos também algumas dúvidas ao longo do processo avaliativo. Visto que foram aplicadas diversas situações de aprendizagem ao longo das aulas (jogos pré-desportivos, situações de jogo reduzido e condicionado 2x2, 3x3, etc.) que envolviam relações motoras entre os alunos (conforme consta no capítulo referente ao Domínio Psicomotor/Sócio-Motor, da acção científico-pedagógica individual), a avaliação deveria ter em conta essas relações de interacção e/ou oposição que ocorrem entre os vários intervenientes dessas tarefas motoras.

Tendo em conta essas interacções que ocorrem dentro das situações de aprendizagem, acreditamos que a avaliação ao nível do Domínio Sócio-Motor seria mais adequada, ao trabalharmos com matérias de ensino em que este domínio de aprendizagem está presente, podendo o mesmo ser utilizado aquando da definição dos critérios de avaliação, para as respectivas matérias de ensino.

4.1.3.2. Registos Diários

Como já foi referido anteriormente, os critérios de avaliação definidos pela escola dos Louros para os Cursos de Educação e Formação, estabeleciam que deveria ser contemplada uma avaliação ao nível do domínio sócio-afectivo, sendo que a mesma correspondia a 50% da nota atribuída (ou neste caso, a 10 valores de um total de 20 valores possíveis). Este domínio, segundo esses mesmos critérios, era avaliado pelos

seguintes parâmetros: Responsabilidade; Respeito (pelos professores e colegas); Comportamento e Postura na sala de aula; Interesse e Empenho nas tarefas realizadas; Assiduidade; e Pontualidade.

Devido à subjectividade inerente à avaliação destes parâmetros, sentimos a necessidade de encontrar um método que nos possibilitasse recolher dados concretos, de forma a controlarmos de um modo mais eficaz a evolução dos alunos nestes parâmetros. Este método passou pela criação de uma ficha de registo em que esses parâmetros estavam discriminados, sendo que a respectiva ficha era preenchida pelo docente que leccionava a aula, consoante a sua avaliação do desempenho de cada um dos alunos individualmente.

Apesar de estes registos diários tornarem o processo de avaliação deste domínio mais fácil de controlar, pois fornecia dados mais concretos acerca dos alunos no que diz respeito aos parâmetros que o constituíam, através do somatório e cálculo do valor médio desses dados obtidos, a questão da subjectividade não foi totalmente eliminada, visto que cada um dos estagiários avaliava esses parâmetros consoante a sua própria percepção da aula que tinha leccionado. Uma forma de tentarmos colmatar essa adversidade passou por definimos um conjunto de critérios para cada um desses parâmetros, tentando de certa forma tornar esse controlo o mais objectivo possível.

Devemos realçar que procurámos ter em conta a evolução dos alunos ao longo do ano lectivo, aquando do processo de avaliação, tentando assim não depender apenas das “folhas de *Excel*”, e dos dados que eram registados e posteriormente inseridos nas mesmas, visto que muitas vezes esses valores obtidos não correspondiam a essa evolução, tornando-se de certa forma díspares da realidade, tanto por defeito como por excesso. Neste aspecto, a intervenção da orientadora pedagógica foi bastante importante, que através da sua experiência na leccionação e na atribuição de notas, nos dava o seu parecer acerca das notas finais, indicando-nos alguns aspectos que devíamos ter em consideração, e que não se encontravam discriminados nessas folhas de *Excel*.

4.2. Assistência a Aulas

Uma das tarefas definidas nas linhas programáticas do nosso estágio pedagógico, consistiu na realização de um conjunto de observações aos colegas do grupo de estágio

em que estávamos inseridos, tendo esta tarefa a designação de “Assistência a Aulas” entre estagiários.

Este parâmetro do nosso estágio pedagógico teve a intenção de propiciar a aquisição de um conjunto de competências, não só ao nível da representação de um papel de observador, através da análise crítica e avaliação das diversas componentes que compõem as aulas, mas também ao nível de observado, recebendo os dados recolhidos pelos colegas e actuando sobre as principais dificuldades sentidas no nosso desempenho como docentes da disciplina de Educação Física.

Com este conjunto de observações realizadas ao longo de todo o ano lectivo, procurámos através da entreaajuda criada dentro do grupo de estágio, potenciar a qualidade da nossa prática pedagógica, detectando situações que ocorressem dentro das aulas do colega que fossem passíveis de modificação ou melhoria, aplicando diferentes estratégias de intervenção, tendo sempre em vista o aperfeiçoamento do nosso processo evolutivo enquanto professores.

De acordo com Postic & Ketele (1988, cit. por Sarmiento, 2004, p.161-162) observação, no seu sentido etimológico, significa “dirigir um olhar sobre algo ou alguém e tomá-lo como objecto”, sendo um processo que “inclui a recolha de informação, mas também a organiza (sensações visuais), compreende e relata”.

Já Aranha (2005) refere que a observação deve ser uma competência fundamental dos professores, pela sua importância não só ao nível da análise da prestação dos alunos, mas também da avaliação dentro da própria prática docente. O mesmo autor afirma mesmo que “quem não sabe observar não consegue analisar, avaliar nem identificar erros – os seus, os dos seus alunos ou dos seus atletas, - e, por conseguinte, não consegue melhorar prestações, ou seja, não evolui” (Aranha, 2005, p.5)

Segundo Sarmiento (2004, p.120), “a necessidade de observar os intervenientes pedagógicos advém de querer colher informações sobre o seu comportamento”, tendo sido essa uma das nossas preocupações ao longo da prática lectiva. Através das observações feitas aos colegas do grupo de estágio, procurámos contribuir para uma melhoria da sua intervenção pedagógica, identificando aspectos que influenciassem a

qualidade de ensino e criando uma relação de interação recíproca através da troca de ideias e opiniões, com vista a esse objectivo.

Sarmiento (2004) reforça esta ideia, afirmando que a base da análise das condições de qualidade do ensino se tem suportado nas interações dos professores com os alunos, e na influência dos seus comportamentos na aprendizagem dos mesmos. Nesta óptica, acreditamos que através da análise dos comportamentos e atitudes que adoptamos, conseguimos aperceber do seu efeito nas aulas, podendo assim adequar a nossa intervenção àquilo que pretendemos dos alunos.

Isso envolve, segundo o mesmo autor, “um cuidado particular na direccionalidade do olhar, bem como na terminologia utilizada para descrever esses mesmos comportamentos” (Sarmiento, 2004, p.166), o que implicou que as observações às aulas por nós levadas a cabo tivessem sempre um objectivo definido, e um método de registo utilizado que fosse de encontro a esses objectivos.

4.2.1. Metodologia

As observações aos colegas do grupo de estágio foram realizadas ao longo do ano lectivo, tendo ocorrido em todas as aulas leccionadas por eles. A razão para ter sido utilizada essa estratégia de assistência às aulas está associada ao facto de termos considerado que, para que houvesse a melhoria da qualidade do ensino, as 20 observações sugeridas nas linhas programáticas do estágio pedagógico eram insuficientes, pois não nos permitiam ter o acompanhamento adequado da evolução dos colegas.

Isso, aliado à forma como decorreu o nosso estágio pedagógico, que ditou que as duas turmas tivessem de ser leccionadas pelos 3 elementos do grupo, fez com que considerássemos que o constante acompanhamento do desenvolvimento evolutivo de cada um dos colegas era essencial, numa perspectiva de auxílio e cooperação, visto que a partilha das turmas era um ponto em comum entre os três, pelo que os dados obtidos nas aulas dos colegas podiam trazer benefícios a ambas as partes.

Todas as informações registadas em cada uma das aulas observadas foram transmitidas ao colega em questão, envolvendo uma reflexão crítica e uma troca de ideias imediata, geralmente logo a seguir a cada uma das aulas. Essa transmissão

imediate dos registos efectuados permitiu que o colega observado tivesse uma consciencialização apropriada da sua actuação na aula, em relação ao que tinha corrido bem, mas também daquilo que teria de ser tido em conta na aula seguinte, sendo passível de melhoria.

Para a recolha dos dados nas aulas dos colegas de estágio, foram utilizados três tipos de métodos de registo, que tal como afirma Sarmiento (2004, p.166) têm como propósito “estudar os mais diversos problemas do comportamento humano”, servindo como um instrumento de recolha de dados, cuja sistematização permite identificar os aspectos que pretendemos melhorar na nossa actuação na prática docente.

Os métodos que utilizámos, são designados por Siedentop (1983) como métodos tradicionais para avaliação dos professores, onde se incluem o método de “*checklist*” (ou inventário), de “*eyeballing*” (ou “olhómetro”) e de registos anedóticos. Estes métodos foram utilizados ao longo de duas fases distintas, mas que se complementaram, seguindo uma lógica que ia ao encontro dos objectivos que pretendíamos com estas assistências às aulas.

4.2.2. Observação geral das aulas

No início do ano lectivo, optámos por equacionar um conjunto de factores associados a uma observação mais geral das aulas, no sentido de compreender as principais dificuldades que eram sentidas ao longo da leccionação, numa fase mais inicial do processo da prática lectiva. O método utilizado para a realização desta observação foi o inventário, que segundo Siedentop (1983) consiste numa lista de factores que são susceptíveis de análise por parte do observador, sendo o registo efectuado, habitualmente, utilizando as opções “Sim”/”Não”.

O instrumento utilizado para efectuar este registo, teve como base uma proposta de lista de verificação para observação da aula, adaptada de Marques (n/d), cujos registos incidiram nos diferentes aspectos inerentes à aula, nomeadamente a forma como era feita a abordagem dos conteúdos, as estratégias de ensino e aprendizagem utilizadas, a organização do trabalho dentro da aula, a utilização dos recursos disponíveis, a comunicação, a relação pedagógica e a avaliação das aprendizagens (Anexo 5).

Este método de registo, de acordo com Siedentop (1983), possui a vantagem de permitir uma abordagem baseada em dados fiáveis, para a melhoria das competências pedagógicas. No entanto, o autor refere que a utilização de listas de verificação para registo das ocorrências nas aulas não constitui um método totalmente confiável, visto que os dados obtidos com a mesma não são suficientemente conclusivos para garantir uma observação fidedigna.

Estas observações foram realizadas em diferentes períodos temporais, dentro do 1º Período do ano lectivo, e início do 2º Período (mês de Janeiro), para verificar se existiu uma evolução nos diferentes parâmetros incluídos na ficha de observação.

4.2.3. Observação das dificuldades do Estagiário no contexto da prática lectiva

Nesta fase, o processo foi guiado de acordo com o conjunto de registos obtidos nas observações efectuadas anteriormente, e das conclusões retiradas a partir dessas observações. Isto porque esta segunda fase das observações foi complementar à primeira, visto que este processo possuiu uma lógica de continuidade, em que aquilo que foi registado anteriormente influenciou os objectivos que pretendemos atingir nesta fase.

Assim, após termos analisado os aspectos mais ligados à gestão da aula e dos vários factores a ela inerentes, definimos que esta segunda fase da assistência às aulas seria mais direccionada para as dificuldades que os colegas de estágio sentiam na sua prática pedagógica, de forma a colmatá-las. Este conjunto de observações teve assim como objectivo identificar essas dificuldades que os estagiários sentiam em cada aula, e transmitir essa informação aos mesmos após cada aula, criando assim uma dinâmica de entreajuda dentro do grupo, com vista à melhoria da actuação no processo pedagógico. Os estagiários ao terem acesso aos dados recolhidos pelos colegas, conseguiam encontrar as estratégias mais adequadas para minimizar essas dificuldades sentidas, tendo já isso em conta nas aulas seguintes.

Com estes registos, pretendemos principalmente que se potenciasse uma evolução na prática pedagógica dos observados ao longo do ano lectivo, mas também que na nossa própria actuação dentro das aulas, essas dificuldades equacionadas não

fossem sentidas, sendo assim este um processo que era benéfico tanto para os observados, como para nós na condição de observadores.

Na recolha dos dados utilizámos dois métodos de registo, consoante a finalidade de cada uma das observações, pois, como já foi referido anteriormente, as nossas assistências não se cingiram apenas às 20 aulas programadas, mas sim a todas as aulas leccionadas ao longo do ano lectivo. Posto isto, o primeiro método que utilizámos, e que serviu como instrumento de registo para as aulas definidas nas linhas programáticas do estágio, foi o método de registo anedótico. Este, segundo Siedentop (1983, p.250), é um método mais extensivo e fiável, visto que o observador confia apenas na sua percepção geral das ocorrências das aulas, no entanto essa percepção é registada, através das notas retiradas no momento.

Esses registos garantem que não se “perca” informação importante ao longo da observação, fornecendo assim uma base mais sólida na condução das transmissões do feedback ao observado, permitindo assim uma melhor interacção com ele (Siedentop, 1983). No processo de assistência às aulas, esses feedbacks eram transmitidos logo após cada aula ter sido finalizada, permitindo assim a interacção entre o observador e o observado, enriquecendo desta forma o processo de evolução pretendido.

Para as restantes aulas observadas, que não estavam incluídas nas linhas programáticas da assistência a aulas, utilizámos o método de *eyeballing* (ou “olhómetro”), que consiste na observação da actuação do professor, durante um determinado período de tempo, sem se realizar anotações, utilizar *checklists* ou registar dados (Siedentop, 1983).

Assim, com a totalidade de observações tomadas a cabo ao longo do ano lectivo, pretendemos sempre potenciar uma evolução da actuação na nossa prática lectiva, através da cooperação e entreaajuda que se criou dentro do núcleo de estágio, pelo que considerámos que estes instrumentos utilizados permitiram alcançar estes objectivos.

4.2.4. Apreciações Finais

A forma como definimos que a assistência a aulas iria decorrer, teve em conta a intencionalidade que procurámos com as observações realizadas para cada um dos colegas de estágio. Desta forma, a opção que tomámos em observar as dificuldades que

cada um dos estagiários sentia ou identificava na sua actuação aquando da prática lectiva, teve como propósito auxiliá-los na melhoria do seu processo de leccionação, tendo em conta a sua evolução como futuros docentes.

Assim, colocámos de parte a hipótese de efectuar uma observação às aulas mais direccionada para os tempos de empenhamento motor dos alunos, do comportamento do professor ou dos feedbacks transmitidos, visto que considerámos que este tipo de observações não traria grandes benefícios para o objectivo pretendido, fruto também das características das turmas em que nos inserimos neste estágio pedagógico, que não potenciavam um trabalho neste sentido.

Através da identificação das principais dificuldades que cada um dos observados experienciava no seu desempenho ao longo das aulas, foi possível discuti-las com cada um dos colegas em questão para que eles melhorassem nas aulas seguintes, adoptando diferentes estratégias que as colmatassem ou contornassem, melhorando assim a sua actuação. Por outras palavras, estas observações permitiram melhorar todo o processo inerente à prática lectiva, pois levou a que pudéssemos corrigir algumas lacunas sentidas na nossa prestação enquanto docentes, bem como aprimorar alguns aspectos que já dominávamos minimamente, mas que ainda careciam de aperfeiçoamento.

Como já referimos, foi definido que a assistência às aulas dos colegas iria para além das 20 observações definidas nas linhas programáticas do estágio pedagógico, o que trouxe grandes vantagens na nossa evolução na prática docente, visto que existiu um acompanhamento constante dessa evolução por parte dos observadores, sendo possível identificar novos problemas dentro das aulas, ou mesmo se as estratégias utilizadas para contornar as dificuldades já identificadas estavam a surtir os efeitos desejados.

A transmissão dos dados registados ao observado, logo após a sessão em questão, criaram uma rotina dentro do grupo de estágio, em que a colaboração e a cooperação estavam sempre presentes, pois cada um dos elementos tentava auxiliar o outro, através da exposição de certas situações que tinham sido registadas, ou mesmo apenas verificadas nas observações realizadas, com o intuito de permitir que o observado, ao ter acesso a essas informações, modificasse a sua forma de actuar, corrigindo assim essas dificuldades. Consideramos assim que essa dinâmica criada foi

fulcral para a nossa evolução como professores, pois permitiu-nos ter acesso a dados que provavelmente não conseguiríamos equacionar de forma autónoma.

Acreditamos que através das modificações nos comportamentos do professor, consequentes das informações e dados registados em cada uma das observações, conseguimos também potenciar modificações nos comportamentos dos alunos, nomeadamente a nível dos seus comportamentos na aula, e no seu empenhamento nas tarefas solicitadas. Nesta perspectiva, a assistência a aulas levou não só a uma melhoria da actuação dos estagiários na sua prática docente, mas também permitiu que se criassem as condições dentro das aulas para que o sucesso dos alunos fosse possível, atingindo assim os objectivos definidos para eles ao longo do ano lectivo.

Por fim, apesar de termos a consciência do cunho empírico notório inerente aos métodos de registo utilizados, consideramos que para a intencionalidade pretendida com esta assistência a aulas, eles foram adequados para atingirmos os objectivos que traçámos. Mesmo existindo a possibilidade de utilizar métodos mais científicos, tais como o Sistema de Observação do Comportamento do Professor, ou do Feedback (Sarmiento, 2004), cremos que estes não teriam o mesmo valor prático para a potenciação de uma evolução da nossa prática pedagógica.

V. Actividade de Intervenção na Comunidade Escolar

Na tentativa de envolver toda a comunidade escolar numa actividade relacionada com a prática desportiva e que pudesse proporcionar um conjunto de experiências proveitosas para os participantes, o núcleo de estágio dinamizou uma actividade que ocorreu no final do 3º Período, nomeadamente, no Dia das Expressões, que comemorou, também, o Dia Mundial da Criança.

A escolha da realização de uma actividade associada aos Jogos Tradicionais teve como intencionalidade ir ao encontro das matérias definidas pelo Programa Nacional de Educação Física, que refere estes jogos como uma matéria opcional de ensino. Assim, e como o Programa contempla este tipo de actividades, apesar de não as considerar uma parte nuclear do processo de ensino-aprendizagem, a realização desta actividade surgiu, também, como forma de proporcionar um conjunto de experiências aos alunos, contribuindo para a aquisição de competências mais ricas e variadas.

A actividade de intervenção na comunidade escolar, intitulada “*Louros Tradicionais*”, englobou um conjunto de jogos populares, que foram praticados outrora pelos membros da sociedade, conotados como “mais antigos”, e que eram vistos como momentos de total convívio entre todos e para todos. Neste sentido, de forma a darmos a experienciar um conjunto de sensações, acções e competências a todos os presentes, optámos por realizar esta actividade no seio escolar, aproveitando os diferentes recursos que a escola oferece.

Por outro lado, o facto de esta actividade ter sido dinamizada na escola em que nos inserimos neste estágio pedagógico, utilizando as condições espaciais e materiais que a mesma possui, foi vantajoso, no sentido da valorização das condições que são oferecidas aos seus alunos, demonstrando a sua qualidade ao nível das instalações e materiais necessários para a prática desportiva, curricular e extra-curricular.

O apelo à interacção, cooperação e criação de relações inter-pessoais entre todos os agentes envolvidos foram igualmente objectivos que almejámos atingir com esta actividade, aproveitando as características dos diferentes jogos tradicionais que incluímos na mesma, que potenciavam estas atitudes nos participantes.

5.1. Objectivos da Actividade de Intervenção na Comunidade Escolar

5.1.1. Objectivo Geral

- Desenvolver uma actividade que ultrapasse o âmbito restrito da actividade curricular relativa às aulas de Educação Física.

5.1.2. Objectivos Específicos

- Desenvolver as condições que potenciem a criação de laços relacionais entre os diferentes agentes que constituem a comunidade educativa;
- Estimular a actividade física através de situações lúdicas e que remontem aos hábitos desportivos mais tradicionais;
- Dinamizar todos os agentes pertencentes à comunidade educativa, permitindo um ambiente alegre e festivo;
- Associar ao factor lúdico o factor competitivo saudável que deve ser inerente a qualquer actividade desportiva;
- Fomentar hábitos sociais e morais, através das relações inter-pessoais.

5.2. Estruturação da Actividade

Esta actividade, devido ao dia em que decorreu, esteve em consonância com outras actividades dinamizadas pelo departamento de expressões da Escola dos Louros, mais especificamente, com peças de teatro que decorreram no ginásio interior. Assim, foi necessário existir coordenação entre a actividade dos “Louros Tradicionais” e as outras actividades, sendo que a nossa actividade foi organizada por turnos - o primeiro, entre as 14:30h e as 15:30h, e o segundo turno, entre as 15:30h e as 16:30h. Desta forma, os alunos de um turno poderiam usufruir das actividades dos outros turnos, sem prejudicar a sua presença nas outras actividades.

A abertura da actividade a toda a comunidade educativa tinha o intuito de permitir não só uma adesão acentuada e diversificada, mas também a possibilidade em criar o maior número de interações e inter-relações entre os vários agentes educativos que não são habituais no quotidiano escolar. No entanto, devido à falta de inscrições dos professores e auxiliares educativos nas equipas que participaram, esse objectivo ficou um pouco aquém das expectativas.

V. Actividade de Intervenção na Comunidade Escolar

Não obstante, a comunidade educativa envolveu-se directa e activamente na actividade, através da cooperação nas diferentes estações, na sua organização e na do material necessário para as mesmas, e em duas equipas apenas, na participação directa em cada estação da actividade.

Outro aspecto que considerámos que teve influência na actividade, ao longo da sua estruturação, relaciona-se com a realidade e o estatuto sócio-económico dos alunos que a frequentam esta escola. São, maioritariamente, alunos de um nível sócio-económico baixo e com défices no domínio sócio-afectivo. A maioria é oriunda de famílias carenciadas e pouco instruídas, o que os leva a enveredar por determinados comportamentos e cometer determinadas acções que são considerados desajustados para a sociedade em que se inserem.

Perante esta realidade, optámos por dinamizar uma actividade em que as regras e normas de conduta fossem claras e bem compreendidas, já que teriam influência directa no êxito das suas tarefas. Por outras palavras, as diferentes estações que constituíram a actividade foram estruturadas para que os alunos só pudessem obter sucesso caso seguissem um conjunto de comportamentos e de atitudes, considerados e avaliados como correctos, com o intuito de valorizar a sua adopção por parte dos alunos, transferindo-os para a sua vivência quotidiana.

Em relação ao número de alunos inscritos, conseguimos, em colaboração com os docentes da disciplina de Educação Física que compõem o grupo disciplinar, reunir 20 equipas, de um total possível de 24, sendo cada equipa constituída por 4 elementos. Assim, obtivemos um total de 80 alunos inscritos na actividade, o que é um factor bastante positivo. Para além disso, no final da actividade, outros 4 alunos pediram para realizá-la, tendo sido autorizados. Houve, inclusivamente, uma aluna com deficiência motora que também mostrou vontade de participar, devido ao ambiente de festa e entretenimento. A aluna participou, efectivamente, com o acompanhamento de dois professores.

Para a constituição das equipas, foi definido que cada uma seria constituída por 4 elementos, devendo um deles ser um auxiliar educativo ou um docente. No entanto, houve necessidade de aceitar equipas constituídas apenas por alunos, visto que muitos dos docentes e funcionários demonstraram indisponibilidade para participar.

A actividade foi dividida por 6 estações diferentes, e, em cada uma delas, os participantes de cada equipa realizavam um conjunto de actividades lúdicas, associadas a jogos tradicionais ou outros que levassem a que os objectivos da actividade fossem alcançados. Em cada estação, onde duas equipas competiam, o pressuposto de que a competição deveria ser saudável esteve sempre presente. Foi definido que os participantes se manteriam em cada estação durante 10 minutos, sendo dado um estímulo auditivo (apito) sempre que fosse efectuada a rotação das equipas pelas estações (Anexo 6). Seguidamente, iremos apresentar uma pequena descrição do que foi solicitado em cada uma das estações, bem como fazer um pequeno balanço sobre a sua execução e conseqüente sucesso ou insucesso.

5.2.1. Estação 1 - “Corrida da Batata”

Nesta estação, as duas equipas em competição procuravam completar um percurso de ida e volta o mais rapidamente possível, transportando uma colher de sopa com uma batata, na boca. A prova terminava quando todos os elementos realizassem o percurso. Os participantes teriam de se deslocar com os dois objectos na boca e, sempre que a batata caísse, teriam de parar, recuperá-la e recomeçar a partir deste ponto. O percurso era realizado duas vezes, mas caso fosse necessário desempatar, poderia ser realizado uma terceira vez.

Esta estação decorreu conforme o esperado, tendo sido alcançados os objectivos. No entanto, apesar de inicialmente termos definido que, para o controlo e contabilização de pontos e tempos, nela deveriam estar presentes dois professores, na maior parte do tempo, isso não se verificou, sem que tenha sido prejudicado o bom funcionamento, pois o único docente que esteve sempre presente não encontrou problemas no seu controlo. Os alunos, durante a realização do jogo desta estação, mostraram-se motivados e satisfeitos com o que lhes foi solicitado, tendo o aspecto competitivo sido determinante para isso.

5.2.2. Estação 2 - “Chinquilho Adaptado”

Para a segunda estação, decidimos fazer uma adaptação do jogo do chinquilho, com o objectivo de o tornar mais apelativo para o escalão etário dos alunos que iriam participar. O jogo consistia em, através do arremesso de bolas de ténis de mesa para um

conjunto de alvos colocados a uma determinada distância, duas equipas em competição obterem o maior número de pontos. Os participantes de cada equipa, um por um, colocando a cara dentro de um recipiente com farinha e bolas de ténis de mesa misturadas, procuravam retirar uma dessas bolas de dentro do recipiente, recolhendo-a apenas com a boca, sem utilizar outro meio para auxiliar. Após um dos participantes ter efectuado todo este processo, outro participante da mesma equipa deveria partir e efectuar as mesmas acções.

Pelo facto de não termos conseguido a inscrição de um número razoável de equipas, a organização da actividade e, conseqüentemente, das estações foi alterada. Assim, considerámos diferentes hipóteses e decidimos, em conjunto, que teríamos de abdicar de uma das estações, para que a actividade tivesse sucesso.

Decidiu-se, portanto, eliminar esta estação, tendo sido considerados os diversos factores que envolviam a sua criação, especificamente, a quantidade de material que estava implicado para que fosse montada, implicando um investimento monetário da nossa parte, o facto de haver o risco de transmissão de germes e bactérias através da colocação da cara na farinha, ou mesmo o risco de ocorrência de acidentes com as bolas de ténis de mesa, visto que os participantes teriam de as colocar na boca.

5.2.3. Estação 3 - “Corrida de obstáculos”

Esta estação pretendia aproveitar os diferentes recursos materiais que a escola possui, demonstrando como é que, através da sua adaptação, se pode construir situações lúdicas e, ao mesmo tempo, potenciadoras da aprendizagem dos participantes. Aqui, duas equipas em competição procuraram ultrapassar um conjunto de obstáculos, o mais rapidamente possível, sem lhes tocar ou derrubar. Os alunos, um a um, deviam encontrar as melhores estratégias para transpor um conjunto de obstáculos que, na sua globalidade, formavam um percurso.

Consideramos que esta estação, devido à sua localização no campo, bem como pela conjugação de cores e complexidade dos materiais utilizados, era, para quem estava a assistir, a mais aliciante. Também consideramos que a mesma atingiu os objectivos pretendidos, visto que os participantes mostraram bastante empenho na sua realização, sendo que, por vezes, o empenhamento excessivo prejudicou a prestação, pois os alunos

derrubavam alguns materiais ou não realizavam correctamente as acções, em cada um dos obstáculos.

Apesar de ter sido definido, inicialmente, que os participantes realizavam duas vezes o percurso, ou eventualmente três vezes, em caso de ser necessário desempatar, em algumas ocasiões, foi necessário aumentar a quantidade de vezes que o percurso era realizado, visto que os participantes o efectuavam muito rapidamente, pois queriam ser os vencedores.

5.2.4. Estação 4 - “Jogo das Sacas”

Este jogo foi realizado no espaço adjacente (relvado) ao campo polidesportivo, tendo por objectivo a realização de um percurso de “vai e vem”, dentro de uma saca de ráfia. O percurso era feito à vez e finalizava-se quando todos os participantes o efectuassem. O participante deslocava-se com a saca nas pernas, não devendo a mesma ser retirada em qualquer momento. Caso o participante retirasse a saca das pernas ou caísse, deveria voltar ao início do percurso, devendo realizá-lo de novo. Quando o mesmo chegasse ao fim do percurso, passava a saca de ráfia a outro elemento da mesma equipa, devendo esse elemento efectuar a mesma acção.

Esta estação foi, das cinco, a que menos correspondeu às nossas expectativas, fruto de alguns erros que cometemos aquando da sua organização e concepção e que deveriam ter sido equacionados. Em primeiro lugar, deveríamos ter considerado a colocação de algumas condicionantes no percurso traçado, que criassem um grau de dificuldade um pouco mais elevado para os participantes, visto que os mesmos realizavam esse percurso em intervalos de tempo muito reduzidos; em segundo lugar, o docente responsável pelo controlo da estação não conseguia ouvir o estímulo auditivo dado para o começo das actividades em cada estação, pelo que, muitas vezes, iniciava as acções mais cedo do que o previsto, o que prejudicava o cumprimento dos tempos definidos para cada estação.

5.2.5. Estação 5 - “Constrói a frase”

Devido ao investimento por nós feito na construção dos materiais necessários, bem como pelas próprias características da estação em si, acreditámos que esta seria um sucesso entre os participantes, visto que a dinâmica criada apelava a isso. Esta estação

consistia em colocar duas equipas em competição, que procuravam formar a frase “Louros a Mexer” através da angariação de letras que se encontravam dentro de uma piscina, cheia de esferovite. Cada elemento da equipa apenas pode transportar uma letra, podendo realizar a prova apenas um elemento de cada vez. As letras encontravam-se espalhadas dentro da piscina e, quando encontradas pelos alunos, deviam ser colocadas numa plataforma apropriada, tendo em conta a ordem necessária para que a frase tivesse sentido.

Tal como esperávamos, esta foi, em conjunto com a estação da Corrida de Obstáculos, uma das estações com maior sucesso entre os participantes, pela novidade e pela diversidade de materiais que apresentava. Todos os participantes saíram desta estação com vontade de a realizar de novo, pelo que podemos dizer que esta estação atingiu os objectivos para ela definidos.

5.2.6. Estação 6 - “Prova de alimentos”

Com esta última estação, pretendemos aliar à prática de actividade física a ingestão de alimentos saudáveis, testando os conhecimentos dos alunos através da utilização de dois dos cinco sentidos, o olfacto e o paladar. Após a eleição de um capitão por equipa, que seria vendado, era-lhe dado a provar um alimento para que tentasse descobrir do que se tratava. Caso o elemento conseguisse acertar no sabor, este trocava com outro elemento, devendo este realizar a mesma acção.

Com esta estação, o nosso objectivo era que os participantes experienciassem um conjunto de sabores associados a alimentos saudáveis, por isso apresentava um conjunto de características um pouco diferentes das restantes, visto que não envolvia a prática de actividade física. Contudo, essa estratégia inicial acabou por ter de ser reformulada, pois acabamos por optar em realizar um jogo paralelo à prova dos alimentos, nomeadamente o jogo da corda, visto que os participantes ficavam muito tempo sem realizar qualquer tipo de tarefa, o que se estava a tornar um pouco maçador. Contudo, com a utilização do jogo da corda como tarefa alternativa, conseguimos contornar essa lacuna.

5.3. Apreciações Finais

Através dos *feedbacks* recebidos por parte dos participantes, dos docentes do grupo de Educação Física, que auxiliaram na actividade, e da restante comunidade escolar que assistiu à mesma, podemos afirmar que os “Louros Tradicionais” foram um sucesso, pelo que a escolha desta temática e das actividades dinamizadas revelaram-se acertadas.

Analisando o planeamento e organização da actividade, podemos apontar alguns pontos que consideramos que devem ser referidos e analisados. Quanto à disposição das várias estações, consideramos que se rentabilizou maximamente o espaço, tendo sido montado um sistema de rotação de estações que permitia uma boa gestão, durante toda a actividade.

Os materiais utilizados dentro de cada estação garantiram a segurança necessária aos participantes, tendo havido também uma boa rentabilização desses recursos bem como dos recursos humanos disponíveis, o que não poderia ter sido possível sem a colaboração de todos os membros envolvidos na actividade que procuraram dar o seu contributo.

Durante o processo de organização da actividade, equacionámos um conjunto de variáveis, de forma a garantir a maior participação e afluência possíveis por parte da comunidade escolar. Uma dessas variáveis foi relativa à definição da data que melhor se adequasse à realização da actividade, tendo-se optado pelo Dia das Expressões, visto que esse dia estava destinado a actividades extra-curriculares e essa seria uma boa oportunidade para garantir o maior número de participantes possível, associando o conjunto de jogos ao tema do dia em questão.

Há que enaltecer a cooperação e colaboração da totalidade dos docentes do grupo de Educação Física, bem como de alguns docentes de outras disciplinas, que tiveram um papel preponderante nesta actividade, pela disponibilidade que, desde logo, demonstraram tanto na montagem das diferentes estações, como também no controlo e contagem da pontuação em cada estação. Esse é um indicador das boas relações que, desde o início do ano escolar, foram criadas entre todos os docentes do departamento de

Educação Física e o grupo de estágio, e que apenas trouxeram benefícios para ambas as partes.

Também deve ser realçada a participação de uma aluna com necessidades educativas especiais ao nível motor, que demonstrou que, neste tipo de actividades, os alunos com estas características também podem ser incluídos, sendo possível adaptar os diferentes jogos às suas necessidades. A sua participação foi bastante enriquecedora da nossa actividade.

A boa representatividade de inscritos na actividade, 80 alunos e vários professores, potenciou o seu sucesso, pois, apesar de não termos conseguido a representatividade desejada, a amostra de participantes foi bastante positiva, não tendo prejudicado a sua realização. De notar que, nesses participantes, não se incluíram os alunos das nossas turmas, pois não tinham disponibilidade por já se encontrarem em estágio do curso de educação e formação que frequentam.

Inicialmente tínhamos previsto que a actividade iria desenvolver-se durante três horas, mas, devido à organização do Dia das Expressões, esse tempo de actividade teve de ser reduzido, tendo passado para apenas duas horas. Contudo, esta redução de tempo foi benéfica, pois levou a que fizéssemos uma gestão mais adequada do tempo, não correndo o risco de haver tempos mortos entre cada estação.

A colaboração dos funcionários e de alguns alunos na arrumação dos materiais, no final da actividade, foi bastante benéfica, pois foi uma forma de rentabilização do tempo, permitindo também que estes estivessem envolvidos directamente na actividade, apesar de não terem participado nos jogos.

Uma das condicionantes que encontrámos, no decorrer da actividade, residiu no facto de algumas das equipas que estavam inicialmente inscritas não terem comparecido, sem qualquer aviso prévio ou justificação para essa falta. No entanto, pouco tempo antes da actividade se ter iniciado, apareceram equipas que se queriam inscrever, tendo tomado o lugar das equipas em falta.

Outro aspecto que deveríamos ter tido em conta está relacionado com o facto de o espaço onde as actividades estavam a ocorrer ser ao ar livre, o que levou a que alguns membros da assistência, por vezes, o invadissem. Também é de registar que, após o

primeiro turno ter terminado as actividades, a maioria dos seus elementos abandonou o local, não tendo regressado para a entrega de prémios e divulgação dos resultados.

Consideramos que a actividade correspondeu às nossas expectativas e às dos participantes, pela boa adesão e envolvimento verificada por parte de toda a comunidade escolar, de uma forma directa ou indirecta, bem como pelos *feedbacks* que recebemos, indicativos de um grau de satisfação bastante positivo. Assim, consideramos que uma actividade com este tipo de características deve ser dinamizada futuramente na escola, pois verificou-se que a adesão da comunidade escolar a actividades desta natureza é bastante significativa.

Para que algumas das falhas que ocorreram ao longo da dinamização da actividade em questão não sejam cometidas novamente, caso se coloque a possibilidade de dar continuidade à sua dinamização no futuro, julgamos que algumas sugestões devem ser deixadas, para potenciar um maior sucesso. Em primeiro lugar, para garantir um maior controlo das estações, garantindo a presença de pelo menos dois docentes em cada uma delas, deve ser realizado um contacto prévio aos docentes que pertencem ao Departamento de Expressões, de forma a garantir a sua colaboração na actividade, nomeadamente nesse controlo.

No sentido de garantir a presença de pelo menos um agente educativo em cada uma das equipas, a participação dos docentes do Departamento de Expressões pode ser uma solução, através da participação dos vários professores que o constituem na realização das actividades propostas. Já no caso dos funcionários, a garantia da sua participação poderá passar por tentar encontrar uma solução junto da Direcção Executiva, que seja benéfica para ambas as partes, permitindo que um grupo de funcionários participe nas actividades, sem prejudicar o normal funcionamento da escola.

Quanto às estações que constituíram a actividade, podemos também deixar algumas sugestões para colmatar alguns aspectos que não correram tão bem como desejávamos. Na estação do chinquilha adaptado, em vez de garantir os materiais necessários através de gastos monetários pessoais, deve a actividade ser adaptada tendo em conta os materiais disponíveis na escola. Um exemplo dessa adaptação pode ser a utilização de bolas de ginástica rítmica, ou mesmo de ténis, em vez de se utilizar bolas

V. Actividade de Intervenção na Comunidade Escolar

de ténis de mesa. Assim, os participantes em vez de colocarem a bola de ténis de mesa na boca, podem estar de olhos vendados e procurá-la com as mãos. Esta adaptação evitaria o perigo de ingerir a bola de ténis de mesa, conseguindo-se atingir, de igual forma, os objectivos traçados para a estação.

Finalmente, de forma a evitar o incumprimento dos tempos definidos para a realização de cada uma das estações, algumas estratégias devem ser ponderadas antecipadamente, para que, caso essa situação ocorra, tal como se verificou na estação do jogo das sacas, se consiga manter um nível de actividade elevado, sem serem comprometidos os objectivos pretendidos.

VI. Actividades de Integração no Meio

6.1. Actividades no âmbito da Direcção de Turma

6.1.1. Caracterização das Turmas

Estando inseridas no conjunto de tarefas que foram definidas inicialmente para o nosso estágio pedagógico, foi-nos solicitada a realização da caracterização das duas turmas a nosso cargo. Este trabalho permitiu-nos reunir um conjunto de informações que facilitaram a compreensão de alguns aspectos pessoais de cada aluno, podendo, por exemplo, relacionar o seu sucesso ou insucesso escolar, com a estrutura familiar e sócio-económica em que se inserem.

Tal como refere Romero (1987, cit. por Andrade et al., 2004), “as causas do fracasso escolar possivelmente estão relacionadas a factores como: situação sócio económica familiar, aspecto nutricional, localização da escola, motivação e qualidade do ensino”, pelo que foi de extrema importância realizar um trabalho neste âmbito, visto que, ao obtermos os dados acerca dos alunos e dos diversos factores que podem afectar a sua prestação escolar, conseguimos compreender melhor qual o seu “background”, podendo assim adequar o processo de ensino-aprendizagem, dentro das aulas, às suas necessidades e características.

6.1.1.1. Objectivos da Caracterização das Turmas

6.1.1.1.1. Objectivo Geral

- Delinear o conjunto de características que definem a turma, dando-nos uma percepção global da mesma, ao nível das suas características sócio-económicas, pessoais e motivacionais, no âmbito escolar.

6.1.1.1.2. Objectivos Específicos

- Caracterizar o nível sócio-económico global da turma;
- Caracterizar a vida escolar dos alunos;
- Analisar a ocupação dos tempos livres dos alunos;
- Identificar o nível escolar da turma, tentando compreender as suas dificuldades, fazendo com que estas sejam ultrapassadas, evitando assim o insucesso escolar;

- Proporcionar aos restantes elementos do conselho de turma informações relevantes para o conhecimento da turma;
- Adquirir informações com o intuito de tornar as aulas de Educação Física mais motivantes e adequadas aos alunos e às suas necessidades.

6.1.1.2. Metodologia

Visto que trabalhámos ao longo do ano com duas turmas distintas, fez todo o sentido efectuar a caracterização de cada uma delas. O processo de obtenção dos resultados para essa caracterização foi semelhante, tendo sido aplicada uma ficha biográfica a cada um dos alunos constituintes de cada turma, ficha que elaborámos, tendo por base os dados que considerámos teriam mais pertinência para o que pretendíamos recolher. Assim, a ficha biográfica foi aplicada a um total de 34 alunos, divididos da seguinte forma, por ambas as turmas:

- **Curso de Educação e Formação “A”** –16 alunos (8 alunos do género Masculino e 8 alunos do género Feminino);

- **Curso de Educação e Formação “B”** –18 alunos (8 alunos do género Masculino e 10 alunos do género Feminino).

A entrega e o preenchimento das fichas biográficas tiveram lugar em dois momentos temporais distintos. Os resultados insuficientes recolhidos na primeira aplicação levaram à necessidade de haver um segundo momento dedicado ao seu preenchimento.

Assim, os momentos de preenchimento das fichas biográficas ocorreram na primeira aula de Educação Física do 1º Período, e, posteriormente, durante uma aula de Formação Cívica, disponibilizada pela Professora Sara Barbeito. Os alunos foram devidamente informados para o que serviriam os dados recolhidos na ficha, sendo-lhes solicitado a máxima sinceridade e honestidade, assegurando-se o sigilo, para garantir a validade dos resultados obtidos.

Feita a recolha dos dados, procedeu-se à análise quantitativa individual da amostra, retirando as respectivas conclusões. O programa estatístico utilizado para essa análise foi o *Microsoft Excel 2007*.

6.1.1.3. Informações obtidas através da ficha biográfica

Na ficha biográfica aplicada, (Anexo 7) definimos que deveriam ser incluídos dados relativos a nove principais dimensões, nomeadamente:

- Identificação do Aluno;
- Agregado Familiar;
- Meio de transporte utilizado para se deslocarem, e tempo gasto nessa deslocação;
- Dados relativos à saúde e alimentação;
- Antecedentes escolares;
- Condições e hábitos de estudo;
- Perspectivas futuras;
- Prática de actividade física;
- Atitude em relação à Educação Física, e relação que consideram que deve existir com o seu docente

6.1.1.4. Análise dos dados obtidos

Visto que nos estamos a referir a duas turmas distintas e com características diferenciadas, analisámos os resultados obtidos através das fichas biográficas para ambas as turmas, discriminando-as através da separação desses resultados pelas duas turmas dos Cursos de Educação e Formação. Assim, os resultados que foram obtidos relativamente aos alunos da turma do CEF “A” foram sujeitos a uma análise, tal como os resultados que foram registados para a turma do CEF “B”.

6.1.1.4.1. Análise dos dados obtidos para a turma do CEF “A”

Identificação dos Alunos

Com os dados obtido para este tópico, conseguimos apurar que as idades dos alunos desta turma se encontram entre os 16 e os 18 anos, sendo a média de idades de 16,8 anos. Com estes dados, pudemos aferir que os alunos, na sua totalidade, já tinham reprovado várias vezes, visto que o curso em que estavam inseridos se destinava à obtenção do 9º ano de escolaridade. A média de idade dos alunos foi considerada como

um indicador da baixa motivação para os estudos que eles apresentavam, visto que revelava um fraco investimento na escola.

Um dos dados, que também considerámos ser relevante para um melhor conhecimento da turma, é referente ao seu local de residência. Pela análise das respostas, concluímos que os alunos, na sua maioria, residia no concelho do Funchal, havendo uma pequena porção que pertencia ao concelho de Santa Cruz.

Agregado Familiar

Foi através deste tópico que conseguimos compreender qual era a situação familiar dos alunos, visto que os dados obtidos se relacionavam com a constituição familiar dos alunos, a profissão exercida pelos familiares, as suas habilitações literárias, ou mesmo com qual dos familiares o aluno residia. Verificámos que a grande maioria dos alunos pertenciam a núcleos familiares monoparentais, porque os pais estavam ausentes, separados ou eram solteiros.

Relativamente às habilitações literárias e às profissões exercidas pelos familiares, verificou-se que estes dois aspectos se relacionavam, uma vez que as habilitações literárias dos familiares eram baixas e as suas profissões eram compatíveis com essas habilitações literárias.

Meio de transporte utilizado para se deslocarem, e tempo gasto nessa deslocação

Os alunos, através dos dados obtidos nas fichas biográficas, referiram que residiam, maioritariamente, em freguesias pertencentes à cidade do Funchal. Esse facto tinha implicações no tipo de deslocação que afirmavam utilizar para ir para a escola, bem como o tempo que despendiam nessa deslocação.

A utilização do transporte público por parte dos alunos parece ser o meio de transporte mais comum, tendo sido esse factor tido em conta aquando da concepção da actividade de extensão curricular, visto que definimos que o local para a realização desta actividade seria no centro do Funchal, facilitando a deslocação dos alunos da escola para o local da actividade, e vice-versa, já que se podia utilizar os transportes públicos.

Dados relativos à saúde e alimentação

Sabendo que os alunos em questão tinham um estatuto sócio-económico baixo, os dados obtidos sobre a alimentação foram por nós considerados de grande importância, visto que as dificuldades económicas poderiam ter influência directa na frequência com que os alunos se alimentavam diariamente.

Assim, aferimos que, no que toca à alimentação, a maior parte dos alunos fazia as três refeições fundamentais, apesar de existir uma pequena amostra, correspondente a 5 alunos, que afirmava não tomar o pequeno-almoço. Os restantes alunos que afirmavam tomar o pequeno-almoço, indicaram que o faziam às 7 horas ou às 7 horas e 30 minutos da manhã, o que indica um intervalo temporal grande em relação à hora definida para as aulas de Educação Física.

Já em relação ao lanche da manhã, apenas 7 alunos referiram ter a preocupação de o cumprir, indicando realizá-lo ou imediatamente antes da aula de Educação Física (pelas 10 horas) ou imediatamente após a aula (pelas 11 horas). Posto isto, visto que as aulas de Educação Física para esta turma serem às Segundas-Feiras, às 09:50h da manhã, a alimentação dos alunos foi algo que tivemos de ter em consideração, pois eles poderiam não apresentar os níveis energéticos necessários para realizar as tarefas solicitadas nas aulas, com o empenhamento que desejaríamos.

Quanto aos alunos portadores de doenças, apenas três afirmaram possuir alguma doença, nomeadamente bronquite, problemas de coluna e problemas no joelho direito. Contudo, desses três alunos, nenhum afirmou tomar algum medicamento regularmente, sendo que outros dois alunos afirmaram tomar medicamentos regularmente, um deles afirmou tomar Risperidona.

Antecedentes escolares

Do percurso escolar, podemos concluir, pelos dados obtidos, que a totalidade dos alunos já reprovou de ano lectivo. No que diz respeito ao número de reprovações lectivas, 4 dos alunos inquiridos assinalaram que já tinham reprovado duas vezes, 9 já tinham reprovado três vezes, 1 tinha reprovado quatro anos, e 2 reprovaram cinco anos lectivos. A razão apresentada pela maioria dos alunos foi a falta de motivação para a escola, uma vez que afirmaram não estudar ou frequentar assiduamente as aulas. A partir destes dados, compreendemos que estávamos perante uma turma, na generalidade,

desmotivada para a escola, pelo que tínhamos de conseguir motivar os alunos para as aulas de Educação Física, de forma a conseguir algum tipo de sucesso com eles.

Condições e hábitos de estudo

Grande parte da turma não satisfaz as horas de sono recomendadas para os adolescentes, que de acordo com Ingram (2005) devem ser entre 8 e 9 horas de sono diárias, pois utilizam esse tempo a realizar actividades de lazer, tais como ver televisão ou estar no computador. Estes alunos mostram não possuir hábitos de estudo e não dedicam qualquer tempo de estudo para a disciplina de Educação Física. Esse facto verificou-se ao longo das aulas, através das atitudes que os alunos assumiam, em relação às regras inerentes às modalidades abordadas, bem como ao conhecimento dos materiais utilizados.

Outro indicador que corroborou esta conclusão foram as notas apresentadas nas fichas de avaliação teórica – embora tenhamos feito um grande esforço para que os alunos conseguissem as melhores notas, isso não se verificou, e comprovou-se que os alunos não se preocuparam em investir o seu tempo no estudo para a disciplina de Educação Física.

Quanto aos pais e encarregados de educação, pelas respostas dadas, verificou-se que demonstram interesse sobre os hábitos escolares dos seus educandos, assumindo um papel activo na sua educação, através do contacto com o Director de Turma e pela verificação dos trabalhos não presenciais.

Perspectivas futuras

Ao serem inquiridos acerca das suas perspectivas futuras, os alunos mostraram possuir uma baixa ambição, não tendo igualmente objectivos a nível pedagógico e de aprofundamento dos seus conhecimentos académicos, afirmações que mostravam de novo a fraca motivação que estes alunos tinham para a escola e para os estudos, pois não associavam isso ao seu futuro profissional. Por outro lado, afirmaram identificar-se com o curso que frequentavam, vendo nele uma saída profissional.

Prática de actividade física

Relativamente à prática de actividade física, um grande número de alunos afirmou praticar algum tipo de actividade física, no entanto, as horas semanais não

foram passíveis de análise devido à omissão deste dado, levando à suposição de que a prática de actividade física se desenvolve em algum clube ou associação.

Atitude em relação à Educação Física, e relação que consideram que deve existir com o seu docente

Quanto à disciplina de Educação Física, metade da turma disse gostar muito da mesma, sendo evidenciada a vertente que se relaciona com a diversão, o gasto energético e o jogo com os colegas. Contudo, alguns alunos afirmaram que gostavam pouco desta disciplina.

A vertente de diversão foi bastante evidenciada ao longo das aulas, visto que os alunos associavam as aulas de Educação Física a um tempo de recreação e de libertação de algumas frustrações, perspectiva que tivemos de contrariar ao longo do ano lectivo, tentando fazer com que os alunos percebessem que o momento local em que se encontravam era o de uma aula e não de um tempo de lazer e recreação desorganizada.

No que se refere às características que menos apreciavam no professor de Educação Física, a maioria dos alunos referiu a exigência e a pontualidade, sendo a simpatia e a amizade as que mais apreciavam.

Por estes dados se conclui que os alunos tinham pouco interesse no aproveitamento das aulas, não valorizando o rigor nem a disciplina e, mais uma vez, encarando a aula de Educação Física como um espaço de mera socialização e recreação.

6.1.1.4.2. Análise dos dados obtidos para a turma do CEF “B”

Identificação dos Alunos

Nesta turma, as idades variavam entre os 15 e os 17 anos, sendo a média de idades de 16,05 anos. No entanto, um aluno já era maior de idade, tendo atingido os 18 anos, que se destacava dos seus restantes colegas de turma. A partir deste dado, verificou-se que estes alunos, na sua maioria, eram repetentes, o que, aliado ao facto de os mesmos se encontrarem num curso de educação e formação com vista à obtenção do 9º ano, demonstrava que a sua motivação para a escola e para os estudos é baixa.

Outro factor relevante para a análise à caracterização dos alunos, é a sua área de residência. Quase a totalidade da turma afirmou residir no Funchal, existindo apenas dois casos em que os alunos referiram residir no Caniço e no Garajau.

Agregado Familiar

Procurámos aferir em que tipo de ambiente familiar os alunos viviam, bem como a realidade que os alunos encontram no local em que residem, no que diz respeito às habilitações literárias dos membros das suas famílias. Assim, verificámos que os alunos, na sua totalidade, que vivem com pelo menos um familiar, ou mesmo dois ou mais familiares (pai, mãe, ambos, avós ou irmãos).

Quanto às habilitações literárias dos seus familiares, apurámos que estas eram relativamente baixas (apenas a mãe de um dos alunos possuía o 12º ano de escolaridade). Este facto pode estar relacionado com a idade média dos pais, já que num passado ainda recente se exigia um grau académico mais baixo do que aquele que é exigido agora, visto que houve um aumento do nível de escolaridade obrigatória ao longo dos anos.

Meio de transporte utilizado para se deslocarem, e tempo gasto nessa deslocação

Dez alunos, de um total de 18 que preencheram a ficha biográfica, indicaram utilizar o transporte público para se deslocar de casa à escola e vice-versa. Os restantes alunos referiram que se deslocavam ou de transporte particular (3 alunos) ou mesmo a pé (5 alunos). Relativamente ao tempo dispendido, a resposta que predominou foi a relativa ao intervalo entre 15 a 30 minutos.

Em relação à área de residência, apenas 2 alunos não moram no Funchal, sendo que um deles reside no Caniço e o outro é residente no Garajau. Mais uma vez este aspecto foi tido em conta, tal como na turma do CEF “A”, aquando do planeamento da Acção de Extensão Curricular.

Dados relativos à saúde e alimentação

Relativamente à alimentação aferimos que, regra geral, os alunos cumpriam as refeições diárias recomendadas, e os horários de consumo apresentaram-se dentro dos parâmetros considerados regulares. Quanto ao lanche da manhã, dos 18 alunos,

registou-se que 7 não cumpriam com essa refeição, os outros 11 indicavam que o faziam entre as 10 horas e as 11 horas da manhã.

Contudo, quando questionados acerca da sua alimentação antes das aulas de Educação Física, mais de metade dos inquiridos, o que correspondeu a 10 alunos, assumiu não ingerir nada antes das aulas, Já os alunos que disseram tomar lanche da manhã afirmaram não cumprir com os períodos de antecedência entre a ingestão de alimentos e a prática de actividade física, podendo essa situação ser justificada pela falta de tempo, uma vez que o intervalo entre o toque de saída e o de entrada para a aula de Educação Física é de apenas 10 minutos.

Da análise dos hábitos alimentares dos alunos desta turma, podemos verificar que existem algumas incongruências, por exemplo, quando se comparam as respostas obtidas em relação ao lanche da manhã e os dados referentes à alimentação antes das aulas de Educação Física.

Um número elevado de alunos afirmava tomar lanche da manhã, acrescentando inclusivamente que o realizava entre as 10 horas e as 11 horas. Visto que as aulas de Educação Física para esta turma ocorreram às 11 horas e 30 minutos, podemos presumir que estes alunos se alimentavam antes das mesmas, inclusivamente com um tempo adequado de antecedência. Contudo, quando analisamos as respostas obtidas acerca da alimentação antes das aulas de Educação Física, podemos encontrar uma disparidade nos dados, em relação aos resultados anteriores. Este facto pode ser explicado pela dificuldade que possa ter existido por parte dos alunos em compreender as questões referentes a este ponto da alimentação, ou mesmo devido a uma interpretação errónea das questões da ficha biográfica.

Em relação aos dados obtidos sobre a saúde, 14 alunos, de um total de 18, afirmou não apresentar nenhuma lesão ou doença, o que significa que a maioria dos alunos constituintes da turma se encontrava apta a realizar os exercícios solicitados nas aulas. No entanto, nos poucos casos de alunos que afirmaram possuir problemas de saúde que pudessem condicionar a sua acção nas actividades solicitadas ao longo das aulas, foi necessário adequar os diferentes exercícios às suas necessidades, não levando à deterioração da sua condição médica.

Antecedentes escolares

A totalidade dos alunos apresentava várias retenções ao longo da sua vida escolar. As razões apontadas estavam maioritariamente relacionadas com a motivação, a falta de estudo e o excesso de faltas.

Condições e hábitos de estudo

Dos dados recolhidos, aferimos que os alunos desta turma, no geral, dormiam em média as horas diárias recomendadas. No entanto, alguns alunos, se dormissem um pouco mais, podiam ter um melhor rendimento nas aulas, a nível de atenção, concentração, empenho, rentabilidade, desenvolvimento das capacidades cognitivas, entre outros. Em relação aos que não cumprem as horas de sono recomendadas, a maioria utiliza o seu tempo da noite para lazer, e apenas uma minoria utiliza esse tempo para praticar actividade física ou para estudar. Já no tempo de lazer da manhã, nenhum aluno apontou que aproveitava o mesmo para estudar ou praticar actividade física, e “passar”, durante o tempo livre, foi o hobby mais apontado.

Em conclusão, os alunos desta turma, na sua maioria, não dedicava os seus tempos livres ao estudo, optando por realizar actividades de lazer em que a actividade física não se incluía, sendo as actividades sedentárias predominantes no seu quotidiano.

Perspectivas futuras

Sobre as expectativas futuras, mais de metade dos alunos afirmou pretender estudar até ao 12º ano, correspondendo este dado a 12 das respostas obtidas através das fichas biográficas. Dos restantes alunos, apenas 2 ambicionavam concluir o 9º ano de escolaridade, e os restantes 4 alunos ou não sabem, ou não deram qualquer tipo de informação sobre este aspecto. Pode-se concluir que a maioria dos alunos estabeleceu objectivos mínimos a atingir, preocupando-se, de certa forma, com os estudos.

Prática de actividade física

Os alunos desta turma não praticavam qualquer actividade física, o que pode ser confirmado pela forma como disseram ocupar os seus tempos livres, mas também pelo facto de a maioria de respostas terem ficado em branco. A ausência de dados neste parâmetro dificultou um pouco a nossa percepção acerca da relação que os alunos mantinham com a actividade física.

Atitude em relação à Educação Física, e relação que consideram que deve existir com o seu docente

Neste ponto, as respostas obtidas foram de certo modo díspares, visto que obtivemos metade da turma que afirmava que gostava da disciplina, devido à diversão, ao gasto energético e às situações de jogo com os colegas que a ela estava inerente. No entanto, alguns alunos indicavam não gostar da disciplina, o que se tornou bastante evidente, pela fraca participação que se notava no início do ano.

As características que eram menos apreciadas no professor de Educação Física, estes alunos, na sua maioria, indicaram a exigência e a pontualidade, sendo a simpatia e a amizade as que eles mais apreciam. Notava-se, portanto, fraco interesse pelo aproveitamento escolar nesta disciplina, não aceitando que exista um certo rigor nas aulas, vendo as aulas de Educação Física como um local para conviver e descarregar energias e possíveis frustrações.

6.1.1.5. Apreciações Finais

Feita a caracterização das turmas, é possível encontrar pontos comuns, mas também alguns pormenores que as diferenciavam.

Em primeiro lugar, existia uma clara distinção entre o ambiente familiar de uma e outra turma. Na primeira turma, os alunos provinham de um ambiente familiar pouco estruturado, coeso e/ou incompleto, ao contrário da segunda turma, em que o núcleo familiar era mais estruturado ou coeso. Estas situações podem justificar, parcialmente, os seus comportamentos dentro das aulas, bem como a forma como encaram a autoridade e o cumprimento de regras.

Após o contacto com as Directoras de ambas as turmas, conseguimos verificar que existia uma notória diferença entre o estatuto sócio-económico da turma do CEF “A” e da turma do CEF “B”. Foi-nos dito, pela Directora da turma do CEF “A”, que os alunos possuíam, maioritariamente, um estatuto sócio-económico bastante baixo, tendo bastantes dificuldades monetárias. Este dado, na nossa perspectiva, relaciona-se com o facto de quase todos os alunos desta turma terem afirmado, nas fichas biográficas, que não faziam as refeições diárias.

Contrariamente, os alunos da turma do CEF “B”, por indicação da sua Directora de turma, possuíam um estatuto sócio-económico estável e afirmavam fazer as refeições diárias recomendadas.

Quanto ao futuro profissional, pudemos verificar que a primeira turma tem claramente uma ambição mais baixa que a segunda, tendo os alunos intenções, na sua maioria, de acabar o curso em que estavam e entrar no mundo do trabalho. Já os alunos da segunda turma, na sua maioria, tinham intenções de terminar pelo menos o 12º ano de escolaridade, o que mostra uma ambição mais elevada em relação aos estudos.

A prática de actividade física é também um ponto que os caracteriza, visto que os alunos do CEF “A” assumiam que a mesma se encontrava nos seus hábitos, ao contrário dos alunos do CEF “B”, que não possuíam quaisquer hábitos de prática de actividade física. Contudo, a prática de actividade física indicada pelos alunos do CEF “A”, levou-nos a querer que, na sua maioria, não era ao nível federado, mas sim a um nível recreativo ou de lazer.

A área de residência dos alunos de ambas as turmas era maioritariamente no Concelho do Funchal, apesar de haver algumas excepções, de alunos que residem em Santa Cruz, no Garajau ou mesmo no Caniço. No entanto, esse pequeno sub-grupo de alunos é bastante pequeno, sendo que o Concelho predominante é indubitavelmente o do Funchal. Aliado a isto, está o meio de transporte que os alunos utilizavam para se deslocarem da sua área de residência para a escola. O meio de transporte predominante era o público, e o tempo despendido, entre os 15 e os 30 minutos, o que significa que o distanciamento entre a casa e a escola não era muito grande.

Em relação à saúde, os alunos na sua generalidade eram saudáveis, não indicando nenhum tipo de problemas. No entanto, alguns alunos apresentaram problemas de saúde, que foram tidos em conta ao longo das aulas, visto que poderiam influenciar a sua prestação, ou mesmo agravar-se devido a algumas tarefas solicitadas.

A respeito do aproveitamento escolar dos alunos, todos eles já reprovaram entre 1 e 5 anos. A média de idades dos alunos corrobora este facto, visto que os alunos tinham entre 15 e 18 anos, o que ultrapassa a idade normal para o ano escolar em que se encontravam. Uma justificação para este fraco aproveitamento escolar, reside no facto de os alunos admitirem que não dedicavam tempo ao estudo, preferindo realizar outras

tarefas que não as relacionadas com a escola. Por outro lado, pode-se afirmar que havia uma baixa motivação para a escola e para os estudos, o que influenciava directamente a sua prestação e levava a um aproveitamento fraco.

Nas duas turmas, conseguimos perceber que os alunos não tinham consciência de quais são os objectivos da disciplina de Educação Física, visto que consideravam que aquela aula servia para entretenimento e para divertimento pessoal, o que pode querer dizer que os alunos acreditavam que a aula de Educação Física não contribuía para a aprendizagem, daí também os comportamentos desadequados e desviantes das tarefas propostas terem sido uma constante ao longo das aulas, o que trouxe bastantes dificuldades na nossa actuação.

Da caracterização das turmas, retiramos algumas ilações que nos foram de grande utilidade, aquando da nossa actuação dentro das aulas. Os dados obtidos permitiram-nos compreender que estávamos perante alunos com bastantes dificuldades, não só ao nível do domínio cognitivo mas também ao nível do domínio sócio-afectivo e, em alguns casos, psico-motor, pelo que tivemos de adequar os nossos objectivos às suas características.

Pudemos também perceber o “background” dos alunos, ou seja, quais os factores que poderiam levar a algumas atitudes e comportamentos, o que nos permitiu conhecer individualmente cada um dos alunos, podendo assim adequar a nossa abordagem nas aulas, o que foi bastante benéfico.

Acreditamos que esta forma de caracterizar a turma traz bastantes vantagens, no sentido em que nos permite recolher uma panóplia de elementos acerca de cada um dos alunos que, mediante uma análise estatística detalhada, permitem perspectivar e planificar melhor o processo de ensino e de aprendizagem. Contudo, temos consciência das limitações deste tipo de recolha de dados, nomeadamente a validade das respostas obtidas, que podem ser deturpadas pelos alunos.

Creemos de igual modo que, para compreender melhor algumas características dos alunos, ao nível da sua motivação para a escola, deve ser criada uma relação de proximidade com eles ao longo das aulas, pois desta forma conseguimos ter acesso a algumas informações, através de conversas informais, que muitas vezes não estão discriminados nas fichas biográficas.

Finalmente, é de realçar que os dados obtidos sobre as duas turmas foram bastante pertinentes, nomeadamente aquando da realização da nossa acção de extensão curricular, adequando os custos da actividade ao estatuto sócio-económico dos alunos e garantindo o transporte do local da actividade para a escola, visto que os alunos, por viajarem de transporte público, possuem passe social.

6.1.2. Estudo de Caso

Um estudo de caso, de acordo com Yin (1994), é um plano de investigação que tem em vista a compreensão de determinado fenómenos, podendo ser utilizado nas várias ciências sociais, nomeadamente na Educação e que pode ter diversos objectos de estudo, como por exemplo um indivíduo ou grupo de indivíduos, ou até mesmo, de uma forma mais ampla, uma comunidade ou uma organização.

Nesta perspectiva, o nosso estudo de caso debruçou-se sobre um pequeno grupo de alunos, que foram escolhidos por se destacarem dos restantes devido aos baixos índices motivacionais para as aulas de Educação Física, o que interferia directamente no seu aproveitamento na disciplina, prejudicando-o.

6.1.2.1. Identificação dos casos

De forma a conhecer melhor os alunos, os psicólogos da turma em questão, na primeira reunião do ano lectivo, realizaram um teste sociométrico aos alunos com o intuito de realizar um diagnóstico individual, bem como para compreender o tipo de interacções que cada um deles mantinha com o grupo-turma. Deste teste sociométrico, os psicólogos retiraram um conjunto de características que definiam cada um dos alunos, tendo-as apresentado ao conselho de turma.

Para além dos dados recolhidos na reunião, fomos analisando os comportamentos dos alunos ao longo das aulas do 1º Período, tomando algumas notas que considerámos importantes para um conhecimento mais preciso de cada aluno. Com estes dados, podemos fazer uma caracterização, em traços gerais, dos três alunos envolvidos neste estudo de caso, que será apresentada seguidamente.

6.1.2.1.1. Aluno 1

A primeira característica que nos foi apresentada deste aluno dizia respeito à sua constante resistência, durante os anos em que estava na Escola dos Louros, em frequentar as aulas de Educação Física. Os argumentos que o aluno apresentava eram sempre baseados na falta de gosto pela disciplina, ou pelas modalidades praticadas, visto que afirmava que não tinha capacidade para conseguir fazer o que lhe era solicitado. Este aspecto captou-nos rapidamente a atenção, visto que associamos a resistência à disciplina de Educação Física ao seu (in)sucesso. Posto isto, apercebemo-nos que a motivação do aluno para as aulas estava associada ao consequente sucesso ou insucesso na realização das tarefas.

Aliado a este facto, verificámos que o aluno apresentava um baixo empenhamento nas tarefas, apresentando uma baixa coordenação motora, o que potenciava o seu insucesso. Esse constante insucesso levava, frequentemente, a atitudes de frustração por parte do aluno que, por vezes, abandonava a tarefa que estava a realizar para se ir sentar.

Outra característica que os psicólogos apresentaram sobre este aluno era a boa organização dos materiais pessoais, o que nos fez questionar sobre as razões para o facto de não trazer o equipamento para as aulas, alegando o aluno constantemente o esquecimento como justificação. Esta justificação fez-nos crer que esta era uma forma encontrada pelo aluno para não ter de realizar a parte prática das aulas.

Por fim, a última característica apontada pelos psicólogos, que conseguimos verificar ao longo das aulas, foi o facto de que este aluno era bastante calmo, no entanto, não o era de uma forma apática, ou seja, ao falarmos com ele em situações informais, mostrava-se receptivo às conversas, demonstrando inclusivamente que tinha consciência de algumas coisas que lhe dizíamos em relação à disciplina de Educação Física.

6.1.2.1.2. Aluno 2

O principal aspecto que destacou este aluno em relação aos outros foi o facto de os psicólogos terem apontado a desmotivação do aluno em relação à generalidade das disciplinas, não querendo realizar nenhuma tarefa associada à escola, muito menos com a Educação Física. Estes dados despertaram-nos o interesse especial por este aluno,

visto que o mesmo aparentava ter uma boa relação com os colegas, apesar de não querer estar nas aulas, sendo esta atitude patente nas aulas de Educação Física.

Foi ainda apontada pelos psicólogos a tendência do aluno para a argumentação, chegando muitas vezes a ser desrespeitoso para com os professores, devido à forma como ele apresentava os seus argumentos. No entanto, essa intervenção activa na defesa das suas ideias não se reflectia na sua forma de encarar as aulas de Educação Física, visto que o aluno, quando era solicitado para realizar as tarefas nas aulas, tornava-se uma antítese daquilo que apresentava quando argumentava.

Foi também constatado nas aulas, após ter sido referido pelos psicólogos na reunião inicial, que este aluno era bastante impulsivo, adoptando muitas vezes comportamentos não reflectidos. Para além dessa impulsividade, o aluno mostrava ter uma baixa capacidade de concentração nas tarefas solicitadas nas nossas aulas, levando-o a ser pouco empenhado.

Esses comportamentos foram encarados pelos psicólogos como uma forma de procurar a atenção dos professores, o que poderia ser visto como alguma carência afectiva.

6.1.2.1.3. Aluno 3

Neste aluno, foi identificada uma personalidade revoltada, por vezes até um pouco agressiva, caso algo o perturbasse. Assim, quando nos foi apontado esse tipo de comportamentos, tentámos aferir os episódios que despoletavam reacções mais agressivas. Constatámos que ele não reagia bem se fosse contrariado, nomeadamente se fosse chamado muitas vezes à atenção, acusando-nos, por vezes, de o “perseguir”.

Apesar disso, verificámos que este aluno tinha bastantes capacidades, caso estivesse motivado para a tarefa, o que poderia ser potencializado ao longo das aulas, se fossem criadas as condições para tal. Para além disso, aferimos que o aluno 2 e o aluno 3 apresentavam uma forte relação de amizade, tal como já tinha sido constatado no teste sociométrico aplicado pelos psicólogos, pelo que tivemos isso em consideração, sendo que este aluno poderia ser bastante útil no auxílio do aluno 2, e vice-versa.

Este aluno também foi identificado por outros docentes da disciplina de Educação Física, como tendo tendência para deixar de estar presente nas aulas, mais especificamente no 3º Período, visto que ficava desmotivado para a escola, o que prejudicava o seu aproveitamento escolar.

Para finalizar, aferimos que este aluno era bastante conversador nas aulas, o que por vezes prejudicava a sua prestação, devendo este aspecto ser controlado.

6.1.2.2. Objectivos para os alunos

6.1.2.2.1. Objectivos para o Aluno 1

- Aumentar a sua assiduidade e participação nas aulas de Educação Física;
- Potenciar o seu sucesso nas tarefas solicitadas ao longo das aulas de Educação Física;
- Desenvolver uma maior motivação para a prática nas aulas;
- Elevar o seu empenhamento nas tarefas motoras;

6.1.2.2.2. Objectivos para o Aluno 2

- Estimular uma maior capacidade de concentração para as tarefas associadas às aulas de Educação Física;
- Assumir uma atitude mais activa na realização das tarefas motoras;
- Adquirir um maior gosto pela disciplina de Educação Física;

6.1.2.2.3. Objectivos para o Aluno 3

- Diminuir os níveis de agressividade do aluno na interacção com outras pessoas;
- Procurar utilizar o trabalho de grupo como um veículo para um maior empenhamento motor;
- Potenciar uma maior motivação para as aulas de Educação Física, através das matérias de ensino abordadas;

6.1.2.3. Intervenção Pedagógica

Tendo feito a análise das principais características pessoais de cada aluno, bem como das suas motivações para a disciplina de Educação Física, tratámos de agir, com o intuito de provocar mudanças nas suas atitudes e na sua forma de encarar as aulas, esperando obter resultados positivos neste sentido.

Visto que estávamos a tratar de três alunos, com necessidades e características intrínsecas, necessitámos de formular um conjunto de estratégias que fossem comuns aos três, sem esquecer que as mesmas estratégias tinham de ser adequadas à turma toda, mas mais centradas nos casos que analisávamos. Também tivemos de definir um conjunto de estratégias de intervenção específicas para cada um deles, que fossem aplicadas de forma directa ao longo do tempo, de acordo com os problemas detectados.

6.1.2.3.1. Estratégias de Intervenção para o Aluno 1

Para este aluno, decidimos rentabilizar as características apontadas na sua descrição para alcançar os objectivos que pretendíamos atingir. Em primeiro lugar, visto que este aluno era bastante receptivo, não houve grande dificuldade em criar uma relação mais próxima com ele, tendo ocorrido, inúmeras vezes, conversas informais com ele, sempre com o intuito de compreender as razões pelas quais ele não gostava de Educação Física. Posto isto, capitalizámos essa boa relação interpessoal, para tentar modificar a sua opinião acerca da disciplina, tentando motivá-lo para a realização das aulas.

Com essas conversas informais, que se passavam muitas vezes quando o aluno não realizava a parte prática da aula, tentámos apelar à sua organização, solicitando-lhe que arrumasse o equipamento necessário para as aulas no dia seguinte, tentando assim, através da capacidade de organização que fora identificada, tentar anular a justificação que era dada, relembramos - o esquecimento.

Nas tarefas solicitadas ao longo das nossas aulas, tivemos em conta as suas dificuldades e características, pelo que, sempre que o aluno realizava a aula, adequávamos as tarefas a essas dificuldades, de forma a potenciar o seu sucesso.

Tentámos ainda compreender quais as modalidades com que o aluno se relacionava mais, e verificámos que as mesmas se incluíam nos Jogos Desportivos Colectivos, o que foi bastante benéfico, visto que, no início do ano lectivo, foi definido que as modalidades abordadas ao longo do 2º Período seriam o Andebol, o Basquetebol e o Futebol, no 3º Período, o Voleibol.

Nas aulas, quando o aluno realizava as tarefas motoras, procurámos sempre transmitir *feedbacks* de afectividade positiva, para que ele sentisse que estava a ser valorizado naquilo que estava a fazer. No entanto, aliámos sempre a esses *feedbacks* alguma informação relevante, que servisse para corrigir as acções que ele realizava. Tivemos também em conta o facto de que, se estivéssemos constantemente a transmitir afectividade positiva, o aluno poderia, com o passar do tempo, começar a desvalorizá-la, pelo que foi necessário dosear esse processo.

Relativamente à sua inclusão em grupos de trabalho, gerimos da melhor forma este aspecto, tentando, em determinadas situações, colocá-lo em grupos cujos alunos apresentavam níveis de proficiência semelhantes, noutros casos, inseri-lo em grupos cujos intervenientes já possuíam um nível de proficiência superior. Esta estratégia tinha dois objectivos: o primeiro, associado ao grupo com níveis de proficiência semelhantes, tinha como propósito criar condições para que o aluno não se sentisse deslocado, devido à sua capacidade para realizar as actividades solicitadas; o segundo serviu como um meio para que os alunos com mais proficiência auxiliassem este aluno, potenciando assim o seu sucesso.

6.1.2.3.2. Estratégias de Intervenção para o Aluno 2

Quanto ao aluno em questão, através daquilo que foi identificado na sua caracterização, definimos três principais estratégias de intervenção, de forma a influenciar a sua motivação para as aulas de Educação Física.

A primeira estratégia relacionou-se com a criação de uma boa relação interpessoal, visto que este aluno apresentava alguma carência ao nível afectivo, o que podia verificar-se pela sua forma de se expressar nas aulas, que evidenciava a procura de atenção.

Através da boa relação criada entre docente e aluno, aproveitámos esta situação para conversar com ele, informalmente, acerca das suas atitudes nas aulas, e aquilo que poderia fazer para mudar, acentuando que isso apenas lhe traria benefícios.

Por fim, dentro das aulas de Educação Física, foram-lhe atribuídas tarefas mais específicas, tais como dar o aquecimento à restante turma, ou mesmo assumir um papel mais activo dentro das tarefas solicitadas, como por exemplo, tornar-se no jogador-alvo, ser o capitão da equipa, entre outras.

6.1.2.3.3. Estratégias de Intervenção para o Aluno 3

Para este aluno, a primeira estratégia de intervenção que tivemos de ter em consideração foi relacionada com a sua agressividade em relação a certos estímulos, nomeadamente quando era contrariado. Assim, ao longo das aulas, tentámos não contrariar o aluno, mas argumentar com ele de uma forma não ostensiva, tentando levar a que ele compreendesse que algumas das suas atitudes não eram as mais indicadas, levando-o a consciencializar-se das suas atitudes e comportamentos.

Também tivemos em conta o facto deste aluno manter uma relação de amizade com o aluno 2, por isso, inseríamos os dois nos mesmos grupos de trabalho, criando assim uma dinâmica de entreajuda e de competição saudável entre eles, potenciando o empenhamento nas tarefas e motivando-os para a realização das aulas.

Visto que este aluno apresentava apetência para os Jogos Desportivos Colectivos, aproveitámos esta apetência para atingir os objectivos que traçámos, desafiando-o constantemente a superar-se e criando situações com graus de dificuldade diferentes, de modo a que ele criasse uma motivação intrínseca para a realização das aulas.

Este aluno, apesar de inicialmente ter mostrado ser um pouco reservado, ao longo do tempo, foi-se abrindo mais connosco, tornando-se mais conversador e sociável, pelo que capitalizámos esse aspecto, tentando conhecê-lo um pouco melhor, e criar uma boa relação inter-pessoal com ele.

Finalmente, ao longo das aulas, evitámos criticar o aluno quando realizava tarefas motoras, mas, ao invés, procurámos sempre enaltecer o seu sucesso, aumentando assim a sua auto-estima e motivação.

6.1.2.4. Apreciações Finais

Após esta análise à evolução dos alunos, através dos registos diários efectuados ao longo do ano lectivo, acreditamos que alguns aspectos devem ser focados, de forma a compreender melhor alguns fenómenos inerentes ao processo pelo qual os alunos passaram.

É possível verificar que existiu realmente uma evolução no Aluno 1, visto que o mesmo passou de “não fazer as aulas de Educação Física”, tal como era “rotulado”, a realizar aproximadamente metade das aulas do ano lectivo (13 aulas). Neste sentido, consideramos que deve haver um enaltecimento deste facto, pois conseguimos fazer com que o aluno se interessasse mais pela disciplina de Educação Física e realizasse aulas com vontade e empenho.

Contudo, isto só foi possível porque houve a preocupação de compreender as razões que levavam a essa resistência por parte do aluno em realizar as aulas, ao invés de se criar um sentimento de acomodação pelo facto de que ele não participava nas mesmas. Apenas com essa aproximação ao aluno, conhecendo as suas motivações, é que pudemos alterar tal situação, para conseguir obter os resultados desejados.

Pelo facto de, no 3º Período, ter ocorrido alguma quezília que não conhecemos, por não nos ter sido relatada, essa situação despoletou um afastamento dos alunos 2 e 3, que antes tinham uma boa relação entre si. Esta situação influenciou a aplicação de numa das estratégias que definimos no sentido de aumentar a motivação de ambos os alunos, visto terem que eles se recusaram no 3º Período em ser colocados no mesmo grupo. Com este entrave, a dinâmica de entreajuda, que se pretendia potenciar e que apresentou bons resultados no Período anterior, foi prejudicada e pôs em causa a prestação de ambos os alunos nas aulas.

No entanto, apesar de ter havido um decréscimo nos seus resultados, do 2º para o 3º Período, isso não implicou que a intervenção que tivemos na sua motivação tenha sido um fracasso. Antes pelo contrário, consideramos que estes alunos fizeram

progressos claros, visíveis não só nas suas notas finais, mas principalmente na forma como passaram a encarar a disciplina de Educação Física.

Apesar de considerarmos que este estudo de caso teve resultados bastante positivos, achamos que algumas limitações devem ser referidas, pois consideramos que as mesmas, caso não tivessem existido, este estudo teria surtido resultados mais satisfatórios.

A primeira limitação que encontrámos está associada ao facto de, ao longo do nosso estágio pedagógico, a turma em que os alunos do estudo de caso estavam inseridos foi leccionada pelos três estagiários alternadamente, o que dificultou, de certo modo, a acção pedagógica sobre os alunos, visto que a mesma ao invés de ser feita dentro da aula, era feita nos momentos anteriores ou posteriores à mesma, nomeadamente as conversas informais. No entanto, através da boa comunicação e cooperação existente dentro do grupo de estágio, tentamos minimizar este problema, pois o planeamento das aulas era feito tendo em vista os objectivos a atingir com estes alunos.

A segunda limitação a referir passa pela possível subjectividade inerente aos registos diários, visto que os mesmos foram feitos de acordo com a nossa interpretação acerca do que ocorria em cada uma das aulas. No entanto, apesar de essa questão se poder colocar, tivemos sempre o cuidado de fazer registos o mais objectivos possível, definindo parâmetros para cada um dos elementos de avaliação. Todos os valores registados foram revistos pelo orientador pedagógico, que sempre deu a sua opinião sobre os mesmos, caso se notasse alguma discrepância entre aquilo que se tinha passado na aula e o que tinha sido registado, para que as devidas correcções fossem feitas.

Quanto à última limitação, devemos ter em conta o facto de a dinamização das aulas de apoio, para os alunos com mais dificuldades nesta turma não ter tido o sucesso que desejávamos. Acreditamos que as mesmas apenas teriam sido benéficas para a melhoria do seu processo de ensino-aprendizagem, podendo ter sido possível obter resultados mais satisfatórios com os elementos que constituíram a nossa amostra deste estudo de caso, visto que os mesmos se incluíam no grupo de alunos indicados para as aulas de apoio.

Todavia, a resistência dos alunos em participarem nas aulas de apoio, iniciativa que tinha partido de nós, impediu que as mesmas fossem concretizadas, levando a que fosse impossível trabalhar individualmente com os alunos em causa, para atingir os objectivos que pretendíamos para cada um deles, pelo que tivemos de recorrer a outras formas de actuar, que não passasse por estas aulas de apoio.

6.2. Acção de Extensão Curricular

Sabendo que os alunos que constituem as turmas que nos foram atribuídas no estágio pedagógico, na sua maioria, apresentavam bastantes lacunas no que concerne às relações inter-pessoais e à capacidade em assumir um conjunto de comportamentos adequados consoante o ambiente em que se encontravam, considerámos que seria de extrema importância que, não só na disciplina de Educação Física, mas também em todas as restantes disciplinas que constituem o currículo destes cursos, fossem criadas situações e realizadas actividades que potenciasses experiências ligadas à aquisição de competências a este nível.

Assim, a actividade de Extensão Curricular que nos propusemos a desenvolver, passou pela organização de uma caminhada até ao Parque de Santa Catarina, seguida de um Peddy Paper, e finalmente um lanche convívio, que envolvesse não só os alunos, mas também os docentes das restantes disciplinas destas turmas, bem como os encarregados de educação dos alunos em questão.

Esta actividade foi intitulada de “Aprender Interagindo”, visto que tínhamos como propósito potenciar a criação de hábitos, tais como o respeito pelos outros e pelo espaço físico que os rodeia, a capacidade de se inter-relacionar de forma civilizada e respeitadora perante os colegas, professores e pais/Encarregados de Educação, ou mesmo a importância da actividade física como forma de aquisição de valores e atitudes morais, através de uma actividade lúdica e que implicasse a prática de actividade física.

Esta actividade direccionou-se aos alunos das duas turmas dos Cursos de Educação e Formação, bem como aos seus Encarregados de Educação e docentes das disciplinas das respectivas turmas.

6.2.1. Objectivos da Acção de Extensão Curricular

6.2.1.1. Objectivos Gerais

- Desenvolver e potenciar o trabalho de grupo;
- Desenvolver as relações inter-pessoais;
- Sensibilizar para a preservação de um ambiente ecológico;
- Conhecer e explorar espaços diferentes;
- Desenvolver o trabalho interdisciplinar aliado à actividade física.

6.2.1.2. Objectivos Específicos

- Desenvolver o trabalho e as relações interpessoais através da formação de grupos heterogéneos (alunos, pais e professores) para a resolução de problemas comuns;
- Promover a prática de actividade física de lazer num espaço “verde” apelando à preservação dos espaços e redução da “pegada humana”;
- Colocar questões sobre diversas matérias curriculares num ambiente informal e lúdico;
- Ler e interpretar mapas.

6.2.2. Estruturação da Actividade

Inicialmente, a actividade de extensão curricular iria consistir, numa primeira parte num passeio no *Catamaran*, e na segunda parte numa deslocação até ao Regimento de Guarnição 3, em que seriam realizadas um conjunto de actividades associadas aos Desportos de Natureza. Para garantir que a ida ao *Catamaran* não implicasse grandes custos para os participantes, negociámos com a empresa que garante as viagens, no sentido de encontrar um valor monetário acessível a todos. Conseguimos então um valor que correspondia a esse objectivo, em que cada participante teria de contribuir com 7,50 € para garantir a sua participação.

No entanto, e após termos inquirido os Encarregados de Educação acerca da sua disponibilidade em despende o respectivo valor monetário para a participação no passeio, verificámos que apenas dois Encarregados de Educação estavam dispostos a ter

essa despesa, o que não garantia de forma alguma o valor estipulado pela empresa responsável pela organização destes passeios.

Assim, sentimos a necessidade de adaptar o conjunto de experiências às características e possibilidades dos alunos, de forma a desenvolver um trabalho interdisciplinar, bem como um desenvolvimento das relações entre professores e alunos e as inter-relações entre estes, em prol de um melhor desenvolvimento curricular.

A realização de um Peddy Paper, num local centralizado na zona do Funchal, que permitisse uma fácil deslocação da escola ao local da actividade, e vice-versa, apresentou-se assim como uma alternativa viável, permitindo que atingíssemos os objectivos inicialmente propostos, sem que isso trouxesse qualquer encargo financeiro aos participantes, correspondendo assim às suas necessidades e condicionantes sociais e financeiras.

Ultrapassada esta contrariedade, passámos à organização e divulgação da actividade em si. A primeira fase consistiu em contactar, informalmente, a Câmara Municipal do Funchal, com o intuito de aferir a disponibilidade do Parque de Santa Catarina, para que definíssemos a data mais adequada para a realização da actividade. Posteriormente, foi remetido um pedido formal, em forma de ofício, para a entidade responsável, tendo sempre o conhecimento e aprovação da Direcção Executiva da Escola.

Após a autorização para utilizar o local ter sido concedida, procedemos à divulgação da actividade na instituição de ensino em que nos inserimos, mais especificamente dentro das turmas a nosso cargo. Essa divulgação foi feita através de um comunicado, com as respectivas fichas de inscrição anexadas, que circulou pelos professores das respectivas turmas, alunos e Encarregados de Educação.

De forma a transmitir a informação de um modo mais claro e directo aos Encarregados de Educação, foram utilizadas duas estratégias que se complementaram, para garantir que a participação desejada fosse possível. A primeira consistiu na formulação e entrega de um comunicado que os alunos deveriam apresentar aos seus Encarregados de Educação, que seria devolvido com a respectiva assinatura a comprovar a sua disponibilidade.

A segunda estratégia passou pela solicitação às Directoras de turma de cada uma das turmas, que transmitissem a informação relativa à actividade, bem como a sua importância no âmbito curricular, apelando assim à sensibilização dos Encarregados de Educação e dos alunos, de modo a aliciá-los a participar na mesma.

Contudo, os alunos, pela sua desmotivação já inerente, apresentaram inicialmente alguma resistência na participação da acção. Assim, sentimos necessidade em encontrar uma estratégia que pudesse tornar a sua presença inevitável. Essa estratégia passou pela utilização do tempo de uma aula de Educação Física, mais especificamente uma Segunda-Feira de manhã, visto que dessa forma esse tempo de aula seria rentabilizado para a actividade. Posto isto, as duas turmas realizaram a actividade nessa Segunda-Feira, sendo que caso não participassem teriam falta de presença.

Outra das preocupações que tivemos na organização da actividade, teve a ver com a necessidade de verificação e reconhecimento do local que seria utilizado, com o objectivo de aferir as condições e os diversos percursos possíveis que poderiam ser montados. Para que esse reconhecimento do terreno fosse o mais eficaz e preciso possível, foram efectuados diversos registos fotográficos de vários pontos de controlo possíveis. Este tipo de registo demonstrou ser bastante útil, pois facilitou-nos o trabalho de delineamento do percurso para o peddy paper, dando-nos locais de referência para os diversos pontos de controlo que existiriam no mesmo.

Na actividade em si, tivemos o cuidado de formar equipas heterogéneas, cujos constituintes envolvessem um docente e um aluno de cada turma, numa tentativa de potenciar ao máximo as relações inter-pessoais positivas, um dos principais objectivos desta actividade.

Em cada um dos pontos de controlo, os participantes podiam encontrar um conjunto de questões, relacionadas com as várias disciplinas que constituem o currículo escolar definido para este tipo de cursos alternativos, e os participantes, em conjunto, teriam de resolver o conjunto de problemas apresentados, não só ao nível das questões, mas também na leitura e interpretação dos mapas e procura dos pontos de controlo.

Quanto ao lanche convívio, cada aluno estava responsável em trazer algum alimento que contribuísse para o mesmo, havendo um ambiente de partilha entre eles, sendo assim enaltecido o sentimento de solidariedade e de partilha entre eles.

6.2.3. Apreciações Finais

Inicialmente, a actividade estava agendada para o dia 26 de Fevereiro, que correspondia a um Sábado, no mesmo horário, mas uma vez que a adesão dos alunos, professores e encarregados de educação não correspondeu às expectativas, decidimos que deveríamos tornar a mesma de cariz obrigatório, para que o principal público-alvo comparecesse.

Quanto à participação na actividade, esta contou com um total de 31 participantes, sendo que 25 deles foram alunos e os 6 restantes professores. Assim, num total de 32 alunos que compõem as turmas do CEF 8 e do CEF 9, faltaram 7 deles, e alguns professores não compareceram, devido a motivos profissionais que impediram a sua presença. Neste número de participantes, não estão incluídos os pais e encarregados de educação dos alunos, visto que a sua afluência foi nula.

Isso pode ser justificado pela falta de interesse demonstrada pelos pais na vida escolar dos filhos, bem como pela realidade social em que muitos desses alunos estão inseridos, que influenciou essa falta de afluência registada. Contudo, contornámos essa adversidade, através da criação de um CD com uma apresentação de registos audiovisuais do dia da actividade, que foi fornecida aos encarregados de educação.

A parte inicial da actividade, mais especificamente na caminhada da escola até ao Parque de Santa Catarina, teve o intuito de fomentar a criação de alguns laços entre os alunos e os professores, bem como promover um conjunto de hábitos saudáveis, nomeadamente caminha em meio citadino, visto que a ilha da Madeira é um local que permite esse tipo de deslocamento.

No início da caminhada, houve um pequeno atraso, devido à não presença de alguns alunos no local definido, o que levou a que se tenha acrescentado 15 minutos ao horário inicialmente definido, para que esses alunos chegassem. Esse atraso, apesar de ter influenciado directamente o começo do Peddy-Paper, atrasando-o, não prejudicou a actividade em si e o seu planeamento, visto que já tínhamos contemplado

antecipadamente, no tempo total definido para toda a actividade, algum tempo para eventuais atrasos e contrariedades que pudessem surgir.

Por não termos feito um correcto planeamento da caminhada, nomeadamente na definição do percurso e na distribuição dos alunos pelo número de professores disponíveis, originou a que se adoptassem comportamentos desviantes por parte dos alunos, que previamente poderiam ter sido precavidos e controlados, caso a sua dispersão não tivesse sido tão patente.

Já na parte principal da actividade, o Peddy-Paper, aquando da concepção dos grupos foi necessário ser feito um pequeno ajuste, pois em alguns dos grupos inicialmente formados, os membros que os constituíam não se encontravam presentes. Esta alteração não gerou conflitos entre os alunos presentes, nem tão pouco prejudicou o normal desenvolvimento da actividade, o que significa que conseguimos reorganizar as equipas com o pouco tempo disponível que possuíamos, não comprometendo a dinâmica dentro de cada grupo.

Devido às alterações nos horários de cada uma das fases da actividade, que surgiram em consequência do atraso inicial já referido, necessitámos de ajustar os intervalos de partida de cada equipa, o tempo de análise do mapa fornecido aos participantes, e o tempo de penalização de cada resposta incorrecta, para que pudéssemos cumprir com o horário definido.

O percurso delineado e as perguntas utilizadas para cada uma das estações estavam em consonância com o grau de dificuldade indicado para os alunos, o que tornou a actividade mais aliciante e com um grau de sucesso acentuado, pois todos os grupos cumpriram o percurso correctamente, mostrando empenhamento e níveis de satisfação elevados no final do percurso. Apesar disso, a folha de registo das respostas, que fornecemos a cada um dos grupos, acabou por causar alguma controvérsia entre os participantes, uma vez que o ponto de partida foi confundido com o primeiro ponto do percurso, o que levou a que as questões fossem assinaladas no local errado.

Sabendo que estes alunos, devido às suas características e atitudes, que já eram constatadas dentro das aulas, possuem a tendência em assumir comportamentos desadequados, esse factor foi tido em conta por nós, o que nos levou a tomar algumas

providências, nomeadamente com os materiais e com as regras e condutas que deveriam ser cumpridas. No entanto, essas estratégias que garantimos estarem presentes, de forma a minimizar esses comportamentos, não impediu a ocorrência de situações de incumprimento de algumas regras previamente estipuladas, relativamente ao respeito pelo material e pelos colegas, uma vez que alguns alunos tentaram boicotar a actividade aos outros participantes, retirando as canetas referentes a alguns pontos, o que não permitia ao grupo seguinte responder a essas questões com as canetas estipuladas.

Com a conclusão do Peddy-Paper por parte de todos os grupos, procedeu-se à contagem das pontuações de cada equipa. Este processo acabou por se prolongar um pouco mais do que esperávamos inicialmente, pois o sistema de contabilização que montámos demonstrou não ser o mais eficaz, pelo que, aliado à nossa inexperiência neste tipo de situações e ao número elevado de respostas incorrectas encontradas em cada uma das folhas de registo, despendemos um pouco mais de tempo do que aquele que tínhamos planeado.

Enquanto essa contagem dos pontos decorria, os participantes poderiam realizar um conjunto de actividades de lazer, tais como jogar livremente badminton, futebol, ou andebol. Nesse tempo, também estava definido que decorreria um lanche convívio entre os participantes, contudo a maioria dos alunos não trouxe a sua contribuição para o lanche, tal como tinha ficado inicialmente combinado, pelo que contamos apenas com o que a Professora Sara Barbeito, com toda a sua disponibilidade, tinha trazido.

Após o lanche e convívio entre os demais participantes, procedeu-se à entrega dos prémios. Estes envolviam dois tipos de brindes, ambos relacionados com a actividade física, e foram entregues consoante o lugar alcançado, sendo o melhor prémio atribuído à equipa primeira classificada e os restantes prémios, com um valor mais simbólico, distribuídos pelas restantes equipas (2º a 6º lugar).

Uma vez que os prémios entregues não suportaram custos monetários elevados, tratando-se apenas de um factor de motivação e satisfação para os presentes, podemos afirmar que todos os participantes ficaram satisfeitos e compreenderam a verdadeira intenção simbólica dos prémios, pois não pretendíamos passar a imagem de que a prática de actividade física e consequente satisfação, esteja associada a grandes gastos, realçando assim o grande objectivo de valorizar as inter-relações entre os demais

presentes e aliar a prática actividade física à aquisição de novas competências e experiências.

Na globalidade, consideramos que a actividade correspondeu às expectativas dos participantes, pois os feedbacks por eles transmitidos assim o indicaram. Podemos afirmar que os objectivos traçados para esta actividade foram alcançados, e que conseguimos mobilizar a maior parte dos alunos das duas turmas, bem como os docentes das mesmas. No entanto, o facto de a presença de pais ou encarregados de educação ter sido nula, deixa-nos um pouco um sentimento de dever incumprido, apesar de termos feito tudo ao nosso alcance para que essa presença pudesse ser possível.

No que concerne a aspectos menos positivos, que advieram da nossa avaliação, podíamos ter tido mais atenção na divulgação da actividade, de maneira a conseguir chegar aos pais de forma mais convincente e daí apelar à participação dos mesmos. Contudo, houve necessidade da actividade decorrer num dia de semana, de forma a captar o maior número de alunos, pois a mesma passou a ser de carácter obrigatório, e por esse facto a participação dos pais de forma directa foi comprometida.

Finalmente, acreditamos que uma actividade deste tipo possui uma grande pertinência no âmbito educativo, pois mobiliza um conjunto de pessoas, em torno de um objectivo comum, apelando ao convívio entre os demais alunos e agentes educativos que com eles trabalham todos os dias, sendo utilizada uma actividade lúdica e que ao mesmo tempo potencia a transmissão de valores, e a interdisciplinaridade, aliando a actividade física às restantes disciplinas que constam do currículo dos alunos.

VII. Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

7.1. Actividade Científico-Pedagógica Individual

O desenvolvimento de uma acção desta natureza surgiu com o intuito de abordar um conjunto de temáticas que estão associadas à área da Educação Física, à volta de uma série de conteúdos que provocassem a troca de experiências e conhecimentos entre os participantes, promovendo, assim, um debate saudável e a troca de conhecimentos entre eles. O núcleo de estágio dinamizou, portanto, no dia 9 de Fevereiro de 2011, uma acção conjunta que englobou 3 temas, um para cada um dos estagiários, mantendo-os, todavia, coesos e coerentes, pela continuidade e associação de conteúdos.

O tema que optámos por abordar foi intitulado de “*Contributos do Ensino da Educação Física na Formação Integral dos Alunos*”, porque era nossa convicção que debater tal assunto seria uma mais-valia, no âmbito educativo, para os docentes da escola, não só da disciplina de Educação Física, mas também das outras disciplinas que constituem o currículo educativo.

Após ter sido proposto ao grupo de Educação Física e, conseqüentemente, ter sido aprovado, apercebemo-nos de que este traria bastantes benefícios para a construção de conhecimento e partilha de opiniões e experiências pedagógicas pessoais, pelo que avançámos com o seu desenvolvimento, acreditando que a participação nesta acção potenciaria a aquisição de competências.

7.1.1. Objectivos da Actividade Científico-Pedagógica Individual

7.1.1.1. Objectivo Geral

- Demonstrar a importância do Ensino Integral na formação dos alunos e como a Educação Física Escolar, através das suas características, contribui para essa formação;

7.1.1.2. Objectivos Específicos

- Sensibilizar os docentes de Educação Física para a importância da disciplina para a Formação Integral dos alunos;

- Apresentar os diferentes Domínios que, através da sua relação, potenciam a Formação Integral;
- Sublinhar o papel do Professor de Educação Física na potenciação desta Formação;
- Evidenciar, através de uma situação de aprendizagem nas aulas de Educação Física, como os três Domínios podem ser trabalhados;

7.1.2. Contributos do Ensino da Educação Física na Formação Integral dos Alunos

A Educação Física Escolar, desde a sua inclusão ao nível educativo, tem servido como instrumento potenciador da formação e desenvolvimento do Homem. Contudo, a forma como essa formação e desenvolvimento têm sido conduzidas tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos, fruto da evolução dos conhecimentos nesta área, bem como da compreensão das competências que a mesma pode desenvolver.

Antigamente, tal como referem Filho et al. (2009), a Educação Física nas escolas tinha como principal finalidade cuidar da saúde do corpo, para fins militares ou como ferramenta de trabalho, dando a preparação necessária para “a defesa da Pátria e para o fortalecimento da economia”.

Cardoso (1991, cit. por Filho et al, 2009) afirma também que o objectivo da Educação Física Escolar passava por inculcar regras como disciplina e subordinação, tendo em vista a formação de indivíduos com uma grande submissão às ordens de entidades superiores, o que permitia, segundo Voser & Giusti (2002, cit. por Filho et al, 2009) a diferenciação entre as classes sociais, propagando dessa forma a sobreposição de classes e de estatutos sociais.

No entanto, com a evolução do pensamento e do conceito de educação, a Educação Física Escolar adequou as suas finalidades, acompanhando essa evolução. De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (de 30 de Agosto de 2005), o sistema educativo actual deve fomentar o desenvolvimento de indivíduos críticos e criativos, que sejam capazes de se inserir no meio social em que estão integrados, potenciando assim as transformações e evoluções progressivas dos mesmos ao longo da sua vida.

Desta forma, a prática pedagógica da Educação Física deve ter em conta o desenvolvimento eclético, harmonioso e integral dos alunos, devendo, tal como diz Barbosa (2007, cit. por Filho et al, 2009) “formar cidadãos críticos, autónomos e conscientes dos seus actos, o que contribui para uma transformação social”, sendo esta “uma nova forma educativa para a formação de um ser completo e autónomo de suas acções” (Monteiro, 2007).

7.1.2.1. Formação Integral: Importância no Ensino Escolar

No âmbito educativo, é possível verificar que existe a consciencialização, por parte dos seus intervenientes, da importância do desenvolvimento integral dos alunos através do ensino. Isso é visível, inclusivamente, na Lei de Bases do Sistema Educativo (de 30 de Agosto de 2005), quando se explicita que “as actividades em ambiente educativo devem contribuir para a formação integral do educando através do desenvolvimento da personalidade, do carácter e da cidadania proporcionando-lhe, concomitantemente, um equilibrado desenvolvimento físico”, devendo a escola, através de actividades tanto curriculares como extra-curriculares, proporcionar as condições para que essa formação seja exequível.

Porém, apesar de essa consciencialização estar presente, o que é realizado na Escola não vai ao encontro desse ensino integral. No caso da Educação Física, isso é visível, pois, tal como expõe Bracht (1992, cit. por Filho et al., 2009), nas aulas, “os critérios que têm sido utilizados são as técnicas e as habilidades desportivas, e também os conhecimentos dos mecanismos psico-fisiológicos do treino, do rendimento”, o que significa que os professores dão prioridade apenas aos aspectos técnicos e ao desenvolvimento das capacidades motoras de cada modalidade.

Como refere Monteiro (2007), os alunos, nas aulas de Educação Física, devem ser observados não só de acordo com os aspectos corporais (mais evidentes nas práticas desportivas), mas também nos aspectos cognitivo e afectivo, o que implica que o planeamento e avaliação das aulas se centrem também nestes aspectos.

Os conhecimentos que os alunos ganham devem ser construídos por eles mesmos, sendo esta aspiração suportada por correntes pedagógicas, como o Construtivismo que, tal como refere Cañete (2001), é marcado pela construção do

conhecimento por parte do aluno, levando a uma solidificação do ponto de vista cognitivo, permitindo também um desenvolvimento e formação de diferentes habilidades e a capacidade de trabalhar de forma autónoma.

Desta forma, é possível identificar três Domínios de aprendizagem, definidos na taxonomia de Bloom (1975), essenciais para o desenvolvimento Integral dos alunos, sendo estes, o Psicomotor, o Cognitivo e o Sócio-Afectivo. É através da relação entre estes domínios que se encontra o equilíbrio necessário para que se consiga potenciar o desenvolvimento integral e eclético dos alunos. Isso implica que a forma como se aborda o ensino deve ter como base a criação de uma estabilidade e uma harmonia entre estes, tendo em vista a “formação de um ser completo e autónomo de suas acções”, contribuindo assim para “a construção de um estilo pessoal” (Monteiro, 2007).

7.1.2.2. Domínio Psicomotor/Sócio-Motor

Rosado (1998), nos seus estudos, assume que o domínio motor, para além de potenciar a evolução dos alunos ao nível das suas capacidades físicas, tais como a flexibilidade, a força, a resistência, ou a velocidade, e das capacidades psicomotoras, como por exemplo a lateralidade, o equilíbrio, entre outras, permite a assimilação de conteúdos culturais que facilitam a integração na sociedade em que eles se inserem, sendo este domínio o que “constitui a especificidade maior da intervenção da Educação Física”.

Desta forma, segundo Monteiro (2007), é possível compreender-se a importância da existência de conteúdos ligados ao domínio psicomotor no processo de ensino-aprendizagem dos jovens, entrando a Educação Física como o veículo para que isso seja possível. O desenvolvimento dos alunos a este nível auxilia não só na prevenção de problemas de aprendizagem, mas também na melhoria da aprendizagem global dos mesmos, favorecendo transformações nos comportamentos.

Apesar de se verificar que os Programas Nacionais de Educação Física assumem um trabalho direccionado para este domínio psicomotor, ao analisarmos muitas das matérias de ensino que são trabalhadas em contexto de aula, nomeadamente as modalidades que se incluem na taxonomia dos Desportos Colectivos, apercebemo-nos que existe uma relação de interacção/oposição entre os vários elementos que participam

nessas actividades. Assim, ao nos referirmos ao Domínio Psicomotor, não estamos a ter em conta as relações afectivas que estão inerentes a essas práticas motoras.

Posto isto, Parlebas (1992) refere um novo Domínio, intitulado de Domínio Sócio-Motor, caracterizando as várias situações que nele se incluem da seguinte forma:

“[...]a característica fundamental destas situações é a presença de uma interacção motora, que parte da realização da tarefa envolvida (desportos de combate, esgrima, desportos de raquete, todos os jogos desportivos colectivos, actividades colectivas múltiplas...). Essa interacção distintiva, que opõe sociomotricidade e psicomotricidade, enfatiza a centralidade da relação que a pessoa que age tem com os outros [...] (Parlebas, 1992, p.224)

O mesmo autor fala ainda dos jogos sócio-motores nas aulas de Educação Física, que se manifestam através de uma relação motora, em que existe cooperação entre os vários elementos, ou pelo contrário, uma contra-comunicação caracterizada pelas relações de oposição. (Parlebas, 1992). Todos estes jogos, para o autor, “oferecem um vasto campo de práticas, todos caracterizados, como foi visto anteriormente, à convocação de uma interacção motora” (Parlebas, 1992, p.111).

Podemos assim encontrar uma diferenciação entre o domínio psicomotor e o domínio sócio-motor supramencionado por Parlebas (1992), que é patente não só ao nível da análise dos aspectos técnico-tácticos, mas também ao nível da sua influência pedagógica.

7.1.2.3. Domínio Cognitivo

Não é possível fazer uma dissociação entre o desenvolvimento psicomotor e o desenvolvimento cognitivo, visto que “o desenvolvimento psicomotor passa a ser pré-requisito de conteúdos cognitivos” (Brach apud Batistella, cit. por Balbé et al. 2009).

Desta forma, Rosado (1998) define o desenvolvimento cognitivo/intelectual como a aprendizagem de um determinado conjunto de habilitações a nível cognitivo, que se associam às aprendizagens a nível do domínio psicomotor.

Este conjunto de aprendizagens deve ser tido em conta ao nível da tomada de decisão, do conhecimento das regras inerentes aos diferentes desportos, da leitura das situações de forma a obter vantagem pessoal, entre outras.

7.1.2.4. Domínio Sócio-Afectivo

Tal como nos domínios anteriores, também não podemos menosprezar o desenvolvimento sócio-afectivo, devendo existir uma ligação entre estes três domínios na formação integral dos alunos.

Rosado (1998) refere que a Educação Física e o Desporto são um instrumento de grande utilidade, no que diz respeito à sua contribuição para o “desenvolvimento do carácter, por facilitar o desenvolvimento de hábitos de interacção social aceitável e por promover o desenvolvimento de atitudes e valores humanos gerais”.

Ao nível do desenvolvimento sócio-afectivo propriamente dito, os Programas Nacionais realçam a sua importância, ao se referirem às finalidades da Educação Física, definindo que a mesma deve potenciar um conjunto de aprendizagens que sejam aplicáveis ao contexto social em que os alunos se inserem, através das actividades físicas e desportivas.

7.1.2.5. Intervenção da Educação Física Escolar na Formação Integral dos alunos

Segundo Monteiro (2007), a formação integral que a Educação Física procura proporcionar aos alunos passa pela utilização e sistematização de situações de ensino-aprendizagem, que levem a que estes tenham acesso a um conjunto de conhecimentos conceptuais e práticos, que permitam melhorar as suas potencialidades. Assim, podem-se verificar os efeitos positivos que a Educação Física tem “no pensamento, no conhecimento e acção, nos domínios cognitivos, na vida do ser humano”, tornando indivíduos fisicamente educados, aptos “para uma vida activa, saudável e produtiva”, e com condições para se integrarem adequadamente em sociedade.

O mesmo autor afirma ainda que a Educação Física tem a capacidade de criar estabilidade na vida das pessoas, através de actividades associadas aos diferentes domínios.

Monteiro (2007) aponta a utilização de actividades e jogos lúdicos como uma forma de educar os alunos ao nível do desenvolvimento psicomotor, cognitivo e sócio-afectivo, ou seja, para a formação integral.

De acordo com Herrera (2001), quando os alunos adquirem um conjunto de atitudes e valores adequados e associados às crenças dos professores que os transmitem, evitam-se determinados comportamentos discriminatórios. Assim, segundo o autor, uma forma de se transmitir aos alunos atitudes e valores adequados passa pela dimensão mais lúdica e recreativa do desporto e da competição.

Outro aspecto a ter em conta na intervenção que a Educação Física tem na formação dos alunos, está relacionado com a adequação dos conteúdos às suas características e necessidades. Filho et al. (2009) reforçam esta ideia, assumindo que a realidade sócio-cultural de cada aluno influencia directamente a selecção dos diferentes conteúdos, visto que estes devem ter uma relação com a realidade social que os alunos encontram.

7.1.2.6. Papel do Professor de Educação Física na Potenciação da Formação Integral

Como se sabe, o professor é o principal agente responsável pela transmissão de conhecimentos e valores aos seus alunos, seja em que disciplina for. No caso da Educação Física, pelas suas características, existe uma relação professor-aluno que ultrapassa a simples transmissão de matéria e conseqüente assimilação por parte dos alunos. O professor, citando Filho et al. (2009), “é um facilitador e orientador das actividades e é responsável por estimular uma participação maior e mais consciente dos alunos”, o que implica a existência de uma relação mais directa e pessoal entre o professor e os seus alunos.

De acordo com Bracht et al. (1992, cit. por Filho et al, 2009) o professor deve, através da Educação Física, ter a capacidade de utilizar as características inerentes à disciplina, nomeadamente a prática de actividade física, como forma de criar situações potenciadoras de transformações nos seus alunos.

Assim, Cardoso (1991, cit. por Filho et al., 2009) apresenta uma proposta, composta por três etapas, que explica a forma como se deve guiar o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física.

Quanto à primeira etapa, tanto o professor como os alunos decidem os conteúdos que devem ser abordados ao longo das aulas, sendo a participação dos alunos, neste

processo, fundamental, já que se tornam agentes activos e participativos do seu próprio processo de ensino-aprendizagem, consciencializando-se da importância do seu papel na sua própria formação.

Relativamente à segunda etapa, o autor diz que os alunos têm um papel colaborador no desenvolvimento dos conteúdos abordados, enriquecendo-os com as suas experiências pessoais, sendo este processo de ensino-aprendizagem flexível, tal como os conteúdos em si.

Finalmente, na terceira etapa, refere que deve existir uma ligação entre a realidade social em que os alunos se inserem e os conteúdos leccionados, visto que o que acontece muitas vezes nas escolas é que os conteúdos abordados não se relacionam com a vida quotidiana dos jovens.

7.1.3. Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolver a Acção Científico-Pedagógica Individual tiveram em conta um conjunto de domínios, discriminados seguidamente.

7.1.3.1. Definição do tema e Objectivos

O tema que desenvolvemos para a apresentação ao grupo de Educação Física, na Acção Científico-Pedagógica Individual, foi escolhido de acordo com a sua pertinência no âmbito educativo, e também por questões pessoais, visto que consideramos, aquando dessa escolha, que a investigação feita para este tema traria um conjunto de conhecimentos e competências com grandes benefícios para a prática profissional na área do ensino da Educação Física, sendo assim de grande pertinência tanto para o público-alvo, como a nível individual.

Este tema foi escolhido após uma breve reflexão sobre os benefícios que o mesmo poderia trazer para a construção de conhecimento por parte dos docentes e restantes entidades que iriam participar, tentando expor algumas premissas e ideias que pudessem ser benéficas para os mesmos, aquando da sua actuação na leccionação das suas aulas.

Assim, tentamos demonstrar de que forma a Educação Física escolar, através das suas características, pode potenciar o desenvolvimento dos 3 Domínios de aprendizagem, definidos por Bloom (1975), dentro das aulas de Educação Física, expondo assim aos participantes da acção a ideia de que a Educação Física é mais do que o simples treino das habilidades de execução de tarefas motoras, visto que estas são um veículo para uma aprendizagem mais eclética e integral.

7.1.3.2. Recolha de informação para o tema

Feita a escolha do tema a abordar na acção individual, procedemos à recolha de informação associada ao mesmo, através de uma pesquisa em artigos, livros e documentos científicos que pudessem ser úteis para a recolha de literatura relevante. Esta recolha de informação foi feita ao longo do tempo, visto que o processo de conceptualização desta acção seria realizado até à data em que a mesma estava agendada, pelo que esse tempo foi aproveitado para reunir toda a informação que fosse útil para o enriquecimento do nosso trabalho.

A informação recolhida foi compilada e dividida pelos diferentes sub-temas do trabalho de revisão bibliográfica, tendo sido posteriormente organizada, dando-se-lhe uma estrutura lógica, de acordo com o que pretendíamos apresentar.

Para esta recolha de informação, foram utilizados motores de busca de artigos científicos relacionados com a área de Educação Física, bem como livros e/ou revistas científicas cujo conteúdo fossem adequados à temática em questão.

7.1.3.3. Conceptualização da Revisão Bibliográfica

Após toda a informação necessária recolhida, passámos à sua organização, criando um documento único e coerente, sub-dividido por vários tópicos, que sistematizasse os conteúdos a apresentar ao grupo de Educação Física e aos restantes participantes que demonstrassem interesse em assistir à acção individual. Esta revisão bibliográfica serviu como o documento utilizado para apresentar aos participantes e continha toda a pesquisa e premissas que pretendíamos expor.

7.1.3.4. Contactos para recursos espaciais

Para que a acção decorresse, era necessário um espaço físico que possuísse as condições necessárias. Foi, então, solicitada a sala 102 da Escola Básica dos 2º/3º ciclos dos Louros, visto que a mesma possui um projector e um quadro interactivo, sendo estes materiais multimédia as ferramentas de apoio utilizadas na sessão da apresentação em formato PowerPoint.

7.1.3.5. Divulgação da Acção

Para a divulgação da acção conjunta, construímos um cartaz único, que continha toda a informação relevante para os interessados em participar, nomeadamente o dia em que decorreria, o seu horário, o respectivo local, os diferentes temas que seriam abordados pelos professores estagiários, bem como a ordem de apresentação dos temas desenvolvidos, e outra informação que considerámos relevante.

As acções foram também divulgadas de forma informal, através de conversas com os outros docentes da escola, bem como à Dra. Gilberta Camacho e membros do Conselho Executivo.

Foi, de igual modo, construído um panfleto, alusivo à acção individual, cujo conteúdo incluía um pequeno resumo dos conteúdos que seriam abordados, os objectivos que pretendíamos atingir com esta acção e o respectivo programa, para que fosse fornecido aos participantes um documento elucidativo do que seria realizado. Estes panfletos foram colocados no Departamento de Educação Física da Escola Básica dos Louros e, posteriormente, distribuídos no dia em que a acção decorreu.

7.1.3.6. Organização e Concepção da Acção

Para a organização das acções individuais que dinamizámos, foi definido que as três acções iriam decorrer no mesmo dia, potenciando assim uma maior afluência de participantes, visto que, assim, a possibilidade de os participantes da primeira acção comparecerem nas seguintes aumentaria.

A organização das temáticas desenvolvidas nas acções individuais, foi feita de acordo com uma coerência e pertinência dos temas, sendo que procurámos criar uma ligação entre eles, de acordo com os conteúdos que cada um iria focar. A estruturação

das apresentações dos temas seguiu uma lógica que partiu de um tema mais geral (ou macro) para um tema mais específico (ou micro).

Quanto à apresentação da acção, optámos por utilizar uma apresentação em formato PowerPoint, que teve como função servir de apoio à exposição dos conteúdos a abordar, sendo que utilizámos a estratégia de complementar as informações contidas no documento de apoio com informações complementares. Com esta forma de apresentação, tivemos como objectivo criar uma dinâmica dentro da própria apresentação, tentando evitar que esta se tornasse “maçadora” para os participantes.

Outro aspecto que esteve presente nas apresentações, consistiu na inclusão de um pequeno momento mais prático, de forma a motivar os participantes, dando-lhes um papel mais activo e permitindo a sua participação no processo de construção do conhecimento, através da aplicação dos conteúdos que foram abordados ao longo da apresentação.

7.1.4. Análise da Actividade Científico-Pedagógica Individual

Após a concepção e realização de todo o processo inerente à Acção Científico-Pedagógica Individual, que constitui uma das partes da avaliação do processo de estágio pedagógico em que nos encontramos, deve ser feita uma reflexão crítica daquilo que foi feito na mesma, de forma a detectar os pontos fortes e fracos de cada uma das fases inerentes ao processo, as principais dificuldades que foram sentidas, sendo também deixadas algumas recomendações e sugestões, para que, no futuro, quando uma acção desta natureza for dinamizada, exista uma base que permita uma maior qualidade na sua organização e estruturação.

Analisando a acção, podemos referir que, pelo facto de ter existido a oportunidade de mostrar, não apenas aos docentes da disciplina de Educação Física mas também aos restantes docentes das outras áreas de ensino, as vantagens que a Educação Física pode trazer para a formação dos alunos, foi também uma oportunidade de quebrar certos preconceitos que eventualmente existem em torno da disciplina e do seu papel no currículo educativo, factos estes que consideramos que devem ser realçados.

A possibilidade de desenvolver esta temática permitiu demonstrar de que forma os três Domínios de aprendizagem, referidos por Bloom (1975) podem estar presentes

VII. Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

no ensino da Educação Física nas escolas, visto que, de acordo com os Programas Nacionais de Educação Física, para que seja possível a potencialização de um desenvolvimento eclético e integral dos alunos, esses domínios devem ser trabalhados, podendo a Educação Física escolar fazê-lo de forma adequada.

Esta apresentação foi de igual modo vantajosa, já que permitiu mostrar ainda o papel da Educação Física, e principalmente dos professores de Educação Física, na formação integral dos alunos, ou seja, demonstrar de que forma pode a disciplina e os docentes que a leccionam actuar no sentido de potenciar o desenvolvimento eclético dos alunos.

O facto de todos os docentes de Educação Física, que leccionam na Escola dos Louros terem comparecido, constitui um outro ponto forte, visto que deste modo se evidenciou o interesse que os professores da disciplina tinham pelo tema, tendo considerado que os conteúdos que iriam ser abordados na acção lhes poderiam trazer conhecimentos importantes para a sua formação.

Para além da mobilização bastante positiva de todo o grupo de Educação Física, devemos ainda apontar a presença de docentes de outras disciplinas, o que veio enriquecer a acção, pois esta era uma temática que poderia ser vantajosa para os mesmos. Enaltecemos de igual forma a presença da presidente do Concelho Executivo na abertura da sessão, apesar de esta acção ter um carácter mais informal, pois demonstrou interesse e deu apoio ao grupo de estágio da sua parte.

Acreditamos que a eficácia na mobilização de um grupo de participantes tão elevado esteve relacionada com diversos factores, tais como a conjugação de uma hora que fosse acessível aos horários de todos, ao interesse demonstrado pela temática por parte dos docentes, pela divulgação activa dentro do seio escolar, através da afixação de posters na sala de professores e de directores de turma, no gabinete de Educação Física, e através do contacto directo com os vários docentes, expondo os objectivos que esta acção pretendia atingir, fazendo um convite informal de participação.

Por outro lado, a parte prática incluída na acção surgiu como uma tentativa de envolver de uma forma activa todos os participantes, fazendo-os aplicar os conteúdos expostos na parte teórica a uma situação que pode ocorrer dentro de uma aula de

Educação Física. Consideramos que, apesar de numa fase inicial alguns docentes terem sentido algumas dificuldades em ir ao encontro daquilo que pretendíamos com este exercício mais prático, com o desenrolar da mesma, essas dificuldades foram superadas, levando-os a participarem de forma activa na actividade que era proposta.

7.1.5. Apreciações Finais

Tendo terminado a análise daquilo que se sucedeu ao longo da acção, podemos retirar algumas ilações e fazer algumas considerações que pensamos serem pertinentes para a percepção do seu processo de concepção e realização. No entanto, algumas sugestões e recomendações já foram deixadas, pelo que nesta fase final, iremos apresentar algumas sugestões de cariz mais geral.

O primeiro ponto, que consideramos ser importante referir, é o facto de se poder verificar que, em determinadas modalidades, se pode desenvolver um trabalho ao nível do Domínio Sócio-Motor, visto que na concretização de tarefas motoras estão envolvidos determinados comportamentos, que apenas são possíveis pela da relação com o outro.

Contudo, o Domínio denominado Sócio-Motor não se encontra contemplado de uma forma explícita nos Programas Nacionais de Educação Física, tal como está a ser feito aqui. Assim, uma das sugestões que apresentamos, passa pela especificação desse novo domínio, que envolva um conjunto de acções motoras, em que a interação e a relação com o outro estejam presentes, visto que o mesmo se encontra nas aulas de Educação Física, através daquilo que o docente solicita aos seus alunos nos exercícios e modalidades desportivas que são utilizadas nas aulas.

Finalmente, podemos considerar que toda a acção individual, tanto a nível pessoal como a nível dos *feedbacks* recebidos dos participantes após a sua realização, foi bastante positiva, tendo trazido conhecimentos que são benéficos para a melhoria da prática docente. Na nossa perspectiva, o tema e a abordagem que dele foi feita trouxe grandes vantagens para quem assistiu à acção, tendo contribuído para a aquisição de competências que terão bastante utilidade para a leccionação da disciplina de Educação Física, mas também para a compreensão da sua importância no âmbito educativo.

7.2. Actividade Científico-Pedagógica Colectiva

Quando fomos inseridos na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros, uma das primeiras tarefas realizadas passou pela realização da sua caracterização. Com a recolha dos dados necessários para a realização dessa tarefa, uma das características que nos chamou a atenção foi o facto de a escola em questão ser de referência para alunos com Necessidades Educativas Especiais, nomeadamente, para alunos com deficiência auditiva.

Assim, definimos, juntamente com os Orientadores responsáveis pelo nosso estágio pedagógico, que faria todo o sentido que a nossa Acção Científico-Pedagógica Colectiva se centrasse nessa realidade escolar, em que nós, na condição de grupo de estágio de uma escola com as características com que nos deparámos. Considerou-se ainda que, apesar de a escola ser de referência para alunos com determinado tipo de necessidades, os docentes de Educação Física consideram não possuir a formação, competências ou as ferramentas para adequar correctamente a sua actuação pedagógica junto deste tipo de populações especiais, inseridas no ensino regular.

Esta inclusão é cada vez mais comum nas instituições educativas pois, e tal como está definido pela Lei de Bases do Sistema Educativo (de Agosto de 2005), nomeadamente no Artigo 2º, todos os cidadãos portugueses possuem o direito à educação e à cultura, independentemente do seu estatuto sócio - económico, raça, crença, ou condição de saúde.

Assim, o tema *“Estratégias de intervenção e inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) nas aulas de Educação Física, abordagem específica das deficiências Auditivas e Visuais”* surgiu como uma forma de suprir as dificuldades sentidas pelos docentes, associando um conjunto de premissas teóricas a exemplos práticos de aplicação nas aulas de Educação Física, analisando-se situações de aprendizagem que levassem à inclusão dos alunos com as características que apresentavam.

7.2.1. Objectivos da Actividade Científico-Pedagógica Colectiva

7.2.1.1. Objectivos Gerais

- Proporcionar formação complementar e actualizar a formação inicial;
- Vivenciar práticas metodológicas que visem a operacionalização na actividade profissional;
- Estimular uma atitude crítica, inovadora, conduzindo a uma prática reflexiva da actividade educativa;
- Sensibilizar para as diferentes NEE's com que os docentes se podem deparar.

7.2.1.2. Objectivos Específicos

- Apontar as principais barreiras arquitectónicas e a forma como poderiam ser colmatadas, para facilitar a integração desses alunos, bem como a actuação dos docentes;
- Reflectir acerca do processo de Inclusão/Exclusão de alunos com NEE's nas Escolas;
- Desenvolver capacidades e competências ao nível da integração de estratégias de inclusão dos alunos com NEE's auditivas e visuais, na sua acção docente;
- Apresentação de uma componente prática, de modo a facilitar a percepção de actuação, através de exemplos e situações práticas, a serem aplicadas posteriormente nas aulas de EF.

7.2.2. Enquadramento do tema

Sendo a Escola, nos dias que correm, um local em que os alunos passam a maior parte do tempo, fruto da forma como o Ensino Escolar está organizado, inclusivamente, pela carga horária que está estipulada para o conjunto de disciplinas que constituem o currículo educativo, é possível afirmar-se que, dentro desta, os alunos adquirem competências que lhes permitem viver numa sociedade constituída por indivíduos com características únicas, e com necessidades diferenciadas.

Em 1990 assinou-se, na Tailândia, a “Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem”, onde está expresso que devem ser dadas as condições necessárias a todas as pessoas, quer sejam crianças,

VII. Atividades de Natureza Científico-Pedagógica

jovens ou adultos, para que elas possam ter o melhor aproveitamento possível das oportunidades educativas existentes, satisfazendo, assim, as suas necessidades básicas de aprendizagem (UNESCO, 1990). Esta afirmação define que todos os indivíduos têm o direito à Educação, devendo, então, facultar-se todas as condições para que eles possam desenvolver-se plenamente, não sendo sujeitos a qualquer tipo de exclusão.

Tendo, então, todos direito à Educação, pode-se encontrar dentro das escolas alunos com variadíssimas necessidades e particularidades, nomeadamente, alunos com Necessidades Educativas Especiais. Esta expressão, tal como referem Diaz e Herrera (2006), procura normalizar a forma como os alunos que nela se inserem são vistos, pois os mesmos costumam estar associados a outros termos pejorativos, tais como “deficiência”, “invalidez”, “incapacidade”, entre outros.

Deste modo, e segundo os mesmos autores, ao assumir que os alunos possuem um conjunto de necessidades especiais, pressupõe-se que eles têm necessidade de uma “atenção” particular e em diferentes graus.

Posto isto, Warnok (1987, cit. por Diaz & Herrera, 2006) define “necessidades educativas especiais” como o conjunto de recursos, a nível material, humano, espacial, entre outros, cuja instrumentalização é fundamental para a Educação de alunos que, por diversas razões, temporárias ou permanentes, não possuem a auto-suficiência necessária para uma correcta integração na sociedade.

Associado às necessidades educativas especiais, podemos encontrar um conjunto de deficiências que, por sua vez, implicam diferentes necessidades e formas de actuação, perante as dificuldades que se apresentem. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o termo deficiência como muito genérico, visto que se refere a um problema na função ou estrutura do corpo e que implica limites e restrições na participação em determinadas actividades e/ou execução de uma tarefa ou acção. Está a deficiência, portanto, intimamente ligada à componente biológica do ser humano.

Deste modo, pode-se afirmar que os alunos com necessidades educativas especiais devem ter à sua disponibilidade todos os meios que lhes possibilitem uma educação mais adequada, de forma a adquirirem as competências que os levará à

inclusão na sociedade em que se inserem, devendo a Escola possuir esses meios, podendo assim promover a sua educação.

Nesta perspectiva, levanta-se a questão da escola ser inclusiva, pois, a adequação dos diferentes meios disponíveis, que o aluno com necessidades educativas especiais necessita de ter, visa garantir uma relação de igualdade com os outros alunos, garantindo-se, assim, o princípio de igualdade, tão defendido pela sociedade. Esta abordagem diferenciada procura, na realidade a equidade de oportunidades entre estes alunos e os restantes (Ferreira, n/d).

A Educação Física é uma área que potencia o desenvolvimento eclético e integral dos alunos, favorecendo a sua integração. Petrus (1998, cit. por Cantó & Marín, 2009) afirma que esta deve efectivamente ser praticada por todos, não devendo a sua diversidade, fruto das diferenças dos alunos, tornar-se um obstáculo intransponível para a prática de actividade física e desportiva, visto que, se os alunos com deficiências se integram nas aulas, se convivem com os seus colegas, o desporto nas escolas não deve ser discriminatório.

Caputo e Ferreira (1998, cit. por Krug, 2002) defendem a inclusão social, mas referem que a mesma só é possível, se houver uma modificação da forma como a sociedade actual está estruturada, devendo essa modificação passar não só pela transformação dos diferentes espaços físicos, mas principalmente pela mentalidade dos membros que compõem essa sociedade, sejam eles pessoas com necessidades educativas especiais ou não.

Isto significa que ainda é possível encontrar-se diversos obstáculos dentro das escolas que, por vezes, não favorecem a igualdade de oportunidades e dificultam a integração destes alunos, como é o caso das barreiras, tanto as arquitectónicas como as psicológicas.

7.2.2.1. Tipos de Barreiras encontradas nas Escolas

Como já foi referido anteriormente, é necessário potenciar o ensino inclusivo em alunos com NEE's, visto que este tipo de ensino permite a aquisição por parte destes alunos de um conjunto de competências, cuja utilidade na inserção social vai para além

VII. Atividades de Natureza Científico-Pedagógica

da simples adaptação à sociedade, sendo este ensino uma forma de aquisição de competências no que diz respeito à capacidade de se relacionar com os outros.

Neste sentido, Diaz e Herrera (2006) identificam as barreiras que os alunos com NEE's enfrentam, de acordo com os diferentes âmbitos em que eles se inserem, da seguinte forma:

Quadro 1. Âmbitos e barreiras que os indivíduos com NEE podem encontrar, segundo Diaz e Ferreira (2006)

Âmbitos	Barreiras encontradas
Âmbito Familiar	<ul style="list-style-type: none">- Não-aceitação das deficiências por parte dos seus pais.- Superprotecção que limita o seu desenvolvimento.
Âmbito Escolar	<ul style="list-style-type: none">- O professor não se adapta realmente às características e ritmos de aprendizagem do aluno.- Não se favorece a autonomia pessoal e a integração social.- Falta de colaboração contínua da família.
Âmbito Social	<ul style="list-style-type: none">- Presença de barreiras de comunicação ante a falta de consciencialização social, predominando a indiferença, a ignorância, e em certas ocasiões o prejuízo, criando um entorno de isolamento psíquico e físico.- Presença de barreiras arquitectónicas.
Âmbito Laboral	<ul style="list-style-type: none">-Dificuldade de integração laboral.- Subestima-se a capacidade dos indivíduos, dando-lhes trabalhos de menor qualificação.

Assim, é possível identificar dois tipos de barreiras dentro do ambiente educativo, que condicionam o desenvolvimento das competências, sendo estas Barreiras Arquitectónicas e as Barreiras Psicológicas.

As barreiras arquitectónicas não podem ser entendidas apenas como a ausência de acessos físicos facilitadores, mas sim como o conjunto de diversas ciências que em conjunto trabalham com o intuito de permitir que se tenha em conta o aspecto ético de conceder às pessoas portadoras de deficiência a capacidade de se locomover dignamente (Garcia, Pomarico e Silva, 2009).

Visto que os alunos com Necessidades Educativas Especiais possuem um conjunto de características que os diferenciam dos restantes alunos, é necessário existir um conjunto de condições, ao nível das estruturas físicas, que estejam adaptadas a essas características.

Tal como afirmam Tolocka e De Marco (1998, cit. por Krug, H., 2002), as condições físicas das escolas devem permitir que estes alunos possam ser devidamente integrados, o que requer, de igual forma, que os docentes das disciplinas possuam as habilidades e competências necessárias para que isto seja possível.

Krug (2002), nos seus estudos, constatou que, dentro do espaço escolar, é possível também verificar-se lacunas dos professores para actuar a nível pedagógico com os alunos portadores de deficiências. No entanto, tal facto pode ser contestado, visto que os docentes, aquando da sua formação inicial, são levados a desenvolver a capacidade de pesquisa e de resolução dos diversos problemas com que se podem deparar, através da criação de estratégias, pois, como se pode verificar, os cursos não têm a capacidade de dar formação específica sobre todos os assuntos, podendo apenas dar as ferramentas necessárias para formar pessoas com competências necessárias para procurar e construir o seu próprio conhecimento.

O autor afirma, também, que se pode verificar a falta de acompanhamento técnico especializado aos docentes do ensino regular que possuem nas suas turmas alunos com necessidade educativas especiais. Desta forma, é necessário que se dê apoio técnico a estes docentes, a fim de que a tarefa de integrar estes alunos nas aulas seja concreta e eficaz.

7.2.3. Metodologia

Para que esta actividade colectiva alcançasse os objectivos que desejávamos, foi necessário discriminar, o mais detalhadamente possível, todos os procedimentos metodológicos que levassem ao seu êxito. São as diversas componentes tomadas em consideração que serão apresentadas seguidamente, bem como um pequeno balanço de cada uma delas, inclusive, os aspectos referentes à sua operacionalização.

7.2.3.1. Definição do tema e Objectivos

Antes de iniciarmos todo o processo inerente à organização e dinamização da actividade científico-pedagógica colectiva, foi necessário definir, em primeiro lugar, a área sobre a qual iríamos fazer incidir a nossa intervenção e as razões que levaram à escolha da temática que iríamos desenvolver.

A escolha do tema foi efectuada no início do nosso estágio pedagógico, após já termos tido um primeiro contacto com a escola em que seríamos integrados ao longo do ano lectivo. Essa escolha foi influenciada pela caracterização da escola feita no início da nossa actividade lectiva, o que nos permitiu ficar a saber que esta era uma das escolas de referência para alunos com necessidades educativas especiais, designadamente, ao nível das deficiências auditivas.

Também conferimos que a escola possui uma população especial no âmbito escolar, que vai para além das deficiências auditivas, tendo outro tipo de necessidades educativas. Por fim, apercebemo-nos que os docentes da disciplina de Educação Física admitiam sentir grandes dificuldades em encontrar estratégias de inclusão para estes alunos, reafirmando, assim, a necessidade de obter uma formação que lhes desse um conjunto de ferramentas aplicáveis às suas aulas, para colmatar essas dificuldades.

Foi deste modo que surgiu o tema da nossa actividade científico-pedagógica colectiva, intitulada de “Estratégias de Intervenção e Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) nas aulas de Educação Física, abordagem específica das deficiências Auditivas e Visuais”, integrada no Plano Anual de Actividades da Escola, tendo sido inserida num ciclo de acções validadas pela Direcção Regional de Educação (DRE).

Para a definição dos diferentes pontos a abordar, foi necessário chegar a um consenso com o grupo de estágio da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, visto que este núcleo decidiu também fazer uma abordagem ao conjunto de estratégias de intervenção junto de alunos com necessidades educativas especiais, pelo que teve de existir uma articulação entre aquilo que seria apresentado em cada uma das acções, para que não houvesse sobreposição de temáticas e repetição de premissas. Definiu-se, desta forma, que os dois grupos de estágio iriam centrar-se em âmbitos

restritos, sendo que o nosso grupo iria realizar a abordagem específica das deficiências visuais e auditivas.

Julgámos que seria incoerente da nossa parte não realizar uma componente mais prática para a execução e fornecimento de exemplos práticos sobre as estratégias debatidas. Assim, definimos que deveria existir uma componente prática para a aplicação da primeira componente, de natureza mais teórica, visto que a aplicação prática dos conteúdos teóricos é também um processo importante na compreensão da melhor forma de lidar com este tipo de populações escolar.

7.2.3.2. Contactos com Recursos Humanos, Materiais e Espaciais

Esta foi das fases mais morosas aquando da concepção da nossa actividade, visto que envolveu a realização de múltiplos contactos com diversas entidades e instituições, de modo a garantir as condições necessárias para que a actividade fosse viável. Numa fase inicial, após termos definido a temática a abordar e os objectivos a atingir com a actividade, iniciámos uma sondagem junto de diferentes especialistas da área do nosso tema, de forma a saber de que forma os mesmos poderiam contribuir, com os seus conhecimentos técnicos, para garantir que a acção fosse proveitosa para os participantes, desenvolvendo as suas competências e o seu conhecimento.

Decidimos, por isso, contactar um painel de prelectores, que considerámos que trariam mais-valias para a apresentação de um tema com esta envergadura, através das suas comunicações e do relato das suas experiências pessoais de trabalho nesta área. Os contactos foram realizados de duas formas que se complementaram: a primeira, através de modo informal, por via telefónica ou pessoalmente, e a segunda, pela formulação de um pedido formal, em forma de convite ou ofício, solicitando a colaboração na respectiva actividade, oficializando, assim, o processo de participação na actividade, através de uma prelecção, da moderação, ou mesmo da presença na mesa principal.

Deve ser referido que todos os prelectores, na altura do contacto efectuado, demonstraram total cooperação e disponibilidade, não tendo levantado qualquer objecção para a sua colaboração.

Relativamente aos recursos materiais e espaciais necessários, contactámos diversas entidades, sabendo que elas podiam garantir as condições para que a actividade

VII. Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

pudesse decorrer. Inicialmente, abordámos a Direcção Executiva da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, para averiguar a disponibilidade da sala de sessões no dia da nossa actividade, para a parte teórica da mesma, tendo sido a resposta positiva e o local disponibilizado.

Esta escolha teve a ver com o facto de a escola em que fomos integrados para a realização do nosso estágio pedagógico não reunir as condições espaciais para acolher um número tão elevado de participantes inscritos, visto não possuir uma sala de sessões. Esta condicionante levou-nos a contactar a Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, que receberia, no dia seguinte, a actividade dinamizada pelo grupo de estágio nela integrado, cuja temática era semelhante à nossa. No entanto, devido ao aumento do número de inscrições, tivemos de alterar o local da actividade, tendo este passado para a Sala do Senado da Universidade da Madeira.

Para a parte teórico-prática da acção, garantimos o espaço polidesportivo exterior da Escola dos Louros, aproveitando as condições físicas que a escola tem para oferecer. Visto que este é um espaço aberto, a acústica teria de ser ajustada à quantidade de pessoas que estariam a assistir, pelo que garantimos um sistema de som adequado, que foi disponibilizado pela Associação de Triatlo da Madeira.

A mesma lógica aplicou-se ao apoio efectuado pela Associação Académica da Universidade da Madeira (AAUMa) para o fornecimento de capas e canetas aos participantes. Foi ainda facultado ao Núcleo de Actividade Motora Adaptada (NAMA) o material didáctico necessário para a componente prática da acção, visto que o material utilizado para este tipo de populações especiais, devido às suas características e especificidades, não é de fácil acesso.

Todavia, o espaço utilizado para a parte prática teve de ser adaptado, devido às condições climatéricas do dia da acção, pelo que o espaço inicialmente definido não pôde ser utilizado. A solução encontrada para colmatar essa adversidade foi a passagem da parte prática para o ginásio interior da escola, cujas dimensões eram bastante mais reduzidas. Esse facto apelou à capacidade de adaptação de materiais consoante o espaço disponível, o que acabou por ter benefícios, pois demonstrou que as condições materiais ou espaciais não são impeditivas de se criar situações de aprendizagem dentro das aulas de Educação Física.

7.2.3.3. Desenvolvimento do programa

Tendo garantido todos os recursos necessários para que a nossa actividade fosse exequível, procedemos à sua organização programática. Este aspecto foi bastante importante na estruturação da actividade, no sentido em que exigiu da nossa parte uma capacidade de gestão do tempo disponível, consoante as diferentes intervenções que iriam ter lugar, tanto da parte dos prelectores, como da nossa parte.

Para que a actividade possuísse coerência, foi necessário que se criasse uma lógica estrutural em relação às intervenções de cada prelector, pelo que os temas em questão teriam de ser encadeadas e pertinentes, complementando-se.

Deste modo, estruturámos o nosso módulo com uma vertente mais teórica, contemplada na parte da manhã, em que foi feito um pequeno enquadramento do tema, referindo as diferentes definições de NEE e as vantagens da inclusão de alunos com estas características no contexto educativo, as várias barreiras ao nível arquitectónico e psicológico que estes alunos podem encontrar, e, por fim, as definições dos tipos de deficiência que seriam analisados ao longo da actividade. Também foi feita uma abordagem à Actividade Motora Adaptada, à perspectiva dos profissionais de Educação Física e, finalmente, foi apresentado o Núcleo de Actividade Motora Adaptada e a sua caracterização.

Já para a sessão da tarde, decidimos incluir uma vertente mais prática, em que foram apresentadas algumas estratégias de intervenção e inclusão dentro das aulas de Educação Física, através de jogos adaptados para os alunos portadores do tipo de deficiências que abordámos na nossa actividade, as auditivas e as visuais.

Julgamos que a elaboração de um programa relativo à actividade científico-pedagógica traz vantagens no sentido de que serve como um guia orientador da actividade em si, indicando a sua ordem de trabalhos e respectivos horários, permitindo perceber e acompanhar o seu desenvolvimento. Porém, para que esse programa seja cumprido, é necessário haver uma gestão apropriada dos tempos definidos para cada uma das prelecções, dos tempos de transição entre prelectores, do cumprimento dos intervalos, caso existam, e do tempo disponível para as cerimónias de abertura e de encerramento, estando aqui incluído o tempo para o debate.

Neste aspecto, julgamos que a nossa abordagem não foi a mais indicada, principalmente no que diz respeito às actividades desenvolvidas no período da manhã, dedicada à vertente mais teórica do módulo, visto que deveríamos ter delegado essas funções no moderador, o que não aconteceu. Isso levou a que alguns intervalos de tempo não tenham sido cumpridos, nomeadamente, a cerimónia de abertura e durante o debate. Esse incumprimento do horário gerou um atraso relativamente significativo e acabou por prejudicar a permanência dos participantes, que abandonaram a acção na hora em que ela estava prevista terminar.

7.2.2.4. Divulgação da Actividade

Visto que esta actividade científico-pedagógica colectiva era orientada para um público-alvo constituído por docentes de Educação Física, estando a mesma inserida num conjunto de módulos que compunham a actividade formativa designada de “*Novas perspectivas de leccionação em Educação Física*”, foi necessário montar um conjunto de estratégias, de maneira a que a divulgação, referente não só à nossa actividade colectiva em particular mas também aos módulos dinamizados pelos restantes grupos de estágio, chegasse aos participantes atempadamente e de uma forma eficaz.

Neste sentido, dois tipos de divulgação foram feitos, o primeiro, em conjunto com os restantes núcleos de estágio e o segundo, dentro do próprio núcleo de estágio, sendo essa responsabilidade assumida por nós.

A divulgação que envolveu a colaboração e envolvimento de todos os núcleos de estágio foi feita de duas formas: a elaboração geral de um poster, em que estavam contidas todas as informações mais relevantes de cada um dos módulos, nomeadamente, o título de cada módulo, o núcleo responsável pela sua dinamização, a data e o local da sua ocorrência e os prelectores envolvidos. Esse poster foi afixado nas diferentes instituições escolares existentes na Região Autónoma da Madeira, sendo que cada núcleo de estágio ficou responsabilizado por essa afixação em determinados pontos, referentes aos diferentes Concelhos da ilha; a segunda fase da divulgação consistiu na criação de um *sítio* da acção formativa e de um e-mail, onde seriam colocadas todas as informações mais pertinentes sobre cada um dos módulos, sendo da responsabilidade de cada núcleo a colocação dessas informações, que as deveria fornecer ao núcleo responsável pela gestão do *sítio*.

VII. Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

Para a divulgação do nosso módulo, decidimos realizar um cartaz alusivo ao mesmo, bem como um panfleto que contivesse informações referentes ao programa da actividade por nós dinamizada. Tanto o panfleto como o cartaz foram colocados no sítio geral da acção formativa, para consulta dos participantes. Foi também enviado um e-mail a cada um dos participantes inscritos no nosso módulo, com ambos os documentos anexados. Para finalizar, decidimos afixar cartazes nos locais onde a nossa actividade científico-pedagógica colectiva se iria desenvolver.

Analisando a divulgação feita, consideramos que a mesma surtiu efeitos bastante positivos, o que pode ser comprovado pelo número de formandos inscritos no nosso módulo, num total de 174, o que é um valor representativo da eficácia dessa difusão. Contudo, essa mesma divulgação poderia ter abrangido as instituições que trabalham com alunos com Necessidades Educativas Especiais, como por exemplo o Núcleo de Actividade Motora Adaptada (NAMA) ou o Serviço Técnico de Educação de Deficientes Auditivos (STEDA), visto que o nosso módulo abordava esse tipo de populações especiais, pelo que o tema em questão poderia ser de interesse para os profissionais que trabalham nessas instituições.

7.2.2.5. Avaliação e Controlo

O controlo das presenças consistiu na utilização de uma folha, que se encontrava no local destinado ao secretariado, onde os participantes tinham de se dirigir, antes de se deslocarem para a sala de sessões ou para o ginásio, confirmando a sua presença, e onde os responsáveis do secretariado registavam as horas de entrada e de saída.

Esta forma de controlo gerou alguma controvérsia entre os participantes, por considerarem que a verificação das horas de entrada e de saída era um procedimento injusto, no entanto, as indicações dadas foram no sentido de que essas horas deveriam ser registadas a fim de que, no final, fosse contabilizado o tempo total de presença de cada participante, para efeitos de validação.

Quanto à avaliação das acções, cada formando era responsável por realizar um relatório individual sobre cada módulo a que tinha assistido, fazendo uma análise crítica sobre a sua pertinência, bem como sobre as dificuldades de implementação no âmbito escolar daquilo que tinha sido abordado. Esse relatório tinha um prazo de entrega de até

8 dias após o dia em que a actividade tinha ocorrido, o que também trouxe alguns contratempos, fruto dos atrasos na entrega dos relatórios por parte de alguns participantes.

Outro elemento de avaliação consistiu no preenchimento de um questionário *online* por parte dos formandos, com o intuito de aferir o grau de satisfação no que dizia respeito à divulgação, organização, desenvolvimento e relevância da acção, para a formação contínua do docente.

7.2.4. Apreciações Finais

Analisando a relação entre os participantes que estavam inscritos e os que realmente estiveram presentes na acção, podemos verificar que conseguimos uma representatividade de 77% (134 formandos) da totalidade de inscrições, o que consideramos ser bastante positivo. No entanto, tanto o valor elevado de formandos inscritos, como o total de formandos que não compareceram carecem de análise.

Acreditamos que uma forma de justificar um número tão elevado de participantes inscritos (174) pode estar relacionada com o facto de o conjunto de acções ser validado, sendo que a prática docente atravessa actualmente uma fase em que uma das componentes da avaliação do desempenho dos docentes é a quantidade de horas de formação a que assistiram, para que haja mudança de escalão.

Apesar do número de participantes inscritos ter sido tão elevado, pudemos verificar que, ainda assim, 23% dos inscritos não compareceu ao nosso módulo, o que pode estar associado às suas responsabilidades profissionais, que não lhes permitiam estar presentes, visto que a actividade formativa ocupava o dia inteiro de Quinta-Feira. Outro motivo que acreditamos ter tido influência nessa situação, está relacionado com o facto de os formandos apenas terem de assistir a 2/3 da totalidade dos módulos, o que significa que podiam abdicar do nosso módulo, pois tinham uma certa margem de tolerância para a obtenção da respectiva validação.

Um dos pontos de abordagem específicos, que tínhamos definido para a nossa acção, referia-se à abordagem sobre o processo de Inclusão e Exclusão em contexto escolar, e em que medida a tentativa de inclusão não poderia ser vista realmente como um processo de exclusão dos alunos com necessidades educativas especiais. Para a

VII. Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

abordagem deste tema, tínhamos contactado um prelector, que considerámos que possuía os conhecimentos para abordar esta temática com qualidade, provocando um pouco, através da sua abordagem na prelecção, uma reflexão crítica por parte dos formandos.

No entanto, devido a motivos pessoais legítimos, esse prelector teve de cancelar a sua participação na nossa acção, o que para nós foi um grande constrangimento, pelo prazo em que a notícia nos foi transmitida, reduzido em relação ao dia da acção.

Apesar disso, com a imensa ajuda e apoio demonstrados pela Mestre Ana Rodrigues, foi-nos possível contornar a situação, visto que a mesma se disponibilizou totalmente para desenvolver o tema, apesar de ter utilizado uma abordagem um pouco diferente em relação àquela que fora definida inicialmente. Por este facto, sentimos que devemos dar uma palavra de apreço e um sincero agradecimento por todo apoio e pela disponibilidade que a Mestre Ana Rodrigues nos deu.

Para compreender a perspectiva dos participantes relativamente aos diferentes aspectos inerentes à acção, foi feita uma análise aos questionários de satisfação disponibilizados no sítio criado (Anexo 10), sendo que, da totalidade de 134 formandos presentes no dia da acção, apenas 81% responderam ao questionário, pelo que os valores analisados são relativos a esta percentagem de respostas.

Por termos apurado que existe uma dificuldade, assumida pelos docentes de Educação Física, na adequação das suas aulas aos alunos com necessidades educativas especiais, através da revisão bibliográfica efectuada, bem como do conjunto de conversas informais que mantivemos com os professores de Educação Física da escola em que estávamos inseridos, acreditámos que este tema teria uma pertinência acentuada dentro da comunidade educativa, nomeadamente, para o público-alvo a quem se dirigia.

Este pressuposto ficou patente nos resultados obtidos pelos questionários, pois neste ponto quase a totalidade dos participantes considerou que a acção foi pertinente ou muito pertinente, apesar de uma ínfima porção ter considerado que a acção não foi pertinente (1%, o que corresponde a uma resposta), o que não representa o sentimento geral dos participantes (Figura 1).

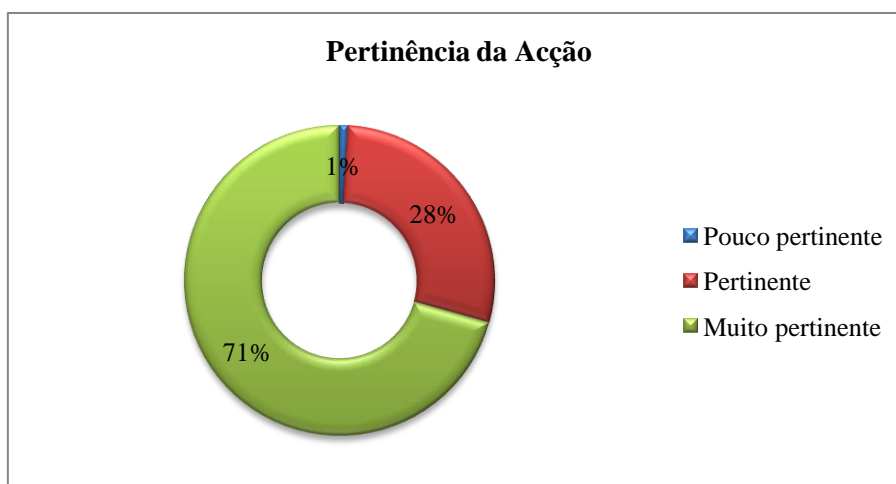


Figura 1. Pertinência da acção

No que diz respeito à divulgação da acção, os participantes consideraram que esta foi positiva, sendo avaliada como boa por mais de metade dos participantes, ou muito boa. No entanto, alguns participantes consideraram que a nossa divulgação não correspondeu às expectativas, havendo uma pequena porção que considerou que a mesma apenas foi razoável, ou mesmo fraca (Figura 2).

Neste ponto, admitimos que poderíamos ter feito uma divulgação melhor, sobretudo dentro das instituições que trabalham especificamente com alunos que possuem necessidades educativas especiais, como por exemplo na Quinta do Leme.



Figura 2. Divulgação da acção

Quanto ao nível de satisfação pessoal alcançado com a acção de formação por parte dos participantes, verificamos que predomina uma satisfação positiva, representada pela análise das respostas obtidas. Assim, podemos concluir que os objectivos que tínhamos formulado foram alcançados (Figura 3).

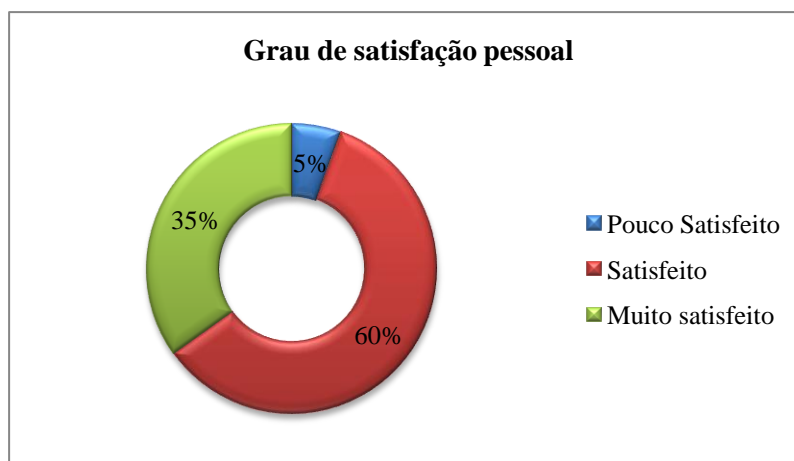


Figura 3. Grau de satisfação pessoal

Sobre a adequação e a qualidade do espaço, admitimos que exista alguma disparidade nas respostas dos formandos, visto que o local inicialmente definido para a parte prática foi alterado, sendo que a solução encontrada não possuía as mesmas condições que o espaço inicial. No entanto, pelas respostas obtidas, muitos dos participantes consideraram que o espaço onde a acção ocorreu foi adequado, reunindo as condições necessárias para que a acção se desenrolasse.

Este facto pode estar relacionado com o possível reconhecimento por parte dos formandos de que as adaptações que foram feitas na parte prática resultaram numa mais-valia, demonstrando como é possível adaptar os espaços e materiais disponíveis às diversas condicionantes, podendo-se desenvolver um trabalho de qualidade no sentido da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas aulas de Educação Física (Figura 4).

VII. Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

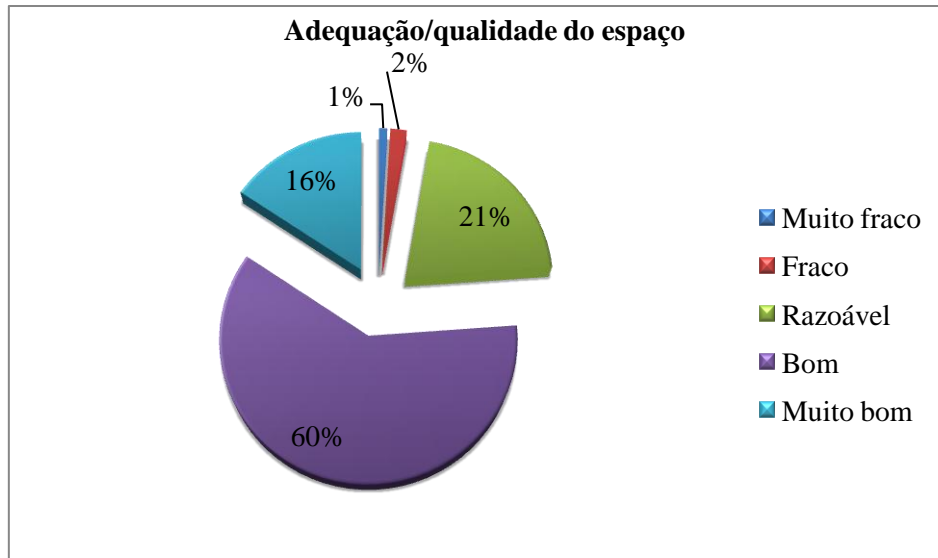


Figura 4. Relação entre a Adequação e a Qualidade do espaço

Apesar da acção se ter prolongado um pouco na parte da manhã, resultado da gestão um pouco flexível dos tempos correspondentes a cada uma das prelecções e intervenções, uma maioria significativa dos participantes considerou que a duração total da acção foi adequada, tendo ainda havido um pequeno conjunto de formandos que afirmou que a duração total da acção foi curta (Figura 5).

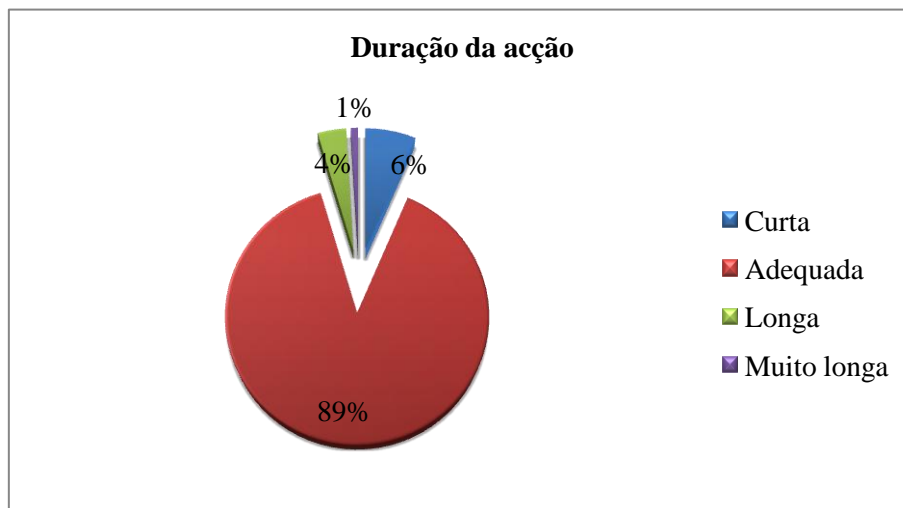


Figura 5. Duração da acção

VII. Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

A percepção geral dos participantes sobre a organização também mostrou ser bastante positiva, por isso a avaliaram como boa ou muito boa, o que revela o reconhecimento dos formandos pelo trabalho que desenvolvemos e que correspondeu às suas expectativas. Por outro lado, isto leva-nos a realçar todo o trabalho realizado em torno da organização da nossa acção assim como os resultados que desse trabalho advieram (Figura 6).

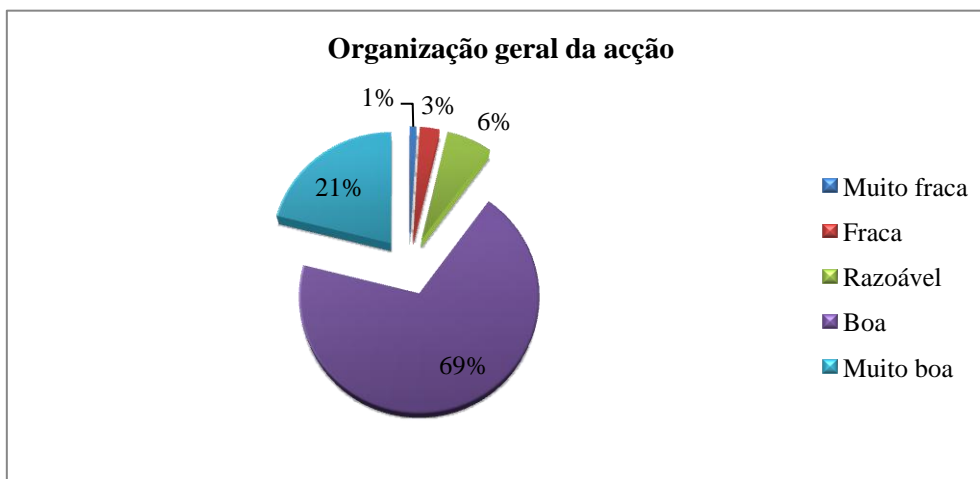


Figura 6. Organização geral da acção

Quanto à clareza e exposição dos conteúdos referentes às comunicações feitas pelos diferentes prelectores, podemos ver que o nível de satisfação foi bastante positivo, tal como se tem vindo a verificar nos restantes pontos analisados. Concluimos, assim, que as intervenções efectuadas foram, na perspectiva dos formandos, de grande qualidade e significado e que, provavelmente, contribuíram para a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de competências (Figura 7).

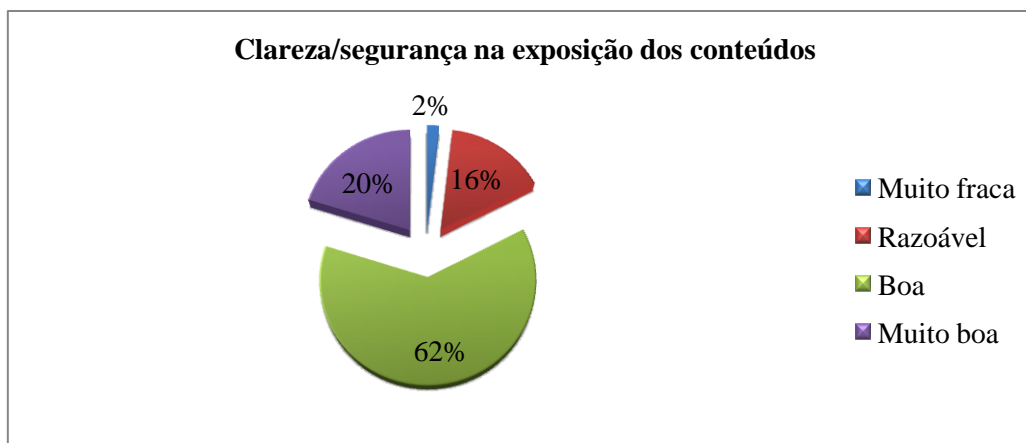


Figura 7. Clareza/Segurança na exposição dos conteúdos

VII. Atividades de Natureza Científico-Pedagógica

Feita a análise das respostas dadas sobre a avaliação da acção, concluímos que a nossa intervenção científico-pedagógica colectiva foi de grande utilidade para os formandos, tendo sido atingidos os objectivos previamente definidos. Os participantes, através de tudo o que foi abordado e transmitido ao longo de toda a actividade, adquiriram competências que podem transferir para a sua prática lectiva.

Achamos também que este tema deve ser novamente abordado, acompanhando a evolução do conhecimento relacionado com a temática das necessidades educativas especiais, visto que nada é dogmático, e tudo é discutível, desde que haja fundamentação. Caso a retoma deste tema seja feita no futuro, devem ser tidas em conta algumas observações e recomendações, nomeadamente, ao nível da apresentação de propostas de trabalho concretas, não só situações de aprendizagem que possam ser benéficas, mas também algumas que não sejam tão adequadas para os alunos com esses tipos de necessidades, para se garantir a sua inclusão e o seu sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Uma das sugestões deixadas pelos participantes foi referente à filmagem da parte prática da acção de formação, podendo esse material ser facultado *a posteriori* aos participantes, servindo de instrumento de trabalho para as suas aulas. No entanto, para a realização das filmagens, e conseqüente difusão das imagens obtidas, devem ser cumpridos determinados processos, nomeadamente, a recolha das autorizações para utilização dessas imagens.

Outra das recomendações que fazemos refere-se a, na parte prática da actividade, utilizar um exemplo real de uma aula de Educação Física, com alunos do ensino regular e alunos com necessidades educativas especiais, e procurar estratégias de intervenção nas situações de aprendizagem dessa aula, aferindo de que forma a inclusão dos alunos com NEE pode ser eficaz, sem prejudicar a aprendizagem dos restantes alunos.

VIII. Conclusões

Através deste relatório final, procurámos reflectir de uma forma crítica e construtiva sobre tudo o que foi realizado neste ano de estágio, ano este que representa o culminar desta fase da nossa formação académica como docentes na área da Educação Física. Contudo, não devemos ver esta conclusão de uma fase importante das nossas vidas profissionais, como o equivalente a uma estagnação da nossa aprendizagem da profissão docente, mas sim como o início de um processo que se deverá manter ao longo das nossas vidas como professores nesta área de estudos.

No conjunto de experiências vivenciadas ao longo do nosso estágio pedagógico, cremos que sempre conseguimos retirar algo que contribuiu para a nossa formação contínua enquanto futuros docentes, não só pelas competências que adquirimos, mas também pela forma como procurámos ultrapassar as dificuldades com que nos fomos deparando. Todavia, sabemos que a actualização do conhecimento é essencial para a melhoria da nossa actuação como docentes, pois nada é dogmático e indiscutível, o que implica que as premissas que hoje em dia são vistas como as mais eficazes ao nível do ensino podem evoluir, tornando-se assim “ultrapassadas”, ou mesmo inadequadas tendo em conta os diferentes contextos que se possam apresentar.

Em relação à prática lectiva, sentimos que as características próprias das turmas que nos foram atribuídas permitiram-nos melhorar a nossa capacidade de controlar as aulas, no que concerne às diversas variáveis que podem ocorrer em contexto de aula prática, e consequentemente influenciar o seu funcionamento. Também pelo facto de estas turmas possuírem características específicas no que diz respeito às suas atitudes e valores, tal como já foi referenciado ao longo deste relatório, isso fez com que necessitássemos de adequar várias estratégias dentro das aulas, de forma a conseguirmos atender às necessidades e características dos alunos, conseguindo alcançar os objectivos pretendidos, o que por nós é visto como uma mais-valia na nossa prática lectiva.

Consideramos portanto que embora as turmas com as quais trabalhamos no nosso estágio pedagógico nos terem criado bastantes dificuldades, ao nível do seu controlo em contexto de aula, bem como da capacidade em conseguir motivar os alunos ao longo das aulas, e dos diferentes Períodos lectivos, essas dificuldades são por nós

vistas como mais-valias, pois possibilitaram-nos a aquisição das competências já referidas anteriormente no relatório, e reforçadas no parágrafo anterior.

Creemos ainda que apesar de termos ficado um pouco prejudicados pelo facto de defendermos a nossa posição em relação à forma como deve ser guiada a avaliação, a decisão que tomámos no Primeiro Período, na reunião de notas, em não subir para positiva as notas de alunos a quem tinham sido atribuídas notas negativas, foi para nós uma decisão correcta a tomar, pois o facilitismo não deve ser enaltecido, no que se trata à educação e formação escolar e uma vez que o currículo destes alunos já é adaptado às suas características.

Quanto às actividades desenvolvidas ao longo do estágio pedagógico, nomeadamente de integração no meio, de intervenção na comunidade escolar, e científico-pedagógicas, queremos realçar a pertinência das temáticas desenvolvidas, sendo que e todas as actividades que dinamizámos estiveram adequadas à realidade educativa com que nos deparámos, tanto a um nível mais micro (turmas a que leccionámos a disciplina de Educação Física), como a um nível mais macro (realidade da instituição escolar em que nos inserimos).

Sentimos que com a dinamização destas actividades, compreendemos todo o processo que envolve a sua concepção, organização, aquisição de recursos humanos, materiais e espaciais, gestão dos recursos temporais disponíveis, e divulgação consoante o público-alvo para qual as mesmas foram direccionadas, o que na nossa perspectiva foram competências que adquirimos muito importantes, caso pretendamos dinamizar actividades desta natureza no nosso futuro profissional.

Uma das principais dificuldades com que nos deparámos aquando da concepção de organização destas actividades, passou por conseguir garantir e gerir os recursos necessários, não só materiais, como humanos e espaciais, visto que muitas das vezes para que para que isso fosse possível, fosse necessário passar por um processo burocrático que em certas situações se mostrou como sendo bastante moroso, o que eventualmente acabou por influenciar no tempos e prazos que tinham sido definidos inicialmente, nomeadamente nos pré-projectos referentes às respectivas actividades.

Queremos salientar que as boas relações criadas não só dentro do grupo de estágio, mas também com os orientadores, com o grupo de Educação, e com toda a

comunidade escolar, foram para nós essenciais para podermos desenvolver um trabalho com qualidade no âmbito educativo, visto que todos eles contribuíram de uma forma ou outra para o nosso sucesso nas diferentes tarefas que realizámos.

Por fim, acreditamos que atingimos os objectivos traçados para este estágio pedagógico, apesar de considerarmos que poderíamos ter sido talvez um pouco mais proactivos em relação a certos aspectos, melhorando assim a nossa actuação. Contudo, temos consciência de que tudo é um processo evolutivo, pelo que devemos tentar sempre superar-nos e progredir, no sentido de melhorarmos no que diz respeito à nossa forma de actuar como docentes de Educação Física. Tendo isso em conta, julgamos que todo o trabalho que foi realizado ao longo do estágio pedagógico, incluindo as competências adquiridas, as dificuldades sentidas e as reflexões efectuadas ao longo deste relatório, devem ser vistas como ferramentas para o nosso futuro como docentes.

IX. Recomendações/Sugestões

Numa perspectiva de querer melhorar futuramente o processo inerente ao estágio pedagógico vivenciado pelos alunos estagiários, sentimos que devemos deixar algumas recomendações e sugestões, que consideramos que podem ter utilidade para a potenciação dessa melhoria. Estas sugestões e recomendações aqui deixadas não aparecem como uma forma de criticar negativamente o processo já existente, mas sim para o melhorar e possivelmente aperfeiçoar, pois tudo é passível de evolução.

A primeira recomendação surge na sequência das turmas em que a nossa experiência de leccionação no estágio pedagógico se centrou. Consideramos que a leccionação a este tipo de turmas nos trouxe bastantes vantagens ao nível da solicitação de uma adaptação da nossa parte a diferentes situações em contexto de prática lectiva, da constante montagem de estratégias de intervenção diferenciadas que garantissem um maior sucesso no que diz respeito à gestão do processo de ensino-aprendizagem, ou mesmo na possibilidade de adquirirmos competências no que concerne à leccionação de turmas com estas características.

Não obstante dessas vantagens acima referidas, acreditamos de igual forma que a primeira experiência de leccionação com turmas de currículos alternativos solicita por parte dos estagiários uma constante procura de motivação intrínseca, que acabam por sentir alguma “impotência” em relação à concretização dos objectivos desejados, o que provoca um grande desgaste emocional ao longo do ano, acabando por ser bastante desmotivante. Consideramos assim que este aspecto deve ser posto em consideração no início do ano lectivo, aquando da atribuição das turmas, para que o processo de estágio pedagógico não acabe afectado por uma possível desmotivação que os estagiários sintam.

Outra sugestão que acreditamos que pode melhorar o processo inerente ao estágio pedagógico, refere-se à hipótese dos orientadores de cada um dos grupos de estágio realizarem uma avaliação intercalar dos seus estagiários, expondo dados concretos, numa perspectiva de lhes apresentar o ponto em que se encontram, bem como aspectos que necessitem de ser melhorados. Esta avaliação permite assim que os estagiários tenham consciência da sua evolução ao longo do estágio pedagógico,

podendo corrigir ou aperfeiçoar atempadamente alguns aspectos que careçam de melhoria.

Relativamente às competências que os alunos estagiários devem alcançar no final do seu processo de estágio pedagógico, consideramos que essas informações lhes devem ser fornecidas no início do ano lectivo, para que os mesmos tenham conhecimento daquilo que se espera que eles atinjam, podendo assim estabelecer metas pessoais e orientar a sua actuação com vista à obtenção dessas competências.

Julgamos por fim que os estagiários devem ter uma preocupação constante, ao longo do seu estágio pedagógico, em procurar superar-se a um nível pessoal, e a inovar em todas as actividades e tarefas que realizam de uma forma criativa e competente, não se cingindo apenas ao cumprimento rígido daquilo que lhes é solicitado sem tecer uma opinião crítica e reflexiva acerca das suas acções e decisões tomadas. Estamos convictos que esse factor é essencial na nossa área de estudos, pois demonstra uma atitude proactiva e inovadora que, nos dias que correm, é cada vez mais valorizada no mundo do trabalho.

X. Bibliografia

- Abrecht, R. (1994). *A Avaliação Formativa*. (1ª Edição). Rio Tinto, Gondomar: Edições Asa.
- Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A. & Vitória, M. (2008). *A Rotura: Estratégias de Operacionalização*. Torres Novas: Edições Vamos Mais Longe.
- Amiralian, M., Ghirardi, M., Lichtig, I., Masini, E., Pasqualin, L. & Pinto, E. (2000). Conceituando deficiência. *Revista de Saúde Pública* – N°1, V.34, p. 97-103.
- Andrade, A., Guerra, L., Luft, C. & Sanches, S. (2004). Perfil psicomotor associado a aprendizagem escolar. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 10 - N° 79 - Dezembro de 2004.
- Aranha, Á. (2004). *Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Vila Real: UTAD.
- Aranha, Á. (2005). *Pedagogia da Educação Física e Desporto II – Sistematização de Observação, Sistemas de Observação, Fichas de Registo – Compilação*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real: Sector Editorial dos SDE.
- Araújo, A., Araújo, S., Bastos, A. & Mesquita, T. (2008). Motivação nas aulas de Educação Física: um estudo comparativo entre géneros. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 13 - N° 127.
- Balbé, G., Dias, R. & Souza, L. (2009). Educação Física e suas contribuições para o desenvolvimento motor na educação infantil. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 13 - N° 129.
- Barlow, M. (2006). *Avaliação Escolar: mitos e realidades*. Porto Alegre, RS: Artmed
- Bento, J. & Marques, A. (1989). *Desporto. Ética. Sociedade*. Actas do Fórum Desporto Ética Sociedade, realizado na Universidade do Porto em 5, 6 e 7 de

- Dezembro de 1989. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Bloom, B. (1975). *Taxonomia de los Objetivos de la Educacion. La clasificacion de las metas educacionales* (Quinta Edição). Biblioteca Nuevas Orientaciones de la Educacion. Buenos Aires. Editorial “El Ateneo”.
 - Borges, F. (2006). Educação Física adaptada: o aprendizado, a vivência, e a formação do conhecimento: uma construção acadêmica. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 11 - N°103.
 - Bruner, J. (2000). *Cultura da Educação*. Lisboa: Edições 70.
 - Camacho, M. (2009). *Ver mais além*. Revista Diversidades. O Liberal. Empresa de Artes Gráficas, Lda., Funchal.
 - Campos, S. & Martins, R. (2008). Educação Especial: Aspectos Históricos e Evolução Conceptual. *Millenium – Revista do ISPV* – N°34.
 - Cantó, E., & Marín, A. (2009). Intervención educativa en el área de Educación Física con un alumno de primer ciclo con parálisis cerebral espástica. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 13 - N° 129.
 - Cañete, L. (2001). Un nuevo enfoque para la Educación Física Escolar en el marco de la Reforma Educativa en Bolivia. Una propuesta metodológica. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 7 - N° 40.
 - Carvalhinho, L. & Rodrigues, J. (2004). *Formação Desportiva. Perspectivas de Estudo nos Contextos Escolar e Desportivo*. Lisboa: Edições FMH.
 - Carreiro da Costa, F., Carvalho, L., Onofre, M., Dinis, J. & Pestana, C. (1996). *Formação de Professores em Educação Física: Concepções, Investigação, Prática*. Lisboa: Edições FMH.
 - Chicati, K. (2000). *Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio*. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105

- Crós C., (2006). Classificação da deficiência visual: compreendendo conceitos esportivos educacionais, médios e legais. *Revista digital Buenos Aires* – Ano 10, Nº 23.
- Díaz, J., & Herrera, M. (2006). Las discapacidades físicas. Integración en Educación Física. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 11 - Nº 98.
- Direcção Geral de Formação Vocacional (2005). Programa: Componente de Formação Sociocultural da disciplina de Educação Física.
- Domingos, A., Neves, I., & Galhardo, L. (1987). *Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Faria Jr., G. (1972). *Introdução à Didáctica de Educação Física*. 1ª Edição, Amadora: Fórum Editora LTDA.
- Fernandes, M., Madureira, A., Oliveira, R. & Vital, I. (n/d). Acessibilidade de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) na UECE: em busca de um direito.
- Ferreira, L. (n/d). Educação, Deficiência e Cidadania. III Encontro de profissionais envolvidos com a escola inclusiva.
- Filho, M., Matos, D., Paes, G., Pertence, L., Savóia, R., Venturini, G. & Zanella, L. (2009). Educação Física Escolar: uma nova proposta para seu ensino. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 14 - Nº 137.
- Garcia, R., Pomarico, G. & Silva, R. (2009). Accesibilidad arquitectónica en instituciones de educación superior en Educación Física. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 14 - Nº 132.
- Gimenez, R. (2006). A inclusão de indivíduos portadores de necessidades especiais nas aulas regulares de educação física: repensando sobre a prática. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 11 - Nº 98.
- Gonçalves, E. et al. (2004). Estudo de Caso. Acedido a 8 Junho de 2011, em: <http://www.educ.fc.ul.pt/>

- Herrera, J. (2001). Deporte de rendimento y Educación Física. Las actividades extraescolares como un marco excepcional para unir ambas tendencias en edad escolar. *Revista Digital - Buenos Aires - Año 7 - N° 34*.
- Ingram, S. (2005). *Energy Ups and Downs*. Current Health 2; December 2005, Vol. 32 Issue 4, p6-8, 3p, 1 Color Photograph.
- Januário, C. (1984). Planeamento em Educação Física. Concepção de uma Unidade Didáctica. *Horizonte*, I, nº3, 91-95.
- Januário, C. (1996). *Do Pensamento do Professor à Sala de Aula*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Krug, H. (2002). A Inclusão de pessoas Portadoras de Necessidades Educativas Especiais na Educação Física Escolar.
- Lei de Bases do Sistema Educativo (de 30 de Agosto de 2005)
- Marques, R. (s/d). *Checklist de Observação de Aula – Proposta*. Retirado a 15 de Setembro de 2010, de <http://www.scribd.com/doc/6009271/Checklist-de-Observacao-de-Aula-Proposta>.
- Marzinek, A. & Neto, A. (2007). A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física. *Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - N° 105*.
- Mendonça A., Miguel C., Neves G., Micaelo M. & Reino V. (2008). *Alunos Cegos e com Baixa Visão*. Direcção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo.
- Monteiro, V. (2007). A psicomotricidade nas aulas de Educação Física escolar: uma ferramenta de auxílio na aprendizagem. *Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 114*.
- Mosquera, C. (2000). *Educação Física para deficientes visuais*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Sprint.
- Olímpio Bento, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. 2ª Edição, Lisboa: Livros Horizonte.

- Oliveira, F. (2002). Dialogando sobre educação, educação física e inclusão social. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 8 - N°51.
- Organização Mundial de Saúde. Healthy topics: Disabilities, página consultada a 13 de Abril de 2011, disponível em <http://www.who.int/topics/disabilities/en/>.
- Organização das Nações Unidas (2007). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Publicação no Diário da República, 1.ª série — N.º 146 — 30 de Julho de 2009.
- Parlebas, P. (1992). *Contribution a un Lexique Commenté en Science de L'action Motrice*. Paris: Publications I.N.S.E.P.
- Projecto Educativo de Escola (n/d). Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros.
- Prudente, J. & Pereira, B. (2010). Apontamentos das aulas de Didácticas Específicas dos Jogos Desportivos Colectivos. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário, Universidade da Madeira.
- Rodrigues, J. & Viana, H. (2010). Motivação das adolescentes na prática da Educação Física escolar. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 15 - N° 149.
- Rodrigues N. (2006). Equilíbrio em Indivíduos com Deficiência Visual – Estudo Comparativo entre praticantes e não praticantes de actividade física regular - Universidade do Porto.
- Rosado, A. (1998). *Nas Margens da Educação Física e do Desporto*. Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa.
- Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa: FMH Edições.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2007). Procurando indicadores de educação inclusiva: as práticas dos professores de apoio educativo. *Revista Portuguesa de Educação*, 20(2), p. 105-149.
- Santos, M. & Lacomblez, M. (2007). O que faz o medo de aprender na zona de desenvolvimento proximal? *Laboreal*, 3, (1), 06-14

- Seiya, A. B. (2003). *A docência como praxis ética e deontológica: um estudo empírico*. (1ª Edição). Lisboa: Departamento de Educação Básica. Ministério da Educação.
- Sena Lino, L. (2009). Apontamentos das aulas de Pedagogia do Desporto. Licenciatura em Educação Física e Desporto, Universidade da Madeira.
- Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Ohio State University. Mayfield Publishing Company. Second Edition.
- Almeida, J., Branco, M., Itani, D., Kawashima, L. & Silveira, C. (2008). Educação Física Escolar: o impacto do processo de inclusão. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 13 - N°119.
- UNESCO (1994). Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.
- UNESCO (1990). Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem.
- Winnick J. (2003) *A Educação Física e Esportes Adaptados*. Editora Manole.
- Yin, R. (1994). *Case study research – Design and Methods* (2.ed). London: Sage Publications.

Anexos





Anexo 1. Exemplo da Estruturação dos Conteúdos de uma Unidade Didáctica

Aula	Data	Duração	Conteúdos	Objectivos	Estratégias Metodológicas	Tipo de Avaliação
22	22/03/2011	45'	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação, através de exercícios critério, dos conteúdos que serão abordados ao longo das aulas (Posição - Base; Passe; Manchete; Serviço; Recepção ao serviço; Posicionamento; Finalização; Regras inerentes à modalidade) - Avaliação, através de Jogo Reduzido e Formal, das competências dos alunos no que diz respeito à modalidade Voleibol 	<ul style="list-style-type: none"> - Obter uma avaliação inicial dos alunos, em relação às suas capacidades na modalidade em questão, de forma a diferenciar os alunos quanto aos seus níveis de proficiência e aprendizagem; 	<ol style="list-style-type: none"> 1- Utilização de jogos lúdicos que apelem tanto a um tempo de empenhamento motor como a índices motivacionais elevados; 2- Aplicação de exercícios critério com o intuito de melhorar os aspectos técnico-táticos inerentes à modalidade; 	Diagnóstica
23	29/03/2011	90'	<ul style="list-style-type: none"> - Posição-Base; - Passe; - Manchete; - Serviço; 	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a abordagem dos conteúdos técnicos inerentes à modalidade de Voleibol, nomeadamente a posição-base, o passo ou toque de dedos, a manchete e o serviço. Transferência destes conteúdos para a situação de jogo. - Em situação de jogo reduzido e condicionado, e de jogo formal, inserir as regras inerentes à modalidade, e insistir no cumprimento das correctas normas de conduta a ter na aula. 	<ol style="list-style-type: none"> 3- Inclusão de um conjunto variado de exercícios por aula, de forma a minimizar o risco de decréscimo dos índices motivacionais, e consequentemente de empenhamento motor dos alunos; 	Formativa
24	05/04/2011	90'	<ul style="list-style-type: none"> - Posição-Base; - Passe; - Manchete; - Serviço; 	<ul style="list-style-type: none"> - Continuar a consolidar os conteúdos técnicos inerentes à modalidade em questão, abordados nas aulas anteriores, através da aplicação de exercícios critério, de situações de jogo reduzido e condicionado, e de jogo formal - Insistir na compreensão e aplicação das regras inerentes à modalidade, em situação de jogo reduzido e condicionado, e das correctas normas de conduta a ter na aula. 	<ol style="list-style-type: none"> 4- Utilização dos alunos como elementos colaboradores nas actividades propostas; 5- Formação de grupos de trabalho; 6- Organização da turma (sempre que seja 	Formativa

25	26/04/2011	90'	<ul style="list-style-type: none"> - Posição-Base; - Passe; - Manchete; - Serviço; - Recepção ao serviço; 	<p>- Continuar a consolidar os conteúdos técnicos inerentes à modalidade em questão, abordados nas aulas anteriores, através da aplicação de exercícios critério, de situações de jogo reduzido e condicionado, e de jogo formal</p> <ul style="list-style-type: none"> - Encadear aos conteúdos trabalhados a Recepção ao serviço, através da aplicação de situações tanto de jogo reduzido e condicionado, como de jogo formal. - Insistir na compreensão e aplicação das regras inerentes à modalidade, em situação de jogo reduzido e condicionado, e das correctas normas de conduta a ter na aula. 	<p>necessário) em xadrez ou em "U";</p> <p>7- Apelo à criatividade e originalidade dos alunos nas acções solicitadas ao longo das aulas;</p> <p>8- Exposição oral da matéria;</p> <p>9- Trabalho individual: os alunos movimentam-se livremente executando as técnicas propostas pelo professor;</p> <p>10- Trabalho em pares: executam as técnicas propostas pelo professor;</p> <p>11- Imitação da acção do professor;</p> <p>12- Utilização de exercícios e actividades que permitam o melhor controlo dos comportamentos-desvio dos alunos;</p> <p>13- Gestão de conflitos entre os alunos;</p> <p>14 - Insistência na importância do cumprimento das regras e normas de conduta necessárias para o bom funcionamento das aulas;</p> <p>15- Aplicação de Jogo Reduzido Condicionado nas aulas, de forma a permitir a assimilação mais eficaz dos conteúdos por parte dos alunos, através da sua participação activa e constante;</p>	<p>Formativa</p>
26	03/05/2011	90'	<ul style="list-style-type: none"> - Posição-Base; - Passe; - Manchete; - Serviço; - Recepção ao serviço; 	<p>- Continuar a consolidar os conteúdos técnicos inerentes à modalidade em questão, abordados nas aulas anteriores, através da aplicação de exercícios critério, de situações de jogo reduzido e condicionado, e de jogo formal</p> <ul style="list-style-type: none"> - Insistir na compreensão e aplicação das regras inerentes à modalidade, em situação de jogo reduzido e condicionado, e das correctas normas de conduta a ter na aula. 	<p>Formativa</p>	
27	10/05/2011	90'	<ul style="list-style-type: none"> - Posição-Base; - Passe; - Manchete; - Serviço; - Recepção ao serviço; - Posicionamento; 	<p>- Continuar a consolidar os conteúdos técnicos inerentes à modalidade em questão, abordados nas aulas anteriores, através da aplicação de exercícios critério, de situações de jogo reduzido e condicionado, e de jogo formal</p> <ul style="list-style-type: none"> - Encadear, aos conteúdos trabalhados, o Posicionamento, através da aplicação tanto de situações de jogo reduzido e condicionado, como de jogo formal - Insistir na compreensão e aplicação das regras inerentes à modalidade, em situação de jogo reduzido e condicionado, e das correctas normas de conduta a ter na aula. 	<p>Formativa</p>	
28	17/05/2011	90'	<ul style="list-style-type: none"> - Posição-Base; - Passe; - Manchete; - Serviço; - Recepção ao serviço; - Posicionamento; - Finalização; 	<p>- Continuar a consolidar os conteúdos técnicos inerentes à modalidade em questão, abordados nas aulas anteriores, através da aplicação de exercícios critério, de situações de jogo reduzido e condicionado, e de jogo formal</p> <ul style="list-style-type: none"> - Encadear, aos conteúdos abordados anteriormente, a Finalização, através de exercícios critério e de jogo reduzido e condicionado - Insistir na compreensão e aplicação das regras inerentes à modalidade, em situação de jogo reduzido e condicionado, e das correctas normas de conduta a ter na aula. 	<p>Formativa</p>	

29	24/05/2011	90'	<ul style="list-style-type: none"> - Posição-Base; - Passe; - Manchete; - Serviço; - Recepção ao serviço; - Posicionamento; - Finalização; 	<ul style="list-style-type: none"> - Continuar a consolidar os conteúdos técnicos inerentes à modalidade em questão, abordados nas aulas anteriores, através da aplicação de exercícios crítico, de situações de jogo reduzido e condicionado, e de jogo formal. - Revisão de todos os conteúdos abordados ao longo das aulas deste Período. - Insistir na compreensão e aplicação das regras inerentes à modalidade, em situação de jogo reduzido e condicionado, e das correctas normas de conduta a ter na aula. 	<p>16- Aplicação de Jogo Formal nas aulas, com o intuito de permitir que os alunos compreendam e apliquem as regras inerentes à modalidade;</p>	Formativa
30	31/05/2011	90'	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação prática, através de exercícios crítico, dos conteúdos abordados ao longo das aulas (Posição - Base; Passe; Manchete; Serviço; Recepção ao serviço; Posicionamento; Finalização; Regras inerentes à modalidade) - Avaliação prática, através de Jogo Reduzido e Formal, da evolução dos alunos no que diz respeito ao Voleibol - Avaliação teórica do conjunto de regras da modalidade em questão, trabalhadas ao longo das aulas 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação dos alunos na modalidade abordada ao longo da Unidade Didáctica, de forma a verificar se houve evolução dos mesmos nos conteúdos trabalhados; - Percepção das dificuldades que se mantêm, ou mesmo novas necessidades que tenham surgido, de forma a trabalhar no futuro em prol da sua evolução; - Avaliação do nível cognitivo dos alunos relativamente às modalidades abordadas nas aulas; 	<p>16- Aplicação de Jogo Formal nas aulas, com o intuito de permitir que os alunos compreendam e apliquem as regras inerentes à modalidade;</p>	Sumativa

Anexo 2. Plano de Aula do 1º Período

Unidade Didáctica de Desportos Colectivos						
Escola: Básica do 2º e 3º ciclo dos Louros	Local: Polidesportivo	Data: 06-12-2010	Hora: 09:50			
Número de alunos:	Turma:	Aula: 21-22	Duração: 90min			
Material necessário: 7 "lenços", 7 coletes, 2 mini balizas, 1 bola de andebol, 1 bola de basquetebol, 1 rede de voleibol, 2 bolas de voleibol e 1 bola de futebol.						
Objectivos Específicos: Recapitulação e aperfeiçoamento dos conteúdos apreendidos. Avaliação prática sumativa dos desportos colectivos						
Parte	Conteúdos/Critérios de Êxito	Condições de realização/Estratégias	Objectivos operacionais	Representação gráfica	TU	TA
INICIAL	- Recepção dos alunos e apresentação do objectivo da aula, dando a compreender todas as componentes que incluem a mesma, passando pela divisão dos grupos, pelas regras, e pelos exercícios a abordar.	- Os alunos, dispostos em "U", virados para o professor, encontram-se em silêncio e atentos às informações transmitidas.	- Transmitir de forma clara e perceptível a informação, conseguindo que os alunos compreendam e cumpram com o que lhes for solicitado.		5'	10h00
	"Jogo da Baliza" - Os alunos têm que passar a linha de fundo da equipa contrária, sem deixar ser barrado e barrando o maior número de adversários. A equipa que obtiver mais pontos, num determinado tempo, ganha.	- Realização do jogo no polidesportivo, ou no espaço de relva, anexo a este, consoante as condições dos espaços em questão. - 2 Equipas distribuídas equitativamente, num espaço limitado, em que cada ponto é contabilizado se estiverem pelo menos 2 colegas de cada equipa atrás da linha de baliza do adversário. Consoante o decorrer do jogo pode ser aumentado o número de alunos a ter que estar atrás da linha de baliza contrária. Os alunos estão organizados em 4 equipas com 4 elementos, dispostos uniformemente ao longo de um espaço de 20 metros. Ao sinal do professor um elemento de cada grupo inicia um percurso de 10 metros tocando no colega mais próximo para que este inicie o seu percurso. O exercício termina assim que completarem duas vezes o seu trajecto, ganhando a equipa que fizer o menor tempo. Posteriormente o exercício é realizado com passagem de um objecto, que estarão colocados nas duas extremidades opostas (4 objectos em cada, com cores diferentes) de forma a transportá-lo para a extremidade oposta do terreno.	- Activar os sistemas cardio-respiratório e músculo-esquelético de forma lúdica. - Criar estratégias para maximizar o resultado em função das suas características (pessoais e morfológicas) e variáveis em "jogo". - Potenciar o trabalho de leitura do outro e escolha da melhor acção, em situação de cooperação com os colegas.		5'	10h05
FUNDAMENTAL	Jogo de estafeta – Transmissão e recepção de um objecto em corrida por equipa. Cooperação, velocidade e coordenação inter-segmentar. Os alunos percorrem um espaço predefinido pelo professor, tendo que tocar num colega para que este inicie a sua corrida procurando atingir a velocidade máxima. Ganha a equipa que transmitir os objectos correctamente percorrendo o espaço no menor tempo.	4 equipas, duas mais proficientes com 4 elementos e outras duas com 3 elementos menos proficientes divididos pelos 2 campos. Ao sinal do professor trocam as funções. Cada equipa tem que ser mista e jogar num campo delimitado por 2 mini-balizas.	- Adquirir a noção de ritmo de passada. - Relação inter-pessoal entre todos os alunos. - Preparação para o exercício seguinte através do gesto de recepção e transmissão de testemunho. - Iniciação à abordagem da disciplina técnica de corrida estafetas através de um jogo lúdico e competitivo. - Desenvolver as capacidades coordenativas e condicionais.		15'	10h20
	Jogo reduzido de Andebol: Colocar a bola na baliza da equipa adversária e procurar que esta não entre na sua baliza, colaborando com a equipa em todo o processo ofensivo e defensivo. Vence a equipa que conseguir concretizar o maior número de golos no tempo definido. - Incidir a actuação no remate em suspensão e a penetração, com oposição (mais proficientes). - Incidir a actuação no deslocamento e colocação da bola na baliza (menos proficientes).	4 equipas, duas mais proficientes com 4 elementos e outras duas com 3 elementos menos proficientes divididos pelos 2 campos. Ao sinal do professor trocam as funções. Cada equipa tem que ser mista e jogar num campo delimitado por 2 mini-balizas.	- Marcar golo dominando e compreendido a relação bola-espaço-adversário-colega-baliza; - Cumprir as regras e objectivos dos jogos, em cooperação com os colegas, respeitando-os.		10'	10h30

Anexo 3. Plano de Aula do 3º Período

Unidade Didáctica de Voleibol						
Escola: Básica do 2º e 3º ciclo dos Louros	Local: Polidesportivo	Data: 26-04-2011	Hora: 11:30			
Número de alunos:	Turma:	Aula: 49-50	Duração: 90min			
Material necessário: 16 bolas de voleibol, rede, 12 cones.		Estagiário:				
Objectivos Específicos: Abordagem da posição-base, deslocamentos antero-posteriores (frente/trás) e laterais, passe de dedos, manchete e serviço: continuação. Recepção ao serviço e Finalização: iniciação.						
Parte	Conteúdos/Critérios de Êxito	Condições de realização/Estratégias	Representação gráfica	TU	TA	
INICIAL	<p>- Recepção dos alunos e apresentação do objectivo da aula, dando a compreender todas as componentes que incluem a mesma, passando pela divisão dos grupos, pelas regras, e pelos exercícios a abordar.</p> <p>Deslocamentos: Em situação lúdica, os alunos correm sobre as linhas do campo de voleibol realizando as seguintes tarefas motoras com a bola de voleibol:</p> <ol style="list-style-type: none"> Passar a bola de entre as pernas, sem tocar no chão. Realizar "skipping" médio frontal, lateral e à retaguarda. Transportar a bola com pequenos toques com os antebraços. Realizar saltos de extensão com a bola. Realizar toques de dedos. Realizar manchete. 	<p>- Os alunos, dispostos em "U", virados para o professor, encontram-se em silêncio e atentos às informações transmitidas.</p> <p>Os alunos encontram-se distribuídos em 2 grupos pelas duas partes do campo de voleibol. Ao sinal do professor realizam as tarefas motoras.</p>		5'	11h35	
	<p>Alongamentos: Os alunos realizam diversos alongamentos que os preparam para a realização das acções seguintes, diminuindo o risco de lesões.</p> <p>Exercícios critério:</p> <ol style="list-style-type: none"> Os alunos realizam passe de dedos para o alto, gritando um nome de um colega que deverá realizar a mesma função. Os alunos, organizados por pequenos grupos, realizam passes de dedos e realizam deslocamentos à retaguarda. Os alunos realizam passes de forma contínua realizando diversos deslocamentos. Os alunos realizam continuamente, recepção, passe e finalização em espaço reduzido. 	<p>Os alunos encontram-se distribuídos em xadrez e realizam alongamentos nas seguintes articulações: Dedos; pulsos; cotovelos; ombros; pescoço; ancas; joelhos; tornozelos.</p> <ol style="list-style-type: none"> Os alunos encontram-se distribuídos em dois grupos de 8 elementos cada. Cada grupo deverá formar um círculo com um aluno (A), com uma bola, no centro do mesmo. O jogo inicia-se quando (A) realizar toque de dedos para cima gritando imediatamente o nome do colega (B) para que este realize a mesma acção. O aluno A, após efectuar a acção troca de posição com o aluno B. Os alunos organizam-se em 6 grupos de 3 elementos cada. Cada grupo deverá colocar-se em fila e de frente para outro grupo. O primeiro aluno, da respectiva fila, realiza o passe para o colega do outro grupo e desloca-se para o final da outra fila. Os alunos organizados em grupos de 3 elementos, onde o aluno (A) deverá realizar passes difíceis para o aluno (C) que deverá, estar à frente realizando deslocamentos diversos. Assim que a bola se perder o aluno (B) deverá assumir as funções do aluno A. Ao sinal do professor os alunos trocam de funções. Os alunos encontram-se organizados em dois grupos homogéneos, 	<p>Os alunos encontram-se distribuídos em 2 grupos pelas duas partes do campo de voleibol. Ao sinal do professor realizam as tarefas motoras.</p>		10'	11h45
FUNDAMENTAL	<p>Exercícios critério:</p> <ol style="list-style-type: none"> Os alunos realizam passe de dedos para o alto, gritando um nome de um colega que deverá realizar a mesma função. Os alunos, organizados por pequenos grupos, realizam passes de dedos e realizam deslocamentos à retaguarda. Os alunos realizam passes de forma contínua realizando diversos deslocamentos. Os alunos realizam continuamente, recepção, passe e finalização em espaço reduzido. 	<p>Os alunos encontram-se distribuídos em xadrez e realizam alongamentos nas seguintes articulações: Dedos; pulsos; cotovelos; ombros; pescoço; ancas; joelhos; tornozelos.</p> <ol style="list-style-type: none"> Os alunos encontram-se distribuídos em dois grupos de 8 elementos cada. Cada grupo deverá formar um círculo com um aluno (A), com uma bola, no centro do mesmo. O jogo inicia-se quando (A) realizar toque de dedos para cima gritando imediatamente o nome do colega (B) para que este realize a mesma acção. O aluno A, após efectuar a acção troca de posição com o aluno B. Os alunos organizam-se em 6 grupos de 3 elementos cada. Cada grupo deverá colocar-se em fila e de frente para outro grupo. O primeiro aluno, da respectiva fila, realiza o passe para o colega do outro grupo e desloca-se para o final da outra fila. Os alunos organizados em grupos de 3 elementos, onde o aluno (A) deverá realizar passes difíceis para o aluno (C) que deverá, estar à frente realizando deslocamentos diversos. Assim que a bola se perder o aluno (B) deverá assumir as funções do aluno A. Ao sinal do professor os alunos trocam de funções. Os alunos encontram-se organizados em dois grupos homogéneos, 	<p>Os alunos encontram-se distribuídos em xadrez e realizam alongamentos nas seguintes articulações: Dedos; pulsos; cotovelos; ombros; pescoço; ancas; joelhos; tornozelos.</p> <ol style="list-style-type: none"> Os alunos encontram-se distribuídos em dois grupos de 8 elementos cada. Cada grupo deverá formar um círculo com um aluno (A), com uma bola, no centro do mesmo. O jogo inicia-se quando (A) realizar toque de dedos para cima gritando imediatamente o nome do colega (B) para que este realize a mesma acção. O aluno A, após efectuar a acção troca de posição com o aluno B. Os alunos organizam-se em 6 grupos de 3 elementos cada. Cada grupo deverá colocar-se em fila e de frente para outro grupo. O primeiro aluno, da respectiva fila, realiza o passe para o colega do outro grupo e desloca-se para o final da outra fila. Os alunos organizados em grupos de 3 elementos, onde o aluno (A) deverá realizar passes difíceis para o aluno (C) que deverá, estar à frente realizando deslocamentos diversos. Assim que a bola se perder o aluno (B) deverá assumir as funções do aluno A. Ao sinal do professor os alunos trocam de funções. Os alunos encontram-se organizados em dois grupos homogéneos, 		5'	11h50
				30'	12h20	

				<p>cada um de um lado do campo em fila indiana e voltados para a rede. Um aluno de cada grupo encontra-se junto à rede e assumirá funções de passador enquanto outro apenas irá procurar efectuar a recepção da bola. O exercício inicia-se ao apito do professor, devendo trocar de posição após efectuar o ataque.</p> <p>Os alunos distribuídos uniformemente pelos dois lados do campo, parte deles executam o serviço e outra parte recepçiona, através de manchete ou toque de dedos. Ao longo do exercício vão alternando as suas funções.</p> <p>Os menos proficientes realizam na linha de 3m, enquanto os mais proficientes realizam na linha final.</p>	10'	12h30
	<p>Serviço e recepção: os alunos atrás da linha dos 3m executam o serviço para o colega o recepcionar.</p>			<p>Três equipas homogêneas de 6 elementos realizam jogo formal de forma rotativa. A equipa que estiver fora realiza jogo reduzido de 3x3. Vence a equipa que alcançar os primeiros 10 pontos, sendo a equipa contrária substituída.</p> <p>- Os alunos, dispostos em "U", virados para o professor participam activamente na aula, dando o seu testemunho sempre que solicitado.</p>	20'	12h50
FINAL	<p>Balanço Final da aula.</p>				5'	12h55

Balanço/Observações:

Anexo 4. Critérios de Avaliação: Grelha Valorativa para os CEF (Educação Física)

Nome: _____ Nº: _____

Encarregado/a de Educação: _____

DOMÍNIO SÓCIO-AFECTIVO	VALORAÇÃO MÁXIMA	CLASSIFICAÇÃO POR PERÍODO		
		1º	2º	3º
Responsabilidade	2			
Respeito (pelos professores e colegas)	2			
Comportamento e postura na sala de aula	2			
Interesse e empenho nas tarefas realizadas	2			
Assiduidade	1			
Pontualidade	1			
TOTAL	10			
DOMÍNIO PSICOMOTOR	VALORAÇÃO MÁXIMA	CLASSIFICAÇÃO POR PERÍODO		
		1º	2º	3º
Execução correcta das técnicas	3			
Aplicação das técnicas no jogo	3			
Conhecimento das regras teóricas, fichas de trabalho e testes	2			
Evolução da execução técnica	2			
TOTAL	10			

1º PERÍODO _ _ _

2º PERÍODO _ _ _

3º PERÍODO _ _ _

NOTA FINAL: _____

Anexo 5. Ficha de Observação geral das Aulas

PROFESSOR ESTAGIÁRIO _____

ANO/TURMA _____

DATA ____/____/____

HORA _____

LOCAL _____

AVALIADOR _____

	SIM	NÃO
1. Início da aula		
1.1. Supervisiona a entrada dos alunos na sala de aula		
1.2. Explícita, de forma clara, as aprendizagens (conteúdos e objectivos) bem como as tarefas a realizar na aula		
1.3. Efectua a articulação das aprendizagens a realizar com aprendizagens anteriores		
1.5. Inicia a aula com recurso a alguma forma de motivação dos alunos		
2. Selecção, organização e abordagem dos conteúdos		
2.1. A selecção dos conteúdos pautas e por critérios de actualidade, relevância, essencialidade, amplitude e profundidade adequadas		
2.3. Mostra segurança no desenvolvimento dos conteúdos, não incorrendo em erros ou imprecisões		
2.5. Recorre a exemplos pertinentes na exploração dos conteúdos relacionados com as vivências dos alunos		
3. Estratégias de ensino e aprendizagem		
3.1. Mantém os alunos activamente envolvidos nas tarefas propostas		
3.2. Diferencia as actividades de aprendizagem em atenção às características dos alunos		
3.3. Orienta o trabalho dos alunos com base em instruções precisas, visando a sua concentração e a autonomia na realização das tarefas		
3.4. Utiliza o método expositivo de modo adequado, designadamente na realização frequente de sínteses de aprendizagem		
3.5. Através do diálogo, apoia os alunos na construção do conhecimento		
3.7. Propõe actividades de apoio a alunos que revelem dificuldades de aprendizagem		
4. Organização do trabalho		
4.1. Diversifica os modos de organização do trabalho (grupo turma, trabalho de grupo, trabalho de par, trabalho individual..)		
4.2. Desloca-se pela sala para estimular a atenção dos alunos		
4.3. Promove o trabalho cooperativo e a entreaajuda entre os alunos		
5. Utilização de recursos		
5.1. Os recursos são adequados aos objectivos e aos conteúdos		
5.2. Os recursos estão adequados ao nível etário e ao interesse dos alunos		
5.3. Aproveita as possibilidades didácticas de recursos variados (manual, fotocópias, vídeos, fotografias....)		
5.4. Utiliza recursos inovadores, incluindo as tecnologias da informação e da comunicação (computador, vídeo, multimédia, quadro interactivo)		
6. Relação pedagógica, comunicação e clima na sala		
6.1. Mostra-se próximo dos alunos sem diminuir o nível de exigência		
6.2. Expressa-se de forma correcta, clara e audível		

6.3. Estimula e reforça a participação de todos os alunos									
6.4. Demonstra confiança nas possibilidades de aprendizagem de todos os alunos e atende às suas diferenças individuais									
6.5. Gere com segurança e flexibilidade situações problemáticas e conflitos interpessoais									
6.6. Mostra-se firme em relação ao respeito pelas regras indispensáveis ao funcionamento da aula									
6.7. Reforça, com frequência, os comportamentos adequados dos alunos									
7. Avaliação das aprendizagens									
7.2. Propõe outras tarefas aos alunos em função de erros e dificuldades identificadas									
7.3. Comunica e analisa com os alunos resultados da avaliação das aprendizagens									
8. Conclusão da aula									
8.1. Efectua uma síntese global dos conteúdos tratados na aula									
8.3. Anuncia o assunto da próxima aula estabelecendo ligações com os conteúdos abordados									
9. Apreciação geral									
9.1. Pontos fortes e pontos fracos; sugestões e recomendações									
9.2. Apreciação qualitativa (Insuficiente; Regular; Bom; Muito Bom; Excelente)									
Abordagem dos conteúdos	Estratégias de ensino e aprendizagem	Organização do trabalho	Utilização de recursos	Comunicação	Relação pedagógica	Avaliação dos alunos	Relação plano/aula		

Anexo 6. Regulamento da Acção de Intervenção na Comunidade Escolar “Louros Tradicionais”

Dia e duração da actividade: 1 de Junho das 14h30-16h30, no polidesportivo.

Formação de equipas: As equipas devem ser constituídas por 4 elementos, constituídos por alunos e pelo menos 1 professor ou funcionário.

Inscrições: estas ficam a cargo dos alunos e realizam-se junto do Professor de Educação Física da turma, onde devem indicar o nome dos participantes, qual o cargo e nome da equipa.

Estações:

ESTAÇÃO 1 - “Corrida da Batata”: Duas equipas em competição procuram completar um percurso de ida e volta o mais rapidamente possível, transportando uma colher de sopa na boca com uma batata. A prova termina quando todos os elementos realizarem o percurso. Os participantes apenas poderão deslocar-se com o respectivo objecto. A equipa vencedora deverá receber 10 pontos.

ESTAÇÃO 2 - “Chinquilho Adaptado”: Duas equipas em competição procuram obter o maior número de pontos, através do arremesso de bolas de ténis de mesa para um conjunto de alvos colocados a uma determinada distância. Os participantes de cada equipa, um por um, devem colocar a cara dentro de um recipiente com farinha e bolas de ténis de mesa misturadas, e devem procurar retirar uma dessas bolas de dentro do recipiente, recolhendo-a apenas com a boca, sem utilizar outro meio para auxiliar. Após conseguirem realizar essa acção, devem passar a bola da boca para a mão, deslocar-se para um ponto pré-definido, e tentar, escolhendo a opção que considerarem mais correcta, acertar num dos diferentes alvos que lhes serão apresentados. Após um dos participantes efectuar todo este processo, outro participante da mesma equipa deve partir e efectuar o mesmo. Acaba quando todos os elementos de cada uma das equipas terminarem o percurso. No final, será feita a contabilização do total de pontos de cada uma das equipas, de forma a deliberar o vencedor.

ESTAÇÃO 3 - “Corrida de obstáculos”: Duas equipas em competição procuram ultrapassar um conjunto de obstáculos, o mais rapidamente possível, e sem lhes tocar ou derrubar. Os elementos, um por um, devem encontrar as melhores estratégias para transpor um conjunto de obstáculos, sendo que estes obstáculos estão colocados, formando um percurso. O jogo termina quando todos os elementos de ambas as equipas tiverem transposto o conjunto de obstáculos. A equipa que finalizar primeiro a prova deverá receber uma bonificação de 10 pontos.

ESTAÇÃO 4 - “Jogo das Sacas”: Jogo disputado no espaço adjacente (relvado), tendo por objectivo a realização de um percurso de “vai e vem”, deslocando-se dentro de uma saca de ráfia. O percurso é realizado à vez e é finalizado quando todos tiverem efectuado o mesmo. O participante deve deslocar-se com a saca nas pernas, não devendo a mesma ser retirada em qualquer momento. Caso o participante retire a saca das pernas ou caia, deverá voltar ao início do percurso, devendo realizá-lo de novo. Quando o mesmo chegar ao fim do percurso, deverá passar a saca de ráfia a outro elemento da mesma equipa, sendo que esse deverá realizar o mesmo percurso, e assim sucessivamente. Ganha a equipa que realizar o percurso o mais rapidamente possível, sendo que todos os elementos de cada uma das equipas devem realizar a prova. A equipa vencedora ganha uma bonificação de 15 pontos.

ESTAÇÃO 5 - “Constrói a frase”: Duas equipas em competição procuram formar uma frase “Louros a mexer” através da angariação de letras que se encontram numa “piscina”. Cada elemento da equipa apenas pode transportar uma letra, podendo realizar a prova apenas um elemento à vez. As letras encontram-se espalhadas dentro da piscina, e ao serem encontradas pelos alunos, devem ser colocadas numa plataforma apropriada, tendo em conta a ordem necessária para que a frase tenha sentido. Ganha a equipa que conseguir encontrar as letras, e consequentemente formar a frase o mais rapidamente possível, respeitando as regras inerentes ao jogo em causa.

ESTAÇÃO 6 - “Prova de alimentos”: À frente de cada participante será colocado um alimento (polpa de fruta), onde este de olhos vendados terá que provar e acertar, consoante o sabor, de qual fruto se trata. Todos os elementos deverão realizar esta acção. Por cada resposta correcta cada equipa terá uma bonificação de 3 pontos.

NOTA: cada equipa deverá cumprir a numeração relativa a cada uma das estações, respeitando a rotatividade indicada pelos números e/ou pelos responsáveis. As equipas apenas poderão mudar de estação após o sinal sonoro que será indicado, através de apito, a cada intervalo de 5'.

Penalizações: cada equipa será penalizada em 5 pontos, caso algum elemento adopte comportamentos incorrectos ao longo do jogo, tais como, incumprimento das regras, palavrões, agressões e faltas de respeito para com os responsáveis ou colegas.

Duração dos jogos: cada estação terá uma duração de 5', em que todos os elementos têm que cumprir a mesma. No total a actividade terá uma duração de 1h30min.

Classificação: esta será efectuada após o somatório de todos os pontos conseguidos ao longo dos jogos cumpridos, ganhando a equipa que conseguir a maior pontuação. No caso de empate, o critério para apurar o vencedor será de acordo com o menor número de penalizações obtidas.

No final da actividade será distribuído um prémio para a equipa vencedora.

ORGANIZAÇÃO

CO-ORGANIZAÇÃO

Anexo 7. Ficha Biográfica da Caracterização das Turmas



Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros

FICHA BIOGRÁFICA DO ALUNO

O presente questionário insere-se no âmbito do Estágio do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade da Madeira. O objectivo é recolher dados úteis acerca dos alunos, de forma a que seja realizada uma caracterização da turma em questão e posteriormente seja efectuado um estudo de caso. Assim, para que possam ser recolhidos dados pertinentes que contribuam veracidade à investigação solicitamos a sua colaboração sincera.

O Grupo de Estágio:

Identificação

Nome _____	Ano _____	Turma _____
Número _____		
Data de Nascimento ____/____/____	Morada _____	
Localidade _____	Concelho _____	Distrito _____
Naturalidade _____	Concelho _____	Distrito _____

Agregado Familiar

Constituição do agregado familiar : Pai ____ Mãe ____ Irmãos ____ Quantos? ____		
Idades _____		
Profissão _____		
Outros _____		
Com quem vives? Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Irmãos <input type="checkbox"/> Avós <input type="checkbox"/> Outros _____		
Idade do Pai ____	Habilitações literárias: _____	Profissão _____
Idade da Mãe ____	Habilitações literárias: _____	Profissão _____
Situação dos pais: (Assinala com um “ x “)		
Em qual das situações os teus pais se encontram? Casados <input type="checkbox"/> Separados <input type="checkbox"/> Solteiros <input type="checkbox"/>		
Ausentes: Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Falecidos: Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>		
Nome do Enc. de Educação _____		Grau de Parentesco _____
Telefone (____) _____		

Meios de Transporte para a Escola/ Tempo Gasto

Qual o meio de transporte que utilizas, para chegares à escola? (Assinala com um “x”)
 A pé Transporte particular Transporte colectivo Outro

Quanto tempo gastas diariamente no teu deslocamento?

Alimentação

Que refeições costumas comer durante o dia? (Assinala com um “x”)

Pequeno-almoço _____	Meio da manhã _____	Almoço _____	Lanche _____	Jantar _____
7horas <input type="checkbox"/>	10 horas <input type="checkbox"/>	12 horas <input type="checkbox"/>	15 horas <input type="checkbox"/>	19 horas <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>				
8horas <input type="checkbox"/>	11 horas <input type="checkbox"/>	13 horas <input type="checkbox"/>	16 horas <input type="checkbox"/>	20 horas <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>				
9 horas <input type="checkbox"/>		14 horas <input type="checkbox"/>	17 horas <input type="checkbox"/>	21 horas <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>				
		15 horas <input type="checkbox"/>		Depois das 21 horas <input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>		

Costumas comer antes das aulas de Ed. Física? Sim Não

Se respondeste “sim”, O que costumás comer/beber ?
 Sandes iogurtes fruta chocolates Leite Sumos Outros
 Quais? _____

Com que tempo de antecedência?
 Menos de 15 minutos mais de 15 minutos mais de 30 minutos

Dados relativos à Saúde

Peso _____ Kg **Altura** _____ Cm

És portador de alguma destas doenças? (Assinala com um “x”)
 Asma Bronquite Diabetes Epilepsia
 Problemas Cardíacos Problemas de coluna Outros Quais ?

Tomas algum medicamento regularmente? Sim Não Se sim, qual:

Antecedentes Escolares

Reprovaste alguma vez? (Assinala com um “x”)
 Sim Não Se sim, quantas vezes: _____ Em que ano (s) _____

Indica quais os motivos: Doença Falta de estudo Excesso de faltas
 Mudança de escola Problemas familiares Falta de apoio em casa Amigos
 Falta de apoio dos professores Falta de tempo para estudar Outros
 Quais? _____

Condições e Hábitos de Estudo

A que horas te levantas? _____ horas **A que horas te deitas?** _____ horas

Se te deitas depois das 22 horas, indica a razão? (Assinala com um “x”)
 Ver televisão Estudar Treino Outras Quais ? _____

Tens alguma manhã ou tarde livre? Sim Não Se sim, o que fazes? _____

Costumas estudar: Sozinho Acompanhado

Em casa onde estudas? _____ **É possível estudar sozinho?** _____

Quantas horas costumas estudar por dia ? Assinala (para cada disciplina).
 Educação Física Etc Etc Etc Etc
 Etc Etc Etc Etc

Onde preferes estudar?
 Biblioteca Sala de estudo Café Casa Outro Qual _____
 Justifica a tua escolha _____

Quando é que estudas ? Regularmente Só para os testes Quando te obrigam

Os teus Pais interessam-se pelo teu estudo? Sim Não De que forma?
 Ajudando nos trabalhos de casa Contactando com o director de turma Vendo com frequência os teus cadernos De outra forma Qual? _____

Qual a atitude dos teus Pais perante os resultados escolares?
 Apoio Compreensão Castigo Interesse Desinteresse

Os teus Pais demonstram interesse pela Disciplina de Educação Física? Sim Não

Quais as tuas disciplinas preferidas? (Indica por ordem de preferência)
 1ª _____ 2ª _____ 3ª _____
 4ª _____ 5ª _____

Quais as tuas disciplinas em que tens mais dificuldades ? (Indica por ordem decrescente de preferência)
 1ª _____ 2ª _____ 3ª _____
 4ª _____ 5ª _____

Aluno

Quais das seguintes qualidades pensas possuir?
 Compreensão Atenção Simpatia Confiança Responsabilidade Facilidade em fazer amigos

Quais dos seguintes defeitos pensas possuir (escolhe apenas 3)
 Egoísmo agressividade Desconfiança Distracção Dificuldade em contactar com os outros

Até que anos de escolaridade pensas estudar? _____

Qual o curso ou profissão que pretendes seguir? _____

Actividade Física

Praticas actividades física, para além da Aula de Educação Física? (Assinala com um “x”)
 Sim Não

Se sim qual? Andar de bicicleta jogar à bola correr nadar outras _____

A que nível? Federado Desporto Escolar Outros _____

Quantas horas semanais? _____ Horas Jogos _____

Com quem realizas a actividade? Pais Amigos Namorado (a) Outros _____

Educação Física

Gostas de Educação Física? (Assinala com um “x”)
 Gosto muito gosto gosto pouco não gosto nada

Porque gostas das aulas de Educação Física?
 Gosto de jogar com os colegas Divirto-me e o tempo passa Gosto de gastar energia
 Gosto da maneira como o professor ensina Faço actividades de que gosto Promove a saúde
 Aprende-se jogos que se pode utilizar nos tempos livres Aprende-se habilidades desportivas

Professor de Educação Física

Características que menos aprecias no professor de Educação Física? (Assinala com um “x”)

Exigência Pontualidade Compreensão Simpatia Sentido de Justiça

Quais as qualidades que mais aprecias no professor de Educação Física. Assinala com um “x”

Amizade compreensão competência Pontualidade justiça exigência

autoridade responsabilidade simpatia outros Quais ? _____

Qual é o tipo de aulas que preferes? Assinala com um “x”

As que se utiliza meios audio-visuais Os alunos trabalham individualmente

Os alunos trabalham em grupo Os alunos demonstram ou expõem a matéria

O professor deixa o aluno participar

Obrigado pela tua colaboração! ☺

Anexo 8. Resumo da Acção Científico-Pedagógica Individual - “Contributos do Ensino da Educação Física na Formação Integral dos Alunos”

Resumo

O presente trabalho tem como propósito demonstrar a importância que a Formação Integral, no âmbito escolar, tem no desenvolvimento eclético e harmonioso dos alunos, e como a Educação Física, através das suas particularidades e especificidades, pode ser uma disciplina que potencia esta formação, caso a sua leccionação seja adequada às necessidades e características dos jovens. De forma a possibilitar esta formação integral, é necessário que exista uma relação de inter-ligação dos três Domínios: Psicomotor, Cognitivo e Sócio-Afectivo, para que seja criado um equilíbrio no desenvolvimento dos alunos.

No entanto, para isso ser possível, a actuação do professor de Educação Física, nas suas aulas, deve ter em conta não o rendimento desportivo e o aperfeiçoamento técnico, mas sim o conjunto de transformações que se deseja que os alunos sofram, com o intuito de que estes evoluam e que ganhem conhecimentos e competências que vão para além das capacidades físicas e motoras, alargando-se a toda a sua vida, tanto pessoal como profissional.

Assim, a Educação Física deve servir como instrumento potenciador da formação integral dos alunos, devendo ser aproveitadas as suas características únicas, o que implica que os seus docentes direccionem todo o processo de ensino-aprendizagem nesse sentido.

Palavras-chave: Educação Física; Formação Integral; Domínios; Docência

Anexo 9. Resumo da Acção Científico-Pedagógica Colectiva

Como futuros docentes devemos estar preparados para encontrar todo o tipo de alunos, com necessidades e níveis de aprendizagem diferentes, assim como características que lhes são próprias e compete-nos saber contorná-las e ultrapassá-las, de modo a fornecer aos alunos um processo de ensino-aprendizagem o mais adequado e eficaz possível.

Em 1990 realizou-se, na Tailândia, a “*Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem*”, onde foi expresso que “cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem” (UNESCO, 1990). Ou seja, todos os indivíduos têm direito à Educação, onde esta deve facultar todas as condições para que possam desenvolver-se plenamente, sem qualquer tipo de exclusão.

A Escola deve ser inclusiva e estar preparada para abarcar todo o tipo de alunos, até mesmo os portadores de necessidades educativas especiais (NEE’s), onde deve zelar pela integridade física e mental dos mesmos. Assim, e sabendo que todos têm direito à Educação, pode-se encontrar dentro das escolas alunos com variadíssimas necessidades e particularidades, nomeadamente alunos com Necessidades Educativas Especiais. Este termo, tal como referem Diaz e Herrera (2006) procura normalizar a forma como os alunos que nela se inserem são vistos, pois os mesmos costumam estar associados a outros termos pejorativos, tais como “deficiência”, “invalidez”, “incapacidade”, entre outros.

Em 1994 surge a “*Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*”, uma proclamação que reuniu noventa e dois países e vinte e cinco organizações internacionais e que vem reforçar o papel das escolas para com estes alunos.

Na Declaração de Salamanca foi então aclamado que “as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades”, assim como “as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias,

criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos” (UNESCO, 1994).

Então, e tal como refere Ferreira (n/d), coloca-se a questão da escola inclusiva, pois, como o autor defende, “este tratamento diferenciado que deve existir em relação ao aluno portador de deficiência (inclusão na sala comum, com eventual sala de reforço), visa tão-somente a garantir a aplicação do princípio da igualdade, como expressão máxima da cidadania”, sendo que o referido tratamento considerado desigual procura na realidade a existência de igualdade entre os alunos com Necessidades Educativas Especiais e os restantes alunos.

Contudo, surgem diversos obstáculos que por vezes não proporcionam essa igualdade de oportunidades e dificultam a integração destes alunos, como é o caso das barreiras, tanto as arquitectónicas como as psicológicas. Serão evidenciadas quais as principais barreiras que estes alunos se deparam actualmente nas escolas, barreiras estas que derivam de diversos factores associados à preparação que estas instituições de ensino têm para receber alunos com estas especificidades e características, que os tornam únicos.

Serão apontadas especificamente dois tipos de deficiência, a visual e a auditiva, onde se procederá à sua caracterização e ligação com a disciplina de Educação Física.

Anexo 10. Questionário da Acção Científico-Pedagógica Colectiva

“Estratégias de intervenção e inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE’s), nas aulas de Educação Física, abordagem específica das deficiências Auditivas e Visuais”

Questionário

Este questionário visa obter informações relativas ao grau de satisfação dos participantes nas Acção Científico-Pedagógica Colectiva *“Estratégias de intervenção e inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE’s), nas aulas de Educação Física, abordagem específica das deficiências Auditivas e Visuais”*, para posterior balanço e avaliação da mesma. Para tal, gostaríamos que respondesse de forma mais sincera possível.

1. Pertinência da acção			
Nada pertinente	Pouco pertinente	Pertinente	Muito pertinente

2. Grau de satisfação pessoal atingido com a participação na Acção			
Nada satisfeito	Pouco satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito

3. Adequação/qualidade do espaço escolhido				
Muito fraco	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom

4. Duração da acção				
Muito curta	Curta	Adequada	Longa	Muito longa

5. Organização geral da acção				
Muito fraca	Fraca	Razoável	Boa	Muito boa

6. Clareza e segurança na exposição da acção				
Muito fraca	Fraca	Razoável	Boa	Muito boa

7. Observações/sugestões:				

Obrigada pela sua colaboração!